



Je ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

MEDEIROS E ALBUQUERQUE



SURPREZAS...

FLORES E MANO

c/6.

Vale
conservar
Lafu

SURPREZAS...



MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Da Academia Brasileira

SURPREZAS...

(CONTOS)

FLORES & MANO — editores

Rua do Ouvidor, 145 — RIO — 1934

A Fernando Nery

*Com a extraordinaria amizade, rara
e fiel competencia literaria e apre-
ciação das suas altas qualidades,
durante dezenas de anos.*

INDICE

Surpresas	9
O Gatuno	19
A estréa de Cinira Leste	31
O 3-75	47
O velho Bastos	65
Evviva Nerone	81
O retrato de D. Tubância	99
A sombrinha de tia Eulalia	109
A que soube vingar-se	125
O diario	141
O testamento	153
Freudismo	167
Vê-la e amá-la	179
Menelik, o leão	195
Volta ao passado	209

SURPREZAS...

O trem da 1 hora da tarde parou na pequena estação do lugarejo e dele deceu o unico passageiro. Era Raul.

Como não tivesse prevenido ninguem, ninguem o esperava. Sabia, porém, haver perto da estação um sujeito alugador de cavalos e foi em sua procura.

O sujeito o conhecia. Admirou-se de vê-lo. Mostrou-se, entretanto, com isso muito alegre.

— Ao senhor eu não alugo nada. Escolha qualquer cavalo e leve-o. Depois mandarei á fazenda buscá-lo ou o senhor manda trazê-lo.

E falara um pouco da morte do pai de Raul, o Dr Edmundo, que sucumbira menos de um mez antes e era o proprietario da maior fazenda dos arredores.

O homem admirava-se de ninguem ter vin-

do esperar o Dr Raul. Mas este lhe explicou desejar fazer uma surpresa a sua mãe e não a ter por isso prevenido de sua chegada. Todos a ignoravam.

Aceitou o cavalo emprestado e seguiu.

O pai de Raul tinha sido um grande engenheiro. Quando, muito moço, quiz casar-se, a família da noiva opôz-se. Claramente o pai dela lhe deu a entender considerá-lo um caçador de herdeiras ricas. Porque Irene, a moça por ele desejada para esposa, teria quando o pai morresse, tresentos ou quatrocentos contos.

Edmundo, ao perceber o motivo da opposição, especificou bem claramente só casaria com separação de bens e administração distinta. Disse mesmo ao futuro sôgro que aconselhasse a filha, indicando quem ela devia consultar sobre essa administração, porque em hipótese alguma ele interviria nisso, mesmo com a mais simples opinião.

E foi assim que afinal se fez o casamento.

Nesse tempo, Edmundo era um engenheirinho de valor muito secundario. Ganhava pouco. Mas atirou-se ao trabalho com um ardor febril e rapidamente foi subindo de cota-

ção, empreitando obras cada vez maiores até fazer uma fortuna colossal.

O sôgro morreu. A mulher herdou perto de quatrocentos contos. Varias vezes tentou consultá-lo sobre o emprego desse dinheiro. Mas ele se recusava sempre formalmente.

Beijava-a, abraçava-a, mas respondia-lhe haver tomado o compromisso de não intervir jamais na administração dos bens dela. O pai não lhe havia indicado a quem recorrer para isso? Ela confirmava o fato. E Edmundo concluía:

— Eu ignoro e quero ignorar quanto você possue. O essencial é você em hipótese alguma precisar recorrer aos seus bens para satisfazer suas necessidades e até os seus caprichos.

E, de fato, ele lhe satisfazia mesmo os desejos de mais despropositado luxo.

Alguns anos depois do sôgro morrer, ele veio a saber ter a mulher dissipado tudo. Ao dado por ele, ela juntava o excesso de joias caras. O que não gastou nisso, perdera em transações infelizes, indicadas pelo conselheiro a quem o pai lhe dissera recorresse, na administração de seus bens.

Tinham tido um filho, o Raul. O pai encaminhara-o para o estudo de engenharia, e o moço fez um curso brilhante.

Infelizmente, quando o terminou, o pai estava paraplegico.

Viviam então na Capital. Habitavam grande casa no centro de um admirável jardim. O edificio tinha á altura do primeiro andar uma larga varanda. De manhã, os criados ajudavam o velho engenheiro a sentar-se na espreçadeira em que passava os dias, lendo e cismando.

A vida da mulher se transformára muito. Pouco parava em casa. Quando parava, grande parte do tempo consumia-a ao telefone.

Edmundo, quando o filho terminou o curso, quiz que ele fosse fazer um estagio de dois anos nos Estados-Unidos. Parecia-lhe que esse era um remate necessario para qualquer curso de engenharia.

Raul partiu, triste. Ele sentira nos ultimos tempos uma mudança evidente no caráter do pai. Lembrava-se mesmo que certa ocasião, quando o criado annunciou a visita do comandante Gabriel á mulher e que este partira, sem

entrar, porque ela não estava, o velho agitara frenetico, num gesto de furor e de ameaça impotente, o braço direito.

Não vira o filho que entrara pela parte da varanda a que voltava as costas. Raul ainda o encontrara com o punho cerrado e o rosto verdadeiramente demudado de furor.

— Que é isso, papai?

O velho não respondeu. Raul perguntou em vão a si mesmo o que poderia querer dizer a aquele acesso de cólera paterna. Que lhe fizera o visitante?

Depois, forçado pelo pai, partira para os Estados Unidos. Em Chicago, quatro mezes apoz haver chegado, encontrara o laconico telegrama da mãe anunciando a morte do marido e pedindo-lhe que ou viesse ou mandasse procuração para que ela o representasse. Ele respondeu que voltaria o mais depressa possível.

E voltou imediatamente. Não quiz, porém, prevenir ninguém. Para que? Causaria á mãe uma surpresa agradável.

Chegado num dia e sabendo que a mãe fôra para a fazenda, para lá partira no seguinte.

Ignorava absolutamente o estado dos negócios do pai e da mãe. Pois que o pai morrera, a esta contava dedicar-se e, embora na amargura de não mais vêr o seu maior amigo, tinha um certo prazer na consolação de achar-se de novo perto da mãe. E' bem verdade que ultimamente não era tão carinhosa como outrora; mas não tinha dela queixa alguma. Estava ainda forte e formosa, e ele queria ter o orgulho de trabalhar a seu lado, levando-a por toda parte, mostrando-a perto dele.

Seguiu para a fazenda. Fazia um sol abrazador. Sebes de espinheiros ladeavam o caminho. Os arbustos estavam desfolhados, sêcos. Sêcos, mirrados, queimados pelo sol estavam os capinzais. Longe via-se um morro, despido de vegetação. Parecia que alguém o raspava cuidadosamente: era um bloco de granito. No calor formidável daquela hora canicular, a tremulina das particulas de pó fazia parecer que se via o ar vibrando. A cada passo que o cavalo dava, levantava nuvens de poeira.

No caminho ele encontrou um preto, bem encostado a uma sebe de espinheiro, dormindo, de papo para o ar, meio descomposto. Devia

estar embriagado. Corria-lhe um fio de baba da boca entreaberta. Moscas pousavam nele. Era nojento..

Quando Raul se aproximou da cancela da fazenda, cães avançaram, mas reconhecendo-o. começaram a saltar, festejando-o.

Amarrou o cavalo a um tronco de arvore e entrou em casa. Esta era um sobrado de um andar. Em baixo, havia a sala de visitas e a de jantar, enormes, a cozinha e acomodações para criados. No primeiro andar, estava o quarto dos pais, o dele e o destinado aos hóspedes.

Uma criada, precisamente a criada que costumava servir a mãe, reconheceu-o e teve uma expressão de terror.

Raul gracejou:

— O' rapariga, eu não sou uma alma do outro mundo! Onde está mamãe?

A criada indicou que estava no primeiro andar e ia precipitar-se para preveni-la, quando Raul a segurou vigorosamente e obrigou-a a retroceder.

— Fica quieta! Eu sei o caminho.

E subiu. Subiu, de vagarinho.

A casa parecia morta e deshabitada. Ele viu que a porta do quarto da mãe estava apenas encostada, a do quarto dos hóspedes aberta.

Espiou primeiro para este e viu que se achava vazio. Alguem, entretanto, ocupara o leito, porque ainda estava desarrumado.

Quem podia ter sido?

Abriu então, de vagarinho, a porta do quarto da mãe. Gozava de antemão a deliciosa surpresa, que ia fazer-lhe. Áquela hora, segundo o costume, devia ela estar dormindo a sesta. Acordá-la-ia com um beijo. Quantas vezes o tinha feito!

No momento, porém, em que a porta semi-aberta lhe permitiu vêr o largo leito dos pais, gelou-o um assombro. A mãe dormia. Mas ao lado dela, dormindo também, havia um homem, cujo braço estava passado por baixo do pescoço dela. Era o comandante Gabriel.

O seu primeiro impeto foi sacar do revólver, que tinha no bolso, e liquidar os dois. Uma nuvem de sangue passou-lhe diante dos olhos. Mas a reação veio logo. Que direito tinha ele, agora, de impedir os amores da mãe? Lembrou-se, é certo, do gesto de furor do pai, ges-

to por ele surpreendido. O caso vinha, portanto, de traz. Mas si, estando o pai vivo, teria talvez o direito de ir até o assassinato de quem lhe manchava o lar, agora, não. A mãe era livre.

E foi recuando, decendo de vagarinho a escada.

Na véspera, nas poucas horas que estivera na cidade, soubera que o testamento paterno o constituia herdeiro universal.

O sôgro do velho engenheiro morto tinha querido o casamento da filha com separação de bens, para protegê-la. A medida se voltava agora contra ela. O marido, com pleno direito de fazê-lo, a desherdara completamente.

Raul, ao saber disso, se admirara. Pareceu-lhe que o pai deixara o caso a seu cuidado e não teve duvida alguma em que repartiria com a mãe, meio a meio, toda a grande fortuna que ia receber

Mas, agora, diante do que vira, recordando o gesto de furor impotente do pai, não tinha duvida que, antes de morrer, este já sabia o que se passava. E bem provavelmente isso devia ter apressado a sua morte.

Resolveu que aceitaria a herança tal qual — e faria doação da metade a algum estabelecimento pio. Responderia assim aos que attribuissem o seu procedimento á avidez.

Quando chegou ao sopé da escada, segurou pelo punho colericamente a criada da mãe, ordenando-lhe que o seguisse. Tomou então um cartão de visita, escreveu num canto “a despedir-se” e recomendou á rapariga que o entregasse á mãe; mas só quando ela acordasse. Não fosse acordá-la para isso. Era uma cousa sem importancia.

Minutos depois o seu cavallo voltava a galope. Pôde apanhar o trem que passava naquele instante e dois dias após voltava para Nova-York. Quando a mãe lhe escrevia, ele lhe devolvia as cartas, com a declaração: “O destinatario recusou-se a abrir” Mais nada.

O GATUNO

A' nobre, alta e brilhante figura de Claudio de Souza.

Quando Estevão saiu de casa, quem primeiro encontrou foi Samuel. Estevão tinha 9 anos, Samuel 8. Era um parzinho digno de ser visto, embora entre eles houvesse uma grande distancia social.

Estevão era filho de pais não de todo ricos, mas com uma apreciavel mediania. Por isso mesmo, trajava com esmero. Sentia-se na sua roupinha bem feita, com o calção apertado um pouco abaixo dos joelhos, com as meias cinzentas que vinham até quasi o calção, em tudo, emfim, o menino cujos pais tinham meios bastantes para o tratar muito bem. Mas nada disso o fazia orgulhoso. Era bom, simples, afavel.

Acolhia os colegas mais pobres com tanta amizade como os mais ricos.

O exemplo das suas ótimas relações com o pequeno Samuel provava bem isso. Porque Samuel era paupérrimo. Vivia com a mãe, lavadeira, e o padrasto cuja mais séria profissão consistia em estar embriagado.

Estevão e Samuel tinham-se conhecido em uma escola publica. O pai do primeiro levará o menino a frequentar uma casa de ensino popular, achando nisso um bom principio democratico, para seu filho se miſturar com os outros colegas.

Os dois, encontrando-se, foram seguindo juntos. Iam pelo mesmo caminho, ladeando o rio. De um lado, havia, de espaço a espaço, algumas casas: chalés, construções ligeiras e grande numero de casas um pouco fantasistas. A pequena distancia ficava a cidadezinha; o rio a atravessava. Cada casa era cercada de terrenos, mais ou menos cultivados e alguns com grandes jardins na frente. Era assim a casa de Estevão.

Saindo, em direcção á cidade, encontrou o Samuel, fez-lhe muita festa e seguiram juntos

conversando. Samuel estava com umas calças de fazenda ordinaria, muito curtas e, em baixo esfarrapadas. As bainhas podiam dizer-se em franjas. Além das calças, apenas um casaquinho, provavelmente dado por alguém. De tão apertado, mal podia abotoar

Tudo isso estava, é verdade, muito limpinho; mas o conjunto do vestuario valia por um atestado de miseria. Miseria assejada, porque a mãe lavadeira não se esquecia da profissão.

— Como V está bonito! — disse o Samuel ao Estevão.

Não havia nesse reparo nenhuma zombaria. Era a satisfação afetuosa de ver o colega com tão agradável apparencia. Estevão era aliás dos colegas o mais estimado por ele. Samuel tinha grande alegria e até mesino um certo orgulho em ser visto ao seu lado.

— V andou brigando com o gato? — perguntou-lhe o Estevão.

A pergunta se justificava, porque Samuel tinha o rosto profundamente arranhado. Havia mesmo na testa uma mancha roxa. Teria caído ou batido com a cabeça em algum ponto.

Samuel explicou-lhe o caso. O padraсто

perdera uma nota de 10\$000 e acusára-o de a haver furtado.

— Eu nem vi esse dinheiro, afirmava o pobrezinho. Provavelmente ele mesmo o deixou cair em qualquer ponto ou lh'o roubaram na venda.

E por causa disso o bebado tinha surrado barbaramente a criança.

— E sua mãe não o defendeu?

— Defendeu, sim, mas o resultado foi ter ela apanhado ainda mais. Nós hontem estávamos moídos da pancadaria; nem ela nem eu podíamos quasi ficar de pé. Hoje quem está doente é o pai. Eu vou d'aqui á botica buscar remedio para ele.

Dizia isso com tristeza, mas uma tristeza resignada, sem azedume, como quem achava que as cousas não podiam ser de outro modo e seria inutil tentar mudá-las.

Seguiam sempre pela estrada, ao longo do rio. Este era aí bem profundo. Chovêra muito nos dias anteriores e as aguas corriam turvas, mugidoras. Nas duas margens uma vegetação soberba.

Pouco passaria das duas horas da tarde.

Dia de sol encoberto, mas muito claro. Claro e fresco. As bordas do rio, principalmente a oposta áquela pela qual os dois amiguinhos seguia, estavam cobertas de flores.

Havia uma revoada de borboletas e o ar parecia cheio de pássaros, indo e vindo, voando em todas as direções.

Estevão comentou:

— Seu pai é mau.

— Mau ele não é, defendeu o coitadinho. Tudo está no costume de beber. Quando faz isso, fica fora de si e faz tolices.

Mas ele atenuava muito as cousas. O padrasto, a quem chamava pai por ordem da mãe, quando se embriagava, tornava-se uma fera. E si o coraçãozinho generoso do Samuel ali o estava defendendo, nas crises de colera do velho ficava a tremer de terror, porque o ébrio perdia inteiramente a razão e queria até matá-lo!

Estevão atreveu-se a um conselho:

— Por que V não foge?

— Fugir para onde, Estevão? E depois não posso deixar mamãe.

— E si eu pedir a papai para V ir servir lá em casa?

Samuel teve nos olhos um relampago de alegria:

— E V pede mesmo?

— Peço, não custa nada.

— E ele deixa?

— Não sei; mas ele gosta muito de mim. Si eu pedir, é muito provavel me faça a vontade.

Samuel ficou calado. Via-se, porém, no seu rostinho vivo, inteligente, com uns grandes olhos negros muito pestanudos, quanto aquela vaga proposta o alvoroçara e seguia um sonho interior, deslumbrante.

Em certo ponto do rio, onde este era bem largo, havia uma barragem de grandes pedras feita precisamente para quebrar a força da corrente. Pedras grandes, limosas, por entre as quais a agua passava com um barulhão formidavel. Mas depois dessa barragem o leito do rio se estreitava de novo muito, entre as duas paredes de pedra, a pique, o que fazia a corrente recuperar e até aumentar a sua violencia, mugindo furiosa. Mais de uma pessoa, que-

rendo suicidar-se, viera atirar-se d'ali ao rio. E ninguem fôra dele retirado, sinão muito abaixo — e morto, bem morto.

Quando chegaram perto da barragem de pedras, Estevão anunciou ao amigo sua intenção: ia atravessar. Lá havia do outro lado umas grandes flores azues e ele pensava em ir buscá-las, afim de levá-las á avó, para cuja casa seguia.

— Não faça isso! — gritou-lhe o Samuel. Você escorrega. Si V quer, eu vou.

Mas o Estevão teimou:

— Eu escorrego e V não escorrega?

— Você está calçado e eu estou de pés no chão.

O Estevão não se deu por convencido. Decidiu-se a ir mesmo. Felizmente, porém, teve a prudencia de seguir um conselho de Samuel:

— Então V vá bem pela direita, porque si cair não tem tanto perigo.

Um conselho de bom senso. A' direita estava a nascente do rio. D'aí vinham as aguas. Si alguém caísse desse lado seria empurrado por estas de encontro ás pedras. Si caísse do lado oposto, seria o da correnteza: as aguas o

arrastariam para a foz. Era, podia-se bem dizer, o lado da morte certa.

Estevão seguiu com grande cuidado, mas logo aos primeiros passos sentiu quanto Samuel tinha razão. A sola dos sapatos revelava uma evidente tendencia a escorregar. E por duas vezes esteve quasi a cair. Da terceira vez, não foi “quasi”, foi de véras. Catrapuz! Mergulhou em cheio.

Samuel não teve sombra de duvida. Tirou o seu pobre casaquinho, jogou-o ao chão, e atirou-se á agua para acudir ao amigo. Ia apenas com as calcinhas de bainhas esfiapadas, nú da cintura para cima. Ele nadava admiravelmente e como Estevão tambem o fazia um pouco, tudo se passou bem: poudo ajudar o amigo a voltar para terra.

— Está aí, teimoso! — disse Samuel a Estevão, ralhando com este afetuosamente. E ajudou-o a tirar o casaco e a estendê-lo ao sol na margem do rio, junto ao seu proprio casaquinho, tambem aí estendido.

— Agora, enquanto isso seca um pouco, eu vou buscar as flores. Já estou molhado, vou mesmo nadando.

E atirou-se de novo ao rio, seguindo bem por junto das pedras da barragem. Estevão acompanhava-o com os olhos.

De repente, porém, lembrou-se; ao vestir-se em casa puzera no bolso do casaco uma nota de 5\$000. Com ela esperava comprar na cidade varias guloseimas. Devia estar molhadinha.

Apalpou o bolso e teve uma surpresa formidavel. Não sentiu nada. O bolso estava vazio. Ainda se achava nesta pesquisa, quando ao olhar para o casaquinho de Samuel, viu a pontinha um pouco caída de uma nota: precipitou-se para examiná-la e verificou ser precisamente a sua nota de 5\$000.

Estevão sentiu uma decepção enorme:

— Ah! o gatuninho! Tanto obsequio, tanto agrado e era para furtar meu dinheiro.

Botou o casaco ainda molhado debaixo do braço, olhou para o Samuel que começara a atravessar de volta, andando agora por cima da barragem de pedras, com um ramo enorme de flores azues, e não lhe disse nada, embora tivesse tido vontade de chamá-lo gatuno. Disparou para casa, correndo, desistindo do resto do passeio.

Samuel não compreendeu. Pois o amigo tanto se empenhara por obter aquelas flores e justamente quando ele as apanhara e lh'as trazia, ele fugia? Fosse como fosse, veio andando com cautela. Estando como estava descalço e tendo o costume de pisar assim, escolhia melhor as pedras onde pôr os pés e atravessou a barragem sem acidente.

Estevão, na corrida em que ia, não tardou a chegar a casa. Penetrou nela estabanadamente. A mãe foi quem o recebeu. Indagou, solicita e admirada:

— Que é isto? Todo molhado? Onde esteve você?

Em frases rápidas, entrecortadas pelo cansaço da corrida, Estevão lhe narrou o sucedido:

— Felizmente, o gatuninho do Samuel não furtou o meu dinheiro dado por você.

A mãe atalhou:

— Nem podia furtar. O dinheiro ficou aqui em casa.

— Aqui?! Eu o meti no meu bolso.

— Eu vi, disse a mãe; mas quando você vestiu o casaco, eu o tirei e escondi naquela gaveta.

E, juntando a ação á palavra, abriu a gaveta e exhibiu a nota, por ela mesma aí guardada.

Estevão teve um gesto de terror:

— Ah, mamãe, então o gatuno fui eu!

E tomando o dinheiro, sem outra explicação, sem dizer mais nada, tornou a sair e precipitou-se correndo, estrada a fora. Ia levar o dinheiro ao Samuel e trazê-lo para casa, custasse o que custasse.

Quando se aproximava da barragem, de pedras viu que já havia lá muita gente. Que seria? Perguntou, ansioso:

— Um pequeno, um pequeno que estava aqui?

Todos lhe informaram, pois sobre isso estavam conversando:

— Atirou-se ao rio do lado de lá.

— O “lado de lá” era o da morte certa. Seu cadáver seria achado perto da praia, d’aí a um dia ou dois.

Quando Samuel percebeu, verificou ter sido roubado do dinheirinho do remédio para o pai, sentiu um desespero imenso. Lembrou-se do espancamento sofrido dois dias antes. E agora? Muito peor, de certo... Ao desespero,

agravando-o, juntava-se um assombro: “Como o Estevão, não precisando de nada, fizera aquilo?! O Estevão cuja vida salvara! O Estevão, o colega mais estimado por ele!” Teve uma sensação de aniquilamento. Todos o perseguiram, todos lhe queriam mal. Na amargura imensa do seu espiritozinho, decidiu-se a morrer, a morrer logo. Estava no bom lugar. Voltou por cima das pedras da barragem, resmungando sem compreender porque o colega fizera aquilo: “Ah! Estevão! Estevão!” E atirou-se á agua. Um redemoinho turbilhonante o jogou de encontro ás rochas de uma das margens, manchando de sangue a agua, por um instante.

E o corpinho do pequeno lá se foi, rio abaixo.

A ESTRÉA DE CINIRA LESTE

O empresario Simões tinha tido uma idéa.

Caso raro e digno de menção, porque ele não se abandonava frequentemente a tais violências. Era um tipo calmo, metódico, absolutamente destituído de imaginação. Dessa vez, porém, saíra do sério e resolvera fazer uma cousa á européa. Pelo menos lhe haviam dito ser essa a pratica de alguns empresarios europeus.

Um dia, cada mês, decidira dar um pequeno espetáculo no qual atrizes, figurantes, coristas ou empregadas do teatro poderiam representar qualquer cousa, á sua escolha. Alguem lhe falara do exito desse sistema em um teatro de Paris.

Tratava-se de uma cousa sem publicidade nenhuma. No meio do dia, aceso apenas o

palco, sentadas na platéa ás escuras as raras pessoas que desejavam assistir á prova, a candidata á exhibição representava para aquele grupinho. Era assim um ensaio privadissimo.

O primeiro espetáculo desse genero não foi um successo. Simões e quatro amigos vieram para a platéa e duas coristas arriscaram-se. Uma exhibiu-se dansando. O seu ideal era tomar parte em algum bailado e quiz mostrar o seu talento. Foi mediocre. A outra manifestou mais ambição: recitou um monologo: — *A caça da borboleta.*

Em verdade, ela não o disse mal. Infelizmente, porém, era extremamente gorda e, quando fazia os movimentos destinados a ser leves e graciosos, o sacudir das suas rotundidades anteriores e posteriores comprometia tudo.

Um dos assistentes perguntou baixinho, no ouvido, ao Simões: “Você está bem certo de não ser a caça do elefante?”

Simões o fez parar:

— Cala a boca, maledicente.

E encorajou, em voz alta, a candidata.

— Assim se começa!

O maledicente ainda perguntou a Simões:
— Tu achas todo aquele monte de toucinho apenas um principio? Safa!

Marcou-se a nova audição para d'aí a um mês.

Sucedeu então uma cousa pouco banal: uma atrizinha sem importancia, Cinira Léste, precisamente naquele momento desaproveitada, pediu para representar Queria — nem mais, nem menos, pequena de topete! — representar a peça em exhibição.

Era um drama condensado em tres atos breves. No primeiro, a heroína figurava como uma rapariga ingenua chegada de fóra para uma grande capital. Divertiam-se com a sua inexperiencia. No segundo ato, já figurava como uma cortezã de renome. No terceiro, a roda tinha desandado: estava pobre, doente, desdenhada.

O que havia de literáriamente bom no trabalho do autor era ser cada ato quasi inteiramente cheio com uma só grande cena, escrita do mesmo modo nos outros. O talento da atriz incumbida de representar essa peça estaria em fazer diversa a atuação de um fraseado quasi

completamente identico, mostrando primeiro a ingenua, depois a dama galante, cinica e petulante e, por fim, a desdenhada, caída na miséria.

O papel estava entregue á atriz Lidia Sorrento. Era uma mulherona grande, gorda, vistosa, sem talento algum. O empresario a supportava, porque o amante dela, um sujeito rico, a impunha. E como mais de uma vez ele emprestara dinheiro ao Simões, não havia remedio sinão ceder-lhe.

Cinira era o contrario dela. Podia quasi caber dentro do regalo da grande atriz. Não tinha, como o Simões dizia, meio metro de altura, mas teria, quando muito, entre 1,30 e 1,40. Era levezinha, fina, vibrante. As colegas lhe chamavam “o mosquito elétrico” E o apelido, tão vulgar e tão mal empregado em outros casos, no dela não podia ser mais justo.

Mas era um mosquito encantador. Colega excelente, sempre, ao chegar ao teatro, tinha uma frase amavel para cada pessoa. Nunca se zangava com as pilherias feitas com ela. Coleccionava-as, repetia-as. Desarmava assim os que pretendiam irritá-la. Quando alguém lhe

repetia qualquer desengraçada sensaboria, ela lembrava outra no mesmo genero, mas de muito mais espirito.

Tendo pensado em representar o mesmo papel atualmente em exhibição por Lidia Sorrento, foi logo, com a lealdade habitual do seu caráter, a esta e disse-lhe a sua intenção, perguntou-lhe si se zangava com isso. Lidia Sorrento, enfatuada como de costume, divertiu-se muito com a ideia e zombou implacavelmente da sua modesta coleguinha:

— Então, tu, mosquito, queres me macaquear? E dava risadas escarninhas.

Cinira lhe respondeu. Precisamente, a sua escolha provava como era grande a sua admiração por ela; mas, si a cousa a contrariava, desistia absolutamente.

— Contrariar? Não! Nada! Eu acho intensamente comico.

Simões se aproximava e Lidia Sorrento, zombando sempre, falou-lhe no caso, mesmo na vista de Cinira.

— Deu-lhe para aí. — disse o Simões filosoficamente. — Mas si V se zanga.

Lidia repetiu o que dissera. Achava a ten-

tativa divertida. Quanto a assistir ao ensaio, isso, não. Tinha ocupações sérias.

Cinira estimulava-se com estas alfinetadas; mas não deixava perceber nada. Era sempre a mesma creatura risonha, encantadora.

O momento do ensaio chegou. O Simões, mamando um grosso charuto, instalou-se na terceira fila da platéa. Com ele estavam cinco outras pessoas entre as quais o Ildefonso, ultimo anista de medicina e — a sua occupação mais séria — o amante de Cinira.

— Vieste vêr o brilharrete da pequena? — perguntou-lhe o Simões, troçando.

— Ou o fiasco — emendou ella modestamente.

Mas a peça ia começar. Cinira obtivera dos dois actores, que deviam dar-lhe as réplicas, que o fizessem. Abriu-se o pano e a representação começou.

Digna de vêr-se foi a attitude de Simões. Ao principio, só estava empenhado em uma cousa: em chupar o charutão, a entupir-lhe a boca. Depois, esqueceu-o inteiramente e ficou a olhar para a pequena Cinira. Alguem, perto

dele, disse qualquer cousa. Agitou a mão no ar, impaciente:

— Cala a boca!

Quando o primeiro ato acabou, ele deu a mais formidável prova de emoção: agarrou o charuto e jogou-o no chão, a distancia, com toda a força.

— Mas esta rapariga tem talento!

E tomando o Ildefonso, com quem tinha a maior intimidade, pelo braço, empurrou-o para os bastidores:

— Vai lá dentro dar uns beijos em tua pequena. Ela os merece.

E voltando-se para os outros, comentou:

— Mas é uma revelação!

E foi mesmo. De principio a fim, Cinira se mostrou uma grande artista. Todos saíram, comentando o fato. Ninguém dava nada por aquela vaga pessoinha, a quem distribuíam ou papeis de criada, com duas ou tres frases, ou até papeis mudos.

O mais espantado era o Simões. Em certo momento, ele teve, na sua linguagem nunca apurada, esta confissão:

— Eu pensei que não fosse uma besta e

soubesse conhecer quem era e quem não era uma bôa corista. Esta pequena estragou-me a minha opinião sobre mim mesmo.

Não parecia, porém, do fato pudesse advir nenhuma consequencia. A' noite, Lidia Sorrento, entrou, escarninha como sempre, perguntando:

— Então o Mosquito me macaqueou me-
nos mal?

Deram-lhe respostas evasivas.

Cinira, quando ela lh'o perguntou, foi gentilíssima:

— Só tive um merecimento; foi fazer todos estarem pensando na Senhora e lastimando sua ausencia.

Lidia não se abalou com essa delicadeza. Pelo contrario. Replicou orgulhosa.

— Isso sabia eu.

Mas succedeu uma cousa absolutamente imprevista. Lidia tinha nos ultimos tempos tomado uma casa em um suburbio longinquo, porque a fraqueza pulmonar de um filhinho a assustava. E talvez a unica nota bôa nessa mulher fosse o amor materno. Era carinhosa,

dedicada, sempre pronta para tudo por amor do filho pequeno.

A casa em que estava, embora confortavel e bôa, ficava isolada, até mesmo sem comunicações telefonicas. O menino tinha então cinco anos.

Ora, justamente no momento da peça ir começar, uma mulher do povo entra no teatro, fez esforços para falar á Lidia e comunicou-lhe terem raptado o filho da atriz.

Lidia ficou alucinada. Declarou ao Simões não poder ficar Sairia. Não se importava com consequencias. E, de fato, disparou por ali a fóra. Disparou como uma doida, tomando o primeiro automovel. Nada a poude conter.

O Simões ficou esmagado. Que fazer? O teatro estava cheio. Era a hora do espetáculo. Mudar de peça? Mas para qual?

Nesta atrapalhação, valeu-lhe uma sugestão de Ildefonso para experimentar a Cinira. O Simões hesitou. Mas o Ildefonso tinha toda a liberdade com o empresario. Concitou-o á experiencia e empurrou Cinira para explicar o caso ao publico. E ela o fez.

De repente, viram o pano abrir-se e a atri-

zinha apareceu, dizendo que um acontecimento terrível, absolutamente imprevisto, impedia a grande atriz Lidia Sorrento de representar Ela, Cinira, fôra designada para substitui-la. Era a primeira a reconhecer quanto a substituta estava abaixo da substituida. Sendo assim, os espectadores, desejando sair, podiam fazê-lo, porque receberiam na bilheteria o preço de suas localidades.

Estava visivelmente comovida.

O Ildefonso, que se esgueirara para uma cadeira vaga na primeira fila da platéa, mal ela acabou, poz-se em pé e gritou bem alto:

— Ninguém sai! Ficamos para vê-la!

Aquela voz imperiosa, respondendo por todos, embora sem procuração de ninguém, teve um efeito mágico: ninguém, de fato, saíu.

E como já estava na hora e soaram as pancadas do contra-régua, o espetáculo começou.

Começou — e foi magnifico. O primeiro ato era precisamente aquele no qual a heroína, uma rapariguinha desembarcada do interior, estava ainda canhestra, tímida. Cinira repre-

sentou o papel tanto melhor quanto outra não era a sua situação psicológica.

O publico, ao principio desconfiado, seguia o desenrolar da peça com crecente sympathia. Foi sob grandes, sinceros, unanimes applausos que ella acabou o acto.

Simões rejubilava. O susto de ter de restituir as entradas passara. Em certo momento, elle disse nos bastidores ao Ildefonso:

— Como seria bom si os bandidos raptassem tambem a Lidia!

O espectáculo acabou de um modo triumphal. Cinira foi chamada á cena varias vezes. Nunca se tinha visto aquillo.

Havia duas sessões. Acabada a primeira representação seguia-se immediatamente a segunda. Os espectadores da segunda estavam admiradissimos.

Ia precisamente entrando essa turma, quando Lidia Sorrento voltou. Não tinha querido deixar o Simões em embarço e, tendo verificado ter sido um engano, pois não havia nada, nada, absolutamente nada com o filho, voltara, para ver como as cousas se tinham arranjado e si era ainda precisa.

— Quem foi que me substituiu?

— Cinira!

— Pobres espectadores! Eu imagino a macaqueação indecente feita por ela.

E correu para o camarim, afim de vestir-se. Chegava a tempo. Vendo o Simões, gritou-lhe de longe.

— Previne o publico!

Que remédio!? Era quanto havia a fazer. Simões desempenhou-se a contragosto da sua missão.

Mas o publico da segunda sessão tinha ouvido os aplausos a Cinira e houve um que gritou:

— “Queremos Cinira Léste!”

Foi um rastilho. A sala inteira começou a dizer, em compasso, escandindo bem as silabas:

— Ci-ni-ra Lés-te! Ci-ni-ra Lés-te! Ci-ni-ra Lés-te!

Com isso o Simões não contava. Alguns marcavam cada silaba, batendo com as bengalas, mas o côro não parava:

— Ci-ni-ra Lés-te! Ci-ni-ra Lés-te! Ci-ni-ra Lés-te!

O Simões estava doido. Como ia ser para

prevenir Lidia. Nisso, aproximou-se do camarim dela. E Lidia simplificou as cousas aparecendo á porta. D'ali se percebia o rumor, mas não se ouvia distintamente o que a platéa estava gritando.

Lidia, radiante, perguntou ao Simões:

— Estão reclamando por mim?!

Simões, fóra de si, não sabendo como descalçar aquela bota, gritou-lhe desorientado:

— Estão sim. Vai ouvir.

E Lidia foi. Teve então uma crise de furor. Entrou no camarim, tomou seus objetos e precipitou-se para a rua a tomar um automovel. Ia como uma jararaca assanhada, furiosa, fóra de si:

— Nesta bodega ninguém mais me apanha!

Cinira, não sabendo bem o que se estava passando com a colega, ia-se preparando para sair sorrateiramente, quando Simões a viu, precipitou-se, tomou-a pelo pulso:

— Pequena, não me ponhas ainda mais maluco. Tu vais representar.

E foi anunciar o caso ao publico: a peça seria levada á cena pela jovem artista Cinira

Léste. O anuncio foi acolhido com uma salva de palmas.

E o espetáculo correu como nunca no teatro até aí nenhum outro. Cinira ficara inteiramente senhora de si. Pela terceira vez, naquele dia representava a peça. Estava, pois, com ela na ponta da lingua. Animada pelos aplausos do publico, não tinha mais hesitações. Foi estupenda. Foi maravilhosa. Espectadores, tendo visto aquilo varias vezes, experimentavam a sensação de assistir uma cousa inteiramente nova.

Dos lados do palco havia dois camarotes. Em parte ficavam mesmo sobre ele. Eram da direção do teatro.

Quando o ultimo ato estava em meio, num desses camarotes entrou o autor da peça. Era o Guilherme Pires, um homemzarrão de quasi dois metros de altura, um verdadeiro gigante. Alcunhavam-no d'antes por isso o "Pirão". Depois dos triunfos de um boxeador italiano gigantesco, Primo Carnera, passaram tambem a chamá-lo assim.

Alguem lhe disse na cidade o que estava sucedendo com a peça dele, e o Pirão, o Primo

Carnera, correrá, apavorado, para vêr o desastre. Quando entrou no camarote, Cinira começava a ultima cena, a grande e longa cena decisiva. Não o viu. Foi bom, assim não se perturbou.

O Pirão ficou assombrado. Era admirável. Nunca ele imaginara aquilo. Estava em extasis, seguindo o jogo da pequena Cinira.

Quando a cena acabou e com ela a representação, houve uma tempestade de aplausos. Muitos na sala conheciam o autor e começaram também a chamá-lo. Ora, gritavam: “A’ cena o autor!” ora, gracejando: “A’ cena o Pirão!”, “A’ cena, o Primo Carnera!” — porque todos lhe conheciam as alcunhas.

Guilherme Pires, com uma pernada das suas pernas enormes saltou para o palco. O publico, pronto para partir, — todos de pé, ajustando as capas, pondo os chapéus — aclamava Cinira e ele. Mas o Pirão fez um gesto rindo e gritou:

— Cala a boca, pessoal!

Fez-se um grande silencio e ele lhes falou:

— Ninguem tem razão para me aclamar. Eu tinha feito uma pecinha insignificante,

aplaudido por complacencia, por generosidade do publico. De repente, surge este pedacinho de gente (nem se sabe si é mesmo gente ou um mosquito, ou um miquinho — o mais lindo dos micos) — e faz da minha babozeira uma grande peça. Quem o publico deve aplaudir não é a mim: é esta admiravel creaturinha.

E antes que Cinira pudesse prever esse ato, ele a tinha tomado pela cintura, levantado e sentado em um dos seus largos hombros de gigante. Cinira esperneava como uma criança, o publico delirava de risos e de aplausos. Nessa apoteóse, o teatro se escoou.

No automovel, voltando para casa ao lado do Ildefonso, Cinira lhe disse:

— Afinal, foi uma sorte aquele engano, graças ao qual a Lidia saiu.

O Ildefonso replicou:

— Não houve engano nenhum: quem mandou levar a noticia falsa fui eu.

— Ah! bandido!

Mas deu no “bandido” um longo e gostoso beijo, em cheio, na boca, borrando-o bem de carmim.

0 3 - 7 5

O grande edificio da penitenciaria, uma das maiores prisões nacionais, levantava-se em um descampado.

Era uma construção sem elegancia: um cubo enorme de tijolos vermelhos. Quatro andares. Absolutamente isolado.

Quando quizeram construir a casa na cidade, os habitantes protestaram e o Governo acabou por achar valia mais a pena ficar o edificio, mesmo assim, longe de qualquer centro populoso.

Havia lá mais de mil presos.

Quando o n.º 3-75 (pois todos só eram conhecidos por numeros) foi recolhido, trataram-no com deferencia pouco habitual.

Deram-lhe uma celula grande e clara no primeiro andar. Fizeram mesmo um pouco

mais: escolheram para seu companheiro um moço também fino e educado, condenado por ter praticado uma pequena e desculpável falcatrua comercial.

Os dois rapidamente se ageitaram á vida comum. O 3-75 quasi não falava. Só o fazia quando o outro o interpelava diretamente e era forçado a responder.

O processo do qual resultara a condenação do 3-75 fôra dos mais ruidosos e extranhos.

Tratava-se de um assassinato. O criminoso matara a mulher. Como e porque — ninguém sabia. A policia foi um dia chamada por este recado telefonico:

— Fala aqui Dr. Simões Gerifalte. (E deu o endereço exato) Acabo de matar minha mulher. Venham prender-me.

No primeiro momento, a policia acreditou fosse um gracejo de mau gosto, mas tocou para o endereço indicado e teve a confirmação do fato.

Encontraram a vitima no seu leito, assassinada com um tiro no coração, e o assassino corretamente vestido pronto para seguir

No momento de partir, ele beijou a testa

da mulher sem dizer uma palavra e acompanhou as autoridades.

O processo foi curioso. O acusado respondeu apenas ás perguntas sobre a sua identidade. Interrogado acerca das causas do crime, fez uma declaração formal. Dela não se apartou posteriormente; disse que não responderia a mais nenhuma pergunta:

— O importante para a justiça é conhecer o autor do crime. Sou eu. Não houve nenhum cúmplice. Si eu quizesse defender-me, minhas respostas serviriam para indicar atenuantes. Não sei de nenhuma. Feita esta confissão, sem restrição alguma, não estou disposto a satisfazer curiosidades.

Houve necessidade de dar-lhe um advogado *ex-officio*, porque ele não quizera indicar nenhum. Quem escolher, á altura do criminoso? Isto se simplificou, porque o grande e eloquente advogado Bastos Queirós increveu-se precipitadamente como membro da Assistência Judiciária, só para que o juiz o nomeasse advogado do réu, de quem era velho amigo. Nas entrevistas com ele nada, porém adiantou. O acusado lhe disse firmemente estar disposto

a não ministrar elemento algum de defesa. E manteve-se assim até o dia do julgamento.

Neste, o advogado fez uma oração brilhante, de rara eloquencia. Pintou a carreira triunfal do medico illustre, cheio de serviços á ciencia, professor, tido como notavel mesmo em países estrangeiros, bom, caridoso, ativo, gastando todo o seu tempo em obras de ciencia e de beneficencia.

A sala arfava de emoção. Ela estava aliás cheia de médicos e de jovens alunos do acusado, seus ardentes admiradores. Havia uma larga parte da sua clientela feminina. O advogado mostrou apenas ao júri como um homem em tais condições não podia cometer o crime, sinão por estar fora de si, ou por profundas razões.

O réu, vencido, baixára a cabeça e chorava, soluçando baixinho, — tão baixinho que ninguem o ouvia — com o rosto oculto entre as mãos. Via-se-lhe apenas o sacudir do corpo. Em certa ocasião, porém, o advogado quiz pô-lo em contraste com a mulher assassinada. Mal annunciou a primeira accusação: “uma mulher leviana. ” — o réu ergueu-se de um salto do seu banco de infamia e, a fisionomia transfi-

gurada, levantando a mão aberta, gritou com uma ameaça temível na voz:

— Não! Isso não! Nem uma palavra contra ela!

Todos arquejavam de emoção, assombrados.

— O criminoso sou eu, só eu, não ha ninguém mais a quem acuar

O promotor para agravar-lhe a culpabilidade, tinha feito o contrario: pintara o retrato da morta como um modelo de bondade, de beleza, de todas as qualidades. E ele ouvira em silencio.

O advogado da defesa pouco mais poud dizer

Houve uma cousa interessante: esse réu confesso, mal defendido por não ter dado elementos para isso, esteve quasi a ver-se absolvido. Houve contra ele apenas a maioria de um voto. O movimento da opinião era a seu favor: si tivesse havido qualquer apelação, os juizes achariam meio de facilitá-la. Mas ele se opôz formalmente. Aceitou a condenação.

Todos sentiam qual devia ter sido a verdade: a mulher de certo o traíra. Varios de-

poimentos feitos perante a justiça haviam indicado esse fato. Ele nem o confirmou, nem o negou.

Na enorme penitenciária, o 3-75 era um preso modelo. Sombrio, silencioso, vivia de certo em uma tortura interior, pois ficava horas a fio, com os olhos fixos, como hipnotizado por alguma visão.

O Diretor algumas vezes, nas visitas aos prisioneiros, demorava-se na celula dele e conversava um pouco. O prisioneiro se humanizava lentamente.

Um dia nomearam medico da Penitenciária o Dr. Castro um dos seus antigos — antigos e prediletos dicipulos. Quando o moço, aberta a porta da célula, lhe dirigiu a palavra, chamando-lhe “Mestre”! ele hesitou em estender-lhe a mão, mal a afastando do corpo:

— Não me chame mestre. Hoje, isso o deslustraria.

Mas o jovem medico não teve duvida: adiantou bruscamente as duas mãos e agarrando a dele beijou-a, protestando:

— Mestre, sim, tão mestre no esplendor da prosperidade, como no infortunio.

E 3-75 atraído aos braços do seu antigo aluno, chorou de emoção.

Daí por diante, o Dr Castro não deixava de vir falar-lhe. Certa vez quiz conversar sobre acontecimentos do dia, mas o preso pediu-lhe que o não fizesse.

— Não sei nem quero saber a marcha do mundo lá por fora.

E a partir de então conversaram apenas sobre casos de medicina e cirurgia, passados na penitenciaria. O amor á antiga profissão subsistia intacto. Começou mesmo a aceitar livros e revistas profissionais, levados pelo dicipulo.. Sobre eles discutiam interessadamente.

Certo dia, em uma officina da prisão, houve uma rixa e um dos sentenciados ficou gravemente ferido. Havia necessidade de uma operação delicada e imediata. O medico da penitenciaria, desajudado, não a poderia fazer Solicitado embora por telefone da cidade vizinha algum colega, si viesse, chegaria provavelmente muito tarde. O Dr Castro pediu então ao diretor da prisão licença para isso e supplicou ao mestre que o ajudasse. Ele acedeu

prontamente. Disse apenas: “E eu ainda sei?” Mas foi.

Ajudar? Qual ajudar? Ele tomou a direção do caso e com a sua mestria habitual fez tudo.

O dicipulo, a principio, hesitante — e diante da gravidade do caso raros deixariam de hesitar — ofereceu-lhe o bisturi e, sem dar por isso, instintivamente, como si estivesse em aula dos alunos, o grande Mestre coftou com toda a segurança, serrou, ligou, costurou, levou a termo a intervenção delicada.

Terminado o caso, o dicipulo lhe disse a sua gratidão. Ele lhe perguntou:

— E si eu lhe pedir uma prova dessa gratidão. V a dará?

Pelo espirito do moço passou a ideia de seu mestre desejar talvez fugir. Mas por isso mesmo, não teve uma duvida:

— Legal ou ilegal, tudo quanto quizer, Mestre.

— Pois bem: no relato que fizer da operação não aluda á minha intervenção. Nem uma palavra.

O moço resistiu, mas não conseguiu demo-

vê-lo. Teve de cumprir a sua palavra. Ficou apenas nos registros da prisão uma frase vaga do medico: “Eficazmente auxiliado, consegui operar o ferido”

Sem a assistencia do 3-75 era certa a morte da vítima. Praticamente o auxiliar — e de bem pouca eficacia — tinha sido o medico da prisão.

Ultimamente já o 3-75 havia tomado o habito de falar um pouco mais longamente com o seu companheiro de célula. A ideia de conversar não o seduzia, mas sentia como a mudez pesava ao pobre rapaz. Ele era aliás infinitamente delicado.

O medico deixava-o, sobretudo, falar. Dava-lhe, porém, atenção e fazia, de tempos a tempos, breves considerações. Esse pobre moço viera ali parar por um caso simples. Fôra, sobretudo, uma imprudencia.

Desejando obter a mão de uma moça compreendeu qual o motivo do tutor desta hesitar em dar-lh’a em casamento: ele não oferecia garantias de fortuna ou colocação, embora estivesse bem empregado. A moça era rica. Em determinada ocasião, o rapaz teve conhecimen-

to de certo negocio, a exigir pequeno capital e oferecer um lucro enorme. Mas esse pequeno capital como obtê-lo ? Aí foi o seu erro. Tomou-o ao banco onde estava empregado, de um modo fraudulento. Mal se casasse, dias apoz, poderia pedir a esse proprio banco a soma irregularmente retirada. Repô-la-ia sem ninguem se aperceber do fato. Mas infelizmente o caso foi descoberto, antes disso. E no entanto já o seu casamento estava marcado, em vésperas de realizar-se ! Quinze dias apoz o da sua prisão, nada lhe teria acontecido. Não era um criminoso. Fôra um imprudente. O seu companheiro de prisão sentiu como ainda fôra dali poderia sem deslustre manter relações com ele.

O maravilhoso para o medico era observar o fato, notado por todos os diretores de prisões e penitenciarias, mesmo as sujeitas a regimens mais severos: os presos acabam por organizar uma especie de maçonaria e ficar informados de quanto se passa dentro dos muros da prisão. Chegavam ás vezes ao seu companheiro recadinhos escritos, alguns dos quais vinham até metidos dentro da comida. O guarda lhe transmitia outros. O preso da célula da direita

tinha todo um sistema de telegrafia em pancadinhas na parede divisória.

O companheiro do 3-75 começou a ficar bruscamente muito excitado. Motivo para isso? Acabou por dizê-lo. Os presos tramavam uma grande revolta. Esperavam fugir em massa: não ficaria nenhum.

O Dr. Castro tinha pedido licença e partido para fóra. Qual seria o procedimento do 3-75, si a revolta vencesse? nem ele mesmo sabia. No primeiro momento pareceu-lhe tão indiferente permanecer como fugir. Agradeceu entretanto ao companheiro a lealdade da sua comunicação.

— O Dr. fica ou foge? perguntou-lhe o moço.

Ele lhe respondeu: resolveria na ocasião. E explicou-lhe bem não estar procurando esconder a sua resolução: era bem verdade nada ter decidido.

Noites depois, a revolta rebentou. Alguns presos cortaram os fios telefonicos, inutilisaram um pequeno posto de radio da casa, houve mortes de uns e espancamentos de outros dos guardas da prisão. Um grupo passou pelo

corredor onde ficava a célula do 3-75, abrindo todas as portas. O companheiro do medico apertou-lhe a mão, despedindo-se, e precipitou-se. De repente, ele se viu só, diante da porta escancarada.

Si todos saíam, como ficar? Adiantou-se pelo corredor, disposto a fugir tambem. Sentiu de repente um grande desejo de atirar-se por ali adiante. Todos os seus instintos recalcados de homem habituado á liberdade, gritaram: "Foge! Foge!" E ele precipitou-se, com impeto, por onde os outros tinham ido. Não havia mais obstaculo algum. Mas pouco adiante, encontrou caído um corpo, em uma poça de sangue. Reconheceu-o logo: o diretor da prisão. Estava com as roupas despedaçadas, cheio de contusões e, o mais grave, uma grande fratura do craneo. Era horrivel.

O 3-75 não poudo conter-se. Entre o cirurgião, cujo dever consistia em socorrer aquele desgraçado, e o preso, ávido de fugir, foi o cirurgião o vencedor. Abaixou-se, tomou o ferido nos braços e levou-o para a sala de operações. Ela ficava no mesmo andar, a pequena distancia.

A partir desse momento, perdeu de todo a noção dos sucessos em torno dele. Lembrava-se bem do armario de ferros e do de medicamentos. Não havia chaves, nem tempo para procurá-las. Arrombou tudo. Deitou o doente sobre a mesa de operações e começou a agir

O ferido estava inconciente ou pelo menos parecia tal, mas quando a operação começasse, a dôr poderia despertar e perturbar tudo. O 3-75 tomou o necessario de morfina e de escopolamina e injetou no paciente. Este abriu os olhos, olhou bem para o medico e pareceu então desmaiar. Mas o anestésico, dado aliás em dóse fortissima, fez o efeito desejado. E o medico, embora com a imensa dificuldade de estar sozinho, operou-o, brilhante e eficazmente. Feito isso, carregou-o para um quarto vizinho á sala e cobriu-o. Nesse momento — duas horas se tinham passado — olhando para fóra viu como, a toda disparada, se aproximava numero consideravel de soldados do exercito e provavelmente de Policia e de Bombeiros. Só então tinham tido na cidade noticias do ocorrido. Estavam as forças de socorro a dois ou tres minutos.

Fugir? Não era mais possível. O medico saiu rapidamente da sala de operações e voltando para a sua célula meteu-se na cama. Já os primeiros clamores dos invasores da prisão se ouviam claramente. Fingiu estar dormindo.

Alguem o sacudiu brutalmente. Soldados de policia o forçaram a pôr-se de pé, chalaçando:

— Este maráu tem o sono duro.

Um official interrogou-o. Nada ouvira, disse ele.

Dos mil e tantos presos só tinham ficado uns 17. Os outros, porém, eram pobres diabos quasi invalidos. Não haviam fugido por impossibilidade absoluta.

O velho medico, nomeado para substituir o impedimento do licenciado, fôra encontrado morto, com uma paulada na cabeça.

O odio dos prisioneiros em geral não escolhe: vai desde o diretor até o infimo carcereiro. Os medicos entram no numero. Todos são representantes do poder publico e da Sociedade contra a qual os criminosos estão em luta.

O relatorio official dos acontecimentos men-

cionou comovidamente ter o morto cumprido heroicamente o seu dever até o fim, mantendo-se no estabelecimento e operando o diretor. Alguem, de certo, o agredira quando se retirava, apoz ter feito isso. E apontava-se o seu procedimento como um nobre exemplo.

O diretor fôra levado para um hospital na cidade. Embora operado, estava em uma situação delicadissima sem poder ser visto sinão por algumas pessoas de sua familia. Não lhe levavam noticias, não lhe permitiam conversas.

Quando poudes receber visitas, uma das primeiras foi a do Dr Castro. Chegara nesse mesmo dia.

Alguem lhe disse então o nobre procedimento do seu substituto. O moço teve uma expressão de verdadeiro assombro:

— Não é possível! gritou ele. O meu substituto não entendia nada de cirurgia: seria incapaz de pôr uma atadura, de colar uma tira de esparadrapo. Creio até que não saberia espremer uma espinha! exclamou, exagerando. Era um bom velho médico, capaz de receitar cousas triviais, mas incapaz de operar fosse quem fosse, fosse do que fosse.

E voltando ao hospital, indagou do doente si não tinha alguma recordação de quem o operara. O Diretor mergulhou em uma meditação profunda. De repente, porém, sabendo só então qual a versão corrente sobre o seu caso, exclamou:

— Não é exato. Quem me operou foi o 3-75.

E recordou-se da sua ultima visão antes de cair na inconsciencia do anestésico. Tinha do fato certeza absoluta.

O moço medico rejubilou. Sentiu como seria inutil ir buscar o depoimento do seu mestre para o fim desejado. Quiz, porém, conversar com o companheiro de célula. Este fôra recapturado, mas estava agora em outra prisão. O Dr Castro ouviu-lhe a declaração de se ter despedido do médico, ao saír Deixara-o de pé perfeitamente acordado. A afirmação dele, garantindo nada ter ouvido por estar dormindo, era, portanto, absolutamente falsa.

Uma operação de cirurgia cerebral, como a efetuada no diretor, exigia uma habilidade possuida por pouquissimos cirurgiões mesmo dos mais eminentes.

O Dr. Castro desdobrou-se em atividade. Só um homem podia ter operado o diretor da prisão — ele o provou.

O médico não quizera, de propósito, aparecer a seu mestre. Mas, de subito, uma bela manhã lhe apareceu, á frente de um estranho grupo. Estranho, embora pouco numeroso, porque era apenas de tres pessoas e uma delas, ia ainda carregada em uma maca de assistencia: o diretor da prisão. O outro, além do Dr. Castro, era o Ministro do Interior. Ninguém, quando eles chegaram, compreendeu a significação daquilo.

Aberta a porta da prisão, o Dr. Castro se adiantou para o seu mestre. Prevendo-lhe a negativa, foi logo cortando-a:

— Não negue nada. E' inutil. Desta vez não me acho ligado por nenhuma promessa. Aqui está o Sr. Ministro e aqui está o seu operado. Nunca se viu um ministro vir em pessoa dar o perdão a um preso. Quiz, porém, S. Ex. fazer hoje esta cousa excepcional para um caso também excepcional. Ele e o Sr. Diretor vieram trazer-lhe a liberdade e os seus agradecimentos.

O professor illustre, apertando as mãos para ele estendidas, ainda tentou falar, gaguejando:

— Mas ha engano. ha engano.

— Não, Mestre, é a verdade.

E abraçou-o, comovido, chorando de alegria.

O VELHO BASTOS

Quando se falava no “velho Bastos” todos sabiam de quem se tratava. Ha, de certo, por este vasto mundo muitos Bastos velhos. Mas reunindo-se as duas designações e falando-se no “velho Bastos” ninguém o confundiria com outro qualquer.

E realmente ele tinha singularidades inconfundíveis.

Atualmente era baixote, gordo, atarracado, quasi sem pescoço. A sua calva corria parrelhas com o que de certo são os trechos mais áridos do Sahara.

Fizera fortuna no comercio de secos e molhados; mas fizera fortuna de um modo inteligente. Instalara varios armazens, onde só se vendiam generos enlatados, ensacados ou engarrafados. Nada facilmente estragavel.

Bebidas: vendia-as, sim, mas engarrafadas. No armazem não havia o sórdido balcão, forrado de zinco onde os criados vêm embebedar-se. Não se media, nem se pesava nada, porque tudo estava medido e pesado de antemão em saquinhos já prontos. Era a aristocratisação da venda de secos e molhados. Os caixeiros estavam vestidos como os das casas de modas mais elegantes da cidade. E, por cumulo, tudo era baratíssimo.. Vendia quasi pelo preço do custo.

Quando o primeiro armazem se instalou os concurrentes fizeram uma troça formidável aos por eles chamados “caixeiros de casaca”

Mas no fim do mez já nenhum deles ria. A diferença de preços era tal que a freguezia não podia deixar de ser atraída.

E como não havia o ajuntamento perto do balcão e a casa era escrupulosamente limpa, começaram a aparecer clientes elegantes, senhoras que iam pessoalmente fazer suas compras. Estas lhes eram imediatamente levadas por portadores uniformizados, em geral crianças, mais parecendo empregados de armarinhos chics e não de uma venda.

Seis mezes depois de se abrir o primeiro Armazem Bastos, ele transbordava de freguezia durante o dia inteiro. Os donos dos outros armazens estavam furiosos. Acusavam o velho Bastos “de concorrência desleal” Projeteram uma vasta boicotagem. Mas não conseguiram nada, porque o velho Bastos comprava muito e á dinheiro. Isso lhe permitia obter preços excepcionais. Outros, vendendo por atacado, não podiam competir com os seus preços, vendendo a varejo.

E assim ele enriqueceu muito legitimamente.

Ao primeiro armazem seguiram-se outros, organizados do mesmo modo.

Bastos transbordava de dinheiro.

Em que gastá-lo, si era um solteirão sem parentes? Não tinha amantes. Não sentia delas a minima necessidade. Proclamava mesmo serem a cousa mais inutil do mundo. Mas lá diz o rifão: quem tem filhos tem cadilhos, quem não tem cadilhos tem. De qualquer modo, portanto, os cadilhos não faltam: coube-lhe em sorte um sobrinho. A irmã, casada, enviuvara dois mezes apoz e ficára grávida. Quando lhe

nasceu o filho, morreu. O velho Bastos não teve remedio sinão ficar com o pequeno.

Não o trouxe, porém, para casa. Deu-o a criar a uma familia muito correta, de costumes rigidos, ou como ele dizia, “de costumes á antiga”.

Porque, em materia de costumes, os do velho Bastos não podiam ser mais puros. Era intransigentemente honrado. Isso fizera aliás um dos elementos do seu sucesso no commercio. Quando lia a lista dos titulos protestados anotava o nome daqueles, com quem evitaria, d’aí por diante, mesmo as mais simples relações de cortesia.

O grande defeito do velho Bastos estava na sua iracibilidade. A’ menor falta de qualquer dos seus empregados ficava furioso, possesso, desatinado. A vasta calva tomava a coloração dos tomates maduros. Todo ele tremia de raiva.

Esse fato acabou por levá-lo a abandonar os negocios. Certa vez, apoz o almoço, irritou-se com um empregado a ponto de chegar a ter um ameaço de congestão cerebral. A lingua lhe ficou trópega por alguns dias. Felizmente,

ele se restabeleceu, mas tomou uma grande resolução: converteu os Armazens Bastos em sociedade anonima, de que aliás tinha a maioria das ações, mas livre da administração direta poudé entregar-se á sua grande mania. Porque a outra cousa que o tornava inconfundivel era ser o maior colecionador de objetos raros e raridades.

Sua casa era um museu. Certa vez quando, em um leilão, conquistara uma peça rara disputada por outro concorrente, este se afastara desesperado, a murmurar:

— Maldito carne-seca!

Aludia assim ao comercio de secos e molhados, de onde provinha a fortuna do velho Bastos. Mas este, a quem contaram a explosão do derrotado, estava de bom humor pela vitória obtida. Comentou apenas, rindo:

— Precisamente, nos meus armazens nunca se vendeu carne seca!

O museu do velho Bastos era uma reunião heteróclita de obras raras de arte e de singularidades de todas as especies.

Constava-lhe ter alguém uma estatueta ou quadro de artista célebre? Esforçava-se para

comprar a peça notavel. Mas si lia nos jornais do dia a noticia de algum grande crime na cidade, do mesmo modo buscava adquirir a arma com a qual fôra levado a efeito: punhal, faca, revólver. E nestes casos juntava os atestados do advogado do réu ou, quando possivel, do proprio réu, para a autenticidade ficar provada.

O seu maximo prazer era quando passava pela cidade algum illustre visitante estrangeiro e as autoridades, não sabendo mais como distraí-lo, o levavam ao museu do velho Bastos.

Ele dizia, então, com falsa modestia ao visitante, tratar-se de uma pequena coleção de curiosidades; mas obrigava a vitima a ouvir-lhe a explicação de tudo.

Nos ultimos tempos tinha trazido para casa o sobrinho. Estava ele fazendo o curso de Direito. Achava-se pelo menos matriculado. Na verdade, porém, não estudava nada. Um farista de primeira ordem. E o tio sentia isso e andava furioso. Mais de uma vez tinham tido discussões azedas e violentas.

Todas as discussões com Bastos tomavam logo este caráter. Ficava escarlate.

Nesse dia, porém, tudo correria normalmente. O velho passára a manhã ocupado na leitura de jornais e na sua correspondencia. Era o normal. Ao meio dia serviram-lhe o almoço, no qual fazia questão da presença do sobrinho. E, de fato, esse lá estivera.

O velho se achava de bom humor. Comeu bem, bebeu melhor — e isso queria dizer ter comido muito e bebido muitissimo. Era o seu pecado predileto: a gula. No capitulo das bebidas não ia até a embriaguez, mas regava copiosamente as suas refeições com vinhos fortes e escolhidos. Acabava-as sempre vermelho, congestionado, e ia dormir a sêsta.

Estava á mesa quando o criado lhe trouxe o cartão de um visitante. Leu-lhe o nome com visível estranheza e murmurou entre os dentes: “Não pode ser bôa a visita deste patife!” Mas, em voz alta, ordenou fizesem entrar a pessoa e lhe pedissem que esperasse, prevenindo-a só lhe iria falar dentro de quinze a vinte minutos. Não disse, porém, alto o nome do visitante, cujo cartão enfiou no bolso, e continuou a refeição com toda a placidez.

Poucas palavras dirigiu ao sobrinho. Essa

era, de resto, a norma. Aturavam-se um ao outro com um minimo de conversa. Não sabia mesmo o sobrinho ter o tio refeito dias antes o testamento, desherdando-o inteiramente.

Mas embora não soubesse isso, sentia-lhe a hostilidade crecente.

Quando do silencioso almoço o velho se levantou, após haver acendido um grosso charuto, estava com a fisionomia de quem se fartara. E fartara-se realmente! Mas o seu ar, si era o de um homem repleto, com as maçãs do rosto atomatadamente rubras, era tambem o de um perfeito contentamento.

Ainda rosnou entre os dentes:

— Bôa cousa não ha de ser a visita deste canalha!

E entrou no salão, onde era esperado. Mas o “bandido”, o “canalha”, a quem ele se referia, não deu por sua chegada. Estava de pé, embevecido, contemplando uma das vitrinas do museu.

Ora, esse era o meio certo de fazer a côrte ao velho Bastos. A cousa mais lisonjeira para ele era a admiração de quem mirava com entusiasmo as suas coleções.

Desta vez o admirador delas, occupado nisso enquanto o dono da casa não vinha, merecia realmente os epithetos pouco amaveis usados pelo velho: era o dono de uma casa de penhores, prestador de dinheiro a juros fabulosos. Bastos passava frequentemente por diante do estabelecimento dele e várias vezes o encontrara á porta. Em duas ou tres occasiões, com grandes intervalos, tivera tido occasião de falar-lhe e sentia imensa repugnancia com o seu contacto. Era, de fato, um sujeito hipócrita, untuoso, cheio de formulas de excessiva humidade e cortezia, curvando-se a cada cumprimento. Enojava.

Bastos chamou-lhe afinal a attenção:

— Aqui me tem o Sr. David ás suas ordens.

— Oh! Sr Bastos. Estava a examinar o revólver deste armário: bela peça!

Com o revólver se cometêra tempos antes um dos mais monstruosos crimes. Bastos conseguira obtê-lo. Das seis balas do seu barrilete ainda conservava duas. Complacientemente — talvez mesmo um pouco vaidosamente pela raridade da peça — o colecionador explicou ao

usurario como obtivera a arma. Tinha o atestado do advogado do criminoso, afirmando a autenticidade do sinistro instrumento do crime.

Bastos fez vêr como a arma se achava em bom estado:

— Ainda se poderia com ela, tal qual está, cometer algum assassinato.

David tomou uma attitude de susto, com pequenos gestos fingidos de horror:

— Não diga isto, Sr Bastos.

— Vamos, porém, adiante, replicou-lhe o capitalista. Sou todo ouvidos.

Sentaram-se. David tirou da carteira um papel e expoz o caso: na véspera se vencera um titulo de dois contos, passado a ele por Bastos.

— Por mim! exclamou este.

— Eu logo vi. Só mesmo por esquecimento o Sr. Bastos deixaria de pagar. O caso não tem a menor importancia. O Sr Bastos pagará quando quizer

Mas o capitalista, vermelho, surpreso e mais talvez ainda irritadissimo, arrancou-lhe o papel das mãos e mirou-o avidamente. Não teve duvida em reconhecer a sua assinatura.

Mas estava falsificada, evidentemente falsificada.

— Quem lhe deu isto?

— Seu sobrinho.

O velho hesitou um instante. Parecia que ia estourar. Mas tomou, de pronto, a única resolução possível; num gesto de cólera muda, com movimentos bruscos, incapaz de dizer uma só palavra, sacou a carteira do bolso, dela tirou quatro notas de 500\$000 e, dando-as ao usurário sem lhe dizer mais nada, levantou-o pelo braço e apontou-lhe a saída. O velho Bastos tremia de raiva. Houve um momento, em que, passando junto á mesa onde estava o revólver roçou com a mão nele. David, que notou esse fato, precipitou-se quasi correndo, com receio de algum tiro.

Ele não tinha tido, desde o primeiro momento, duvida alguma sobre o titulo: a assinatura havia sido falsificada pelo sobrinho do velho Bastos. Mas David, reconhecendo embora isso desde o primeiro momento, fingiu-se enganado. O velho não deixaria o sobrinho ir para a cadeia, processado por uma falsificação.

E succedeu, de fato, o previsto. Bastos pagou a dívida.

Mal David transpuzera a porta, o velho fez chamar o sobrinho e teve com ele violenta explicação. Disse-lhe a sua colera e a sua vergonha. Sabia ser ele um vagabundo, mas não imaginara a sua tão rápida decida até o crime. Falsificador! Amanhã seria um gatuno, um salteador.

Falando, o velho se aproximára outra vez da mesa em que estava o revólver. Em dado momento, sentindo-o debaixo de sua mão, tomou-o. O sobrinho tremeu apavorado, disposto a saltar sobre o tio e impedi-lo de atirar. Mas viu de subito o velho segurar a arma pelo cano e passar-lh'a:

— Só ha uma solução para a tua vida. Toma esta arma e estoura os miolos. Antes suicida que ladrão.

O rapaz aceitou o revólver e saíu com um ar sombrio e decidido. Era uma solução. O velho pasava a mão entre o colarinho e o pescoço, meio sufocado. Nisto, ouviu lá dentro a detonação de um tiro. Acabara a historia.

Previu, porém, o desenrolar dos fatos: os

criados a chamá-lo, a Assistencia, a Policia. Nos estertores da agonia, o moço era bem capaz de accusá-lo. Tomou do cabide um chapéu mole, enfiou-o e saiu de casa. Só voltaria mais tarde, quando as primeiras providencias estivessem tomadas.

E foi-se. Foi-se pelas ruas afóra, sem rumo certo. Estava mais do que nunca rubicundo, apoplético, parecendo prestes a explodir. Passando na rua central da cidade viu pessoas aglomeradas em frente de um boletim do jornal, posto naquele mesmo instante: seria a noticia do suicidio do sobrinho? Passou de largo, apressado, para não vêr; mas o fato lhe aumentou o abalo.

Diante dos olhos se lhe apresentava a cada instante a cena em sua casa: via, como em uma alucinação, o sobrinho caído por terra, com a cabeça varada por uma bala. E a consciencia, ás vezes, lhe exprobrava que, afinal, ele talvez tivesse sido excessivo. Praticamente, não se tratava de um suicidio e sim de assassinato. O assassino era ele. Quem segurara a mão do sobrinho para levá-la á cabeça? Quem puxara o gatilho? Cada vez, sentia uma sufocação mais

forte e passava nervosamente a mão entre o colarinho e o pescoço.

Duas horas se tinham já passado, andando assim pelas ruas sem destino.

Nisto deu de frente com o usurario, seu visitante daquela manhã. Ia evitá-lo, quando o homem partiu para ele, com o seu habitual e odioso sorriso. Bastos preferia não falar-lhe, mas si fugisse dele, mais tarde isso lhe poderia ser incriminado. O sobrinho lá estava em casa, morto.

David adiantou-se:

— Ora, sr Bastos, si o senhor estava em dificuldade, podia adiar o pagamento para quando quizesse. Seu credito não tem limites.

— Não compreendo, disse Bastos secamente — ou mesmo mais que “secamente”: furiosamente.

— Eu recebi, ha pouco, a visita de seu sobrinho levando, em seu nome, para empenhar, o revólver

Fez uma pausa e acrescentou:

— Si o senhor não podia pagar, era apenas dizer

Mas estas ultimas palavras, Bastos não as

ouviu. Então o sobrinho, em vez de matar-se, fôra empenhar o revólver! Era de mais.

Apoz o almoço, apoz a emoção da conversa com David e a vista do titulo falsificado, o abalo da convicção de ter-se o sobrinho suicidado e agora, bruscamente a noticia do furto por ele feito, da arma empenhada. Era de mais. De mais, sobretudo para aquele velho organismo, já uma vez visitado pela apoplexia.

Bastos sentiu uma nuvem de sangue avermelhar-lhe mais a face congestionada. Toldou-se-lhe a vista. Rodou sobre si mesmo e caíu — nem era para menos — com a mais fulminante das apoplexias.

EVVIVA NERONE

Quem conhecesse bem a vida de Tiberio Claudio veria logo a impossibilidade de não ser ele revolucionario, inimigo feroz da sociedade. Para isso fôra educado. As doutrinas mais violentas não as lêra apressadamente em algum livro, em algum jornal. Desde pequenino, ouvira o pai pré-gá-las, explicar-lh'as, infundi-las no seu espirito infantil. Uma das primeiras palavras aprendidas por ele fôra precisamente "revolução"

O pai, velho operario italiano, caíra de um andaime e quebrara na quéda ambas as pernas. Nos termos da lei, de modo claro e insofismavel, cabia-lhe direito a bôa pensão de invalidez. Mas as leis mais claras e insofismaveis pôdem ser obscurecidas e sofismadas. E outra cousa não succedeu. O velho Jeronimo ficou apenas

com mesquinha pensão, quasi insufficiente para dar-lhe o direito á vida em um casebre humilde e a parca subsistencia.

No emtanto, conseguiu durar e chegou mesmo a uma pobreza aceitavel. Certo dia, velho amigo, cuja vida se passava a vender nas ruas brinquedos toscos, veio visitá-lo.

Jeronimo pegou nos brinquedos e emquanto conversava com o outro, examinava-os. Quando o amigo ia saír, pediu-lhe que os deixasse até o dia seguinte.

Dextro, engenhoso, sabendo bem empregar suas mãos, viu que poderia fabricar brinquedos iguais, sem muita difficuldade. Fez modelos de papelão.

O antigo companheiro lhe dissera quanto ganhava do fabricante. Quasi nada. Ao revê-lo Jeronimo lhe propoz associação. Ia fabricar brinquedos identicos ou melhores e o outro os venderia. Repartiriam igualmente os lucros.

O velho operario era inteligente. Possuia além do mais um genio inventivo inegavel. A isso juntava certa propensão para a caricatura e a sátira. Os bonecos por ele fabricados ti-

nham um aspecto comico. Mesmo os adultos mais graves não deixavam de sorrir ao vê-los.

E durante algum tempo o commercio prosperou. Jeronimo tomara consigo mesmo o compromisso de cada mez juntar pelo menos um modelo novo aos antigos. E foi assim.

Durante esse tempo nasceu-lhe um filho. Resolveu chamá-lo Tiberio Claudio.

As razões para isso eram longas de dizer. Na sua sedentariedade forçada, ele se fizera grande leitor. Lia de tudo, ao acaso, sem ordem, sem método, um pouco atropeladamente. Mas o que lia guardava.

Chegara assim á verdadeira erudição historica, uma erudição um pouco fantasista. No seu rancor contra a sociedade moderna, no seu odio contra a hipocrisia dos cristãos de hoje, enchera-se de um entusiasmo louco por Nero. Lamentava que este não tivesse vencido a sua luta contra o cristianismo nascente. E porque Nero se chamava Tiberio Claudio, foi assim baptizado o filho.

Este creceu ouvindo as lições revolucionarias do pai. Karl Marx, Lenine, Bakounine, toda a coorte dos grandes agitadores lhe era

familiar. E muitas vezes o pai lhe falava em Nero.

O velho parecia nessas ocasiões achar-lhe melhor o nome em italiano. Rolava-o sonoramente na boca:

— Nerone! Nerone!

Como teria sido bom — proclamava ele — si o imperador semi-louco tivesse chegado a um resultado completo ao incendiar Roma. Como o mundo teria outro aspecto, si nesse momento Nero houvesse queimado na fogueira gigantesca todos os cristãos!

O odio contra estes era enorme dentro do seu peito. Comparava as doutrinas de amor, de justiça, de igualdade e a prática: ele ali estava para testemunhar o contraste. Todas as leis haviam sido esquecidas para favorecer o patrão rico e deixá-lo a debater-se com a pobreza, estropiado.

E o seu odio, ele o infundia na alma do filho.

Tiberio Claudio tinha doze anos quando assistiu a uma cena impressionante. Havia á noite uma reunião operaria. Os companheiros

de Jeronimo pensaram em levá-lo até lá e fazê-lo tomar parte nos debates.

Levaram-no. A reunião era em um quintal bastante grande. Varios oradores fizeram-se ouvir, todos eles mais ou menos aplaudidos. Afinal os amigos de Jeronimo o içaram na cadeira onde estava e puzeram-na sobre a mesa.

A maioria não sabia quem era aquele velho. De toda parte, porém, avistava-se o seu vulto. O pequeno, levado tambem para a mesa, olhava para aquela multidão de cabeças, bulhenta, agitada. Nunca vira espetáculo tal.

O pai começou a falar. Fez-se um silencio profundo.

O velho era naturalmente eloquente. Ademais possuia toda a fraseologia revolucionaria. Em breve, o publico estava entusiasmado. A onda humana movia-se tempestuosamente, agitada, delirante de entusiasmo. Gritavam, vociferavam, aclamavam o orador. Nunca nenhum outro tivera manifestações iguais.

E o pequeno Tiberio Claudio, cuja cabeça pouco excedia a altura da mesa, olhava por cima dela aquela multidão frenetica, ouvia aquele trovão de aplausos.

— Viva a Revolução!

Nunca se lhe apagaria mais dos olhos aquela cena delirante.

A Gloria? — Outra cousa não podia ser.

Quando o pai morreu, Tiberio trabalhava em uma oficina de gravador. Era um rapazinho fragil e nervoso. Seguiria o impulso paterno e vivia nos meios revolucionarios.

O pai nos ultimos tempos lhe falara de um projeto. Preso, não podendo mesmo trabalhar, só o cerebro fervia, fermentava. Durante muito tempo aludira ao pequeno a um plano infernal e grandioso: realizar o sonho de Nero: queimar a cidade onde morava. Não se trataria de um pequeno incendio, mas de uma vasta fogueira: a cidade enorme, toda ela, pegando fogo de repente.

Pudesse de véras alguem no nosso tempo, quando os meios de defesa contra o fogo estão organisados poderosamente, pensar naquillo, parecia impossivel. Impossivel pelo menos para um espirito são. Mas, si o velho era um espirito são, podia-se bem discutir. Diz-se do homem de um só livro ser tenivel, porque o lê e relê, absorve-lhe a substancia, identifica-se

com ele. O homem de uma só idéa está no mesmo caso. E o velho operario tinha feito aquele projeto louco e cada dia o aperfeiçoava, o criticava dentro de si mesmo para tirar-lhe os possiveis defeitos.

Ouvindo-o ninguém hesitaria sobre a sua exequibilidade. Expunha-o frequentemente ao filho mostrando-lhe como não devia querer cúmplices, fossem quais fossem. Si casasse, si tivesse filhos, a cousa mesmo para eles devia ser secreta. Nenhuma confidencia, nenhum auxilio pedido a ninguém.

Mas embora Tiberio tivesse as palavras do pai como verdadeiros dogmas, não mais pensára, morto ele, na execução do plano grandioso e horrivel.

A mocidade fervia dentro dele. Nervoso, vibrátil, eloquente, falando muito e gesticulando muito, tudo nele era excessivo. Excessivo, mas simpático, embora aquella exasperação traísse um temperamento anormal.

Veio, quando o tempo chegou, o visitador normal da mocidade: o amor. Tiberio começou a cortejar uma operaria. Operaria, sim, mas linda, fina, inteligente.

Um dia, o filho do patrão, vendo-a na fabrica, aproximara-se dela para falar-lhe. Quando Tiberio soube disso teve uma crise violenta de ciumes. Dobrou-os ainda sabendo para onde ela passára: saída da sua secção de trabalhos manuais, para a secretaria da empresa. E quando, pouco depois, a pequena rompeu com ele, não teve dificuldade em saber o motivo: o filho do patrão fizera dela uma de suas amantes.

A colera de Tiberio não conheceu limites. Os conhecidos viam bem como ele mudara. Sua agitação aumentara. Vibrava. Parecia uma mola de campainha eléctrica, tocando.

E, um dia, a idéa do pai voltou-lhe á cabeça: “Queima essa cidade maldita! Queima-a toda!”

O plano do velho era simples e barato. Tratava-se de atear fogo á cidade em varios pontos — ele pensava em trinta — ao mesmo tempo, matematicamente ao mesmo tempo. Os bombeiros não bastariam para extinguir tantos incendios simultaneos.

Como? Tiberio Claudio seguiu a risca as

instruções do velho. O dinheirinho entesourado avaramente para o seu enxoval de casamento serviu-lhe para isso.

Tomava uma valise pequena e punha-lhe a um lado uma lata de gasolina, bem cheia: mesmo agitada, não faria rumor algum. Do outro lado havia um masso de fios humedecidos também de gasolina. Junto deste uma pilha seca de algibeira e um pequeno relógio, de bolso, um relógio de níquel, baratinho, de que arrancara o ponteiro grande. Da pilha, por meio de um arame, um dos polos estava ligado ao relógio. O outro polo se prendia também a um fio, sem contacto com o resto, graças a uma tira de fita isolante e posto de modo a ficar bem exatamente na hora desejada. Quando, portanto, o ponteiro pequeno fosse chegando a essa hora, ao aproximar-se do fio, bem mantido no lugar exato pela fita isolante, faíscas começariam a saltar. A mais pequena bastaria para incendiar aquela parte saturada de gasolina, masso de fios prontos a pegar fogo. A lata de gasolina tinha vários furos, cuidadosamente tapados a cêra. O calor os fundiria e, ao saír, incendiando-se, o liquido derramaria um rio de

fogo, a escoar-se silenciosamente da valise. E tudo ocorreria á hora precisa, fixada no relógio.

Tiberio tinha ido morar em uma casa dos suburbios, para onde levava todos os seus apetrechos e onde fizera varias experiencias. O aparelho infernal do velho Jeronimo funcionava maravilhosamente. Sempre, no momento exato, o incendio se produzia e um rio de fogo se escapava pelos intersticios.

O rapaz, ao aproximar-se a execução do seu plano, tornava-se cada vez mais nervoso. Vivia em estado louco de exacerbação.

Afinal, chegou o grande dia, ou como seria mais exato dizer, a grande noite. Tiberio tinha preparado 32 malas. Alugára um automovel velho, por ele mesmo dirigido. Sabia fazê-lo, porque entre os seus diversos avatares figurava o de motorista. Tinha mandado imprimir etiquetas com um nome suposto: “Comendador Serrano”

Chegava diante do Hotel, levava em mão uma valise e pedia para a guardarem no deposito de bagagens dos hóspedes, porque o dono viria hospedar-se no dia immediato. A pessoa — asseverava — lhe recomendara para dar

uma gratificação e pedia um recibo da bagagem. A gratificação facilitava tudo. Ele manifestava o desejo de ir até o lugar onde a valise ia ficar depositada e mostravam-lh'o.

O deposito de bagagens em toda parte era sempre um bom lugar, em geral solitario, cheio de objetos inflamaveis. Um incendio, ateado aí, não era imediatamente descoberto. Além disso, o rapaz acertara todos os relógios para as 3 horas da madrugada.

Quando Tiberio depositou a ultima valise, estava radiante. Trinta e dois incendios — uma beleza! Entregou o automovel e pensou em ir jantar. Mas quasi não poudé fazê-lo tão nervoso estava.

Acabara entusiasmado com o plano, não só pela sua efficacia. Havia nele uma especie de obra de arte. Conseguir o mesmo resultado com aparelhos de relojoaria de precisão, caros, ele não poderia; mas, si tivesse podido, não teria tanto merito como o de agir simplesmente com aqueles aparelhos toscos. Qualquer, mesmo uma criança, os poderia fabricar. O operario vencido, humilhado, roubado nos seus

haveres, roubado no seu amor, podia reduzir a cinzas a metropole formidável.

Uma das maiores malas fôra precisamente para o hotel onde então se hospedava o filho do dono da fabrica. Ah! si tambem ele percesse!

Fosse, porém, como fosse, todo aquele fragil feixe de nervos vibrava em uma superexcitação extrema. Como poderia viver as horas a correrem até a grande hora?

Veio a noite. Ele andava a esmo pelas ruas desertas. Monologava. Gesticulava. Fazia grandes gestos teatrais, porque ás vezes, imitando o desenvolvimento das chamas elevando-se e dansando, levantava os braços e agitava-os.

Outras vezes pensava de preferencia no mar de fogo, estendendo-se de um a outro extremo da cidade — e os seus gestos eram largos, descrevendo imensos circulos.

Os raros transeuntes ao passarem por ele olhavam-no com espanto!

De onde iria vêr o espetáculo magnifico? Acabou, postando-se diante do quartel dos Bombeiros. Deveria ser admiravel a saída dos

soldados do fogo, chamados sucessivamente, para um, outro, outro ponto, desorientados, não sabendo o que significavam apêlos tantos, ao mesmo tempo.

A's duas horas, houve uma saída. Não podia ser dos incendios dele. Indagou e soube: de fato, não era.

Resolveu ir para um alto, uma colina de onde se dominava grande parte da cidade. Saltou da condução que o levava e começou a andar de um lado para outro. De minuto a minuto, tirava o relógio para examinar. Ao chegar ás 3 horas, ele atingira um gráu de agitação extrema. Olhava a cidade adormecida e perguntava por onde ia começar o pontilhado de incendios aqui e ali.

Mas não se produziu nada.

Tres e dez; tres e um quarto. Falhara o plano?!

Estava como um louco. Nesse momento, porém, o relógio de uma igreja longinqua deu tres horas. Ele viu então: o seu relógio estava adiantado.

Não errara. Precisava apenas esperar um pouco.

A pequena distancia um soldado de policia, tendo acabado por notar aquella figurinha gesticulante, começara a observá-la suspeito-samente.

De repente, Tiberio deu um grito: “Viva!” Era um incendio a distancia. E logo após outro, outro, outro!

O soldado aproximou-se. Tiberio tinha perdido todo o dominio sobre si mesmo. A alma do velho italiano parecia vibrar dentro dele, porque foi em italiano a sua exclamação:

— Nerone! Evviva Nerone!

O policia não tinha duvida nenhuma: tratava-se de um doido. Mas louco, ou não, Tiberio abraçou-se ao soldado e forçava-o a dan-sar. E já agora, quando outros, outros, outros incendios iam estrelando a mancha escura da cidade, Tiberio Claudio não se continha:

— Viva Nero! Viva Nero!

As suas aclamações alternavam; ora eram em portuguez, ora em italiano.

Não podendo mais conter-se, não sabendo mais ao certo onde estava, si em Roma, si em outra parte, pensou em dansar nú, diante da cidade em fogo.

O policia saíu correndo e chamou, por um posto de telefone, um carro forte para levar o louco. Mas este não cessava de gritar Debatendo-se com os guardas do manicómio, ouvia-se-lhe a voz: “Evviva Nerone! Evviva Nerone!”

E a cada instante chegavam mais chamados de incendio. As ruas da cidade eram cruzadas pelos carros dos bombeiros incapazes de acudir a tantos pontos simultaneamente. Do alto, viu-se a principio em alguns sitios o fogo diminuir Mas foi por pouco tempo. Logo, ele começou a alastrar-se por toda parte: a agua para a extinção, solicitada em tantos pontos simultaneamente, perdia a força, falhava. Os bombeiros, o povo, todos estavam loucos de terror Seria o fim do mundo? Impellido pelo vento da madrugada, pela altura das chamas, pelas faiscas voando pelo ar, o fogo se espalhava cada vez mais, passando, ás vezes, de um para outro lado das ruas. Mulheres corriam meio despidas, carregando crianças e fugindo, nem elas sabiam para onde. Uma passou inteiramente nua. Ninguem lhes notava o impudor As chamas cresciam. As chamas ganhavam cada vez maior área. Fogo! Fogo!

Os carros de bombeiros, á disparada, sipe-teando fortemente — Fogo! Arreda! — com os bombeiros nos estribos, pareciam monstros apocalipticos. Fogo! Fogo! Tudo era inutil no combate ao inimigo terrivel, porque a agua faltava.

Como si o incendio da terra incendiasse tambem o céu — o céu estava vermelho, as nuvens pareciam em brasas. Fogo! Fogo!

A custo os guardas tinham conseguido entrar com Tiberio Claudio no manicomio e vestiram-lhe uma camisola. Chegavam justamente duas outras pessoas — uma mulher e um homem — que haviam enlouquecido. A mulher teria talvez 50 anos. Sua tez era bronzeadada. Seus olhos arregalados pareciam tambem ter bebido o incendio. Era como si a cabeça estivesse por dentro em chamas e pelos olhos, como por duas janelas, alguem visse o fogaréu interior. Os cabelos estavam ouriçados como os de uma furia.

Tiberio adiantou-se para ela, proclamando: “Fui eu! Fui eu! Mas a mulher, ouvindo-o, saltou cheia de furor, querendo agredi-lo, que-

rendo agatanhar-lhe a cara e proclamando mais alto ainda: “Fui eu! Fui eu!”

O terceiro louco, um velhinho calmo e rissonho, assistia á cena, e ouvindo-os, começou a dizer, com um ar malicioso, zombando deles em tom de confidencia aos ouvintes:

— Doidos. Pois si fui eu, fui eu.

E os guardas os olhavam, a ver si adivinhavam porque assim se acusavam.

O RETRATO DE D. TUBANCIA

Para entrar no *atelier* do pintor Leonardo Gomes, bastava apenas torcer o trinco e penetrar suavissimamente. Era o que ele, era o que todos os demais faziam. Mas o seu amigo e colega Lourenço não entendia as coisas assim. Quando tinha de penetrar no *atelier* do colega, assumia proporções explosivas e rebentativas: Puf! Puf! — e caía lá dentro. Foi o que sucedeu nesse dia. Mas, precisamente nesse dia ele se sentiu um pouco envergonhado porque havia duas senhoras que ficaram assombradas com aquele bólido.

Leonardo expoz-lhes o caso:

— Meu amigo Lourenço não é um homem: é um aerolito.

E a ele, Leonardo apresentou as duas visitantes: as senhoras Tubância e Carmen Sea-

bra, das quais a ultima ali estava para fazer retratar-se.

Passados alguns minutos, resolveram que não se perderia a manhã. A sessão de *pose* era de tres quartos de hora. Leonardo poz á vontade as suas duas visitantes.

— E agora, meu caro amigo, disse falando a Lourenço, você tem duas hipóteses entre as quais escolher: fica aí rabiscando qualquer coisa ou faz como a palmeira celebre de José de Alencar e desaparece no horizonte.

Lourenço protestou: “Eu sou um tipo no genero de Pedro I: “Fico” Ou, para servir a cousa á franceza, como Mac Mahon: “J’y suis, j’y reste”

Leonardo perguntou-lhe se queria um pedaço de tela e uma palheta. Ele concordou. Cada um dispoz-se á vontade, silenciosamente.

Era manifesto que Leonardo estava desenhando o retrato de Carmen. De longe, perguntou ao amigo: “Que é o que você vai fazer?”

Lourenço lhe replicou rindo: “— Não é da sua conta” Leonardo voltou á carga:

— Seria uma bôa idéa si você fizesse o seu auto-retrato. Ha ali um excelente espelho.

Mas Lourenço objetou:

— Isso, não; não quero. Figure a atrapalhão de estar recebendo diariamente telegramas de todos os museus do mundo, pedindo esse retrato.

— O caso não seria esse, replicou Leonardo. Os telegramas que você receberia de toda a parte viriam de proprietários de circos de cavalinhos, exibidores de bichos raros. Passariam o tempo a solicitar-lhe dêsse com o seu retrato preferencia para os seus cartazes.

Durante esse tempo, as duas visitantes divertiam-se. Era positivo que o trabalho dos dois pintores, fosse qual fosse, progredia. O de Carmen estava mesmo bastante adiantado. O outro, que podia ele ser? Leonardo estava morto de curiosidade. Mas, Lourenço, que percebia isso, muito de proposito, sempre que levantava os olhos da tela percorria-os circularmente pelo aposento, exatamente para que o amigo não visse para onde ele estava olhando. Afinal, Leonardo não pôde mais conter-se. Levantou-se de repente, disse: Pronto! e olhou para a tela que o amigo estava pintando: era o retrato de D. Tubância!

Lourenço fingindo um grande desapontamento gritou:

— Homem indiscreto, tu não sabes calar-te?

Mas os mais altos brados irrompiam de Carmen e de D. Tubância. Esta, em gritos estáticos de admiração, com a fisionomia transformada de prazer, dizia continuamente: “Ai o meu retrato! o meu retrato!”

Carmen também não fazia uma despesa intelectual mais forte, porque se limitava a exclamar: “O retrato de titia!”

A cena, porém, ia mudando rapidamente, porque si as exclamações de D. Tubância eram sempre radiantes, vibrantes de contentamento, sentia-se, todavia, no volver dos olhos de uma para outra tela que Carmen comparava as duas e parecia ir ficando cada vez mais furiosa.

— Isto foi — disse Lourenço — um graço, um passatempo estético de momento, que ninguém me encomendou e eu vou já destruir.

Mas D. Tubância gritou:

— Ninguém o tinha encomendado, mas encomendo eu agora. Peça-lhe que complete o trabalho: pousarei o tempo necessario.

Lourenço voltou-se para o amigo e agora, já encorajado pela encomenda que recebera, pois D. Tubância formalmente lhe dissera não admitir a destruição do quadro e expressamente lhe fazia encomenda dele:

— Eu fiquei, disse Lourenço, na contingencia de passar uma hora estupidamente sem fazer absolutamente nada, tendo, entretanto, junto de mim um modelo admiravelmente fotogenico.

Quando ele disse isto, Leonardo arregalou os olhos de um modo tão comico, que si D. Tubância houvesse visto aquele gesto deveria considerear-se insultada. A propria Carmen, a despeito de toda a possivel estima pela tia, não pôde conter um ar de assombro.

As duas se estimavam muito. Eram duas ricas, que estavam envelhecendo pacificamente, lado a lado. Mas afinal ha verdades tão verdadeiras que ninguem as póde negar. D. Tubância e Carmen saíam sempre juntas. Faziam nisso muito mal porque o contraste entre as duas lhes dava um aspecto comico.

D. Tubância era grande, gorda, enorme. Carmen, ao contrario, era fininha, sequinha,

magrinha. Entre os varios apelidos que lhes tinham dado, figurava o de as chamarem a Baleia e a Sardinha, e não havia nisso fóra de proposito. Mas sardinha e baleia até aí se haviam entendido maravilhosamente bem. E' mesmo de notar que tomavam muitas vezes a iniciativa de pilheriar com os cognomes burlescos que lhes davam.

Nesse dia, porém, alguma cousa se quebrou, quando Carmen viu o seu retrato, mingadinho, chôchinho, perfeitamente veridico, mas por isso mesmo absolutamente ridiculo e, ao lado dele, o de D. Tubância grande, gorda, exuberante mas incontestavelmente bonito. E' positivo que uma onda de inveja assoberbou Carmen.

Lourenço muitas vezes dissera falando de D. Tubância:

— E' uma mulher em fórmula de catarata.

Uma vez quando o amigo lhe pedira a explicação de tal expressão começou:

— Você dispa-a.

Leonardo gritou veementemente:

— Jamais! não cáio nessa!

— Não se assuste: é uma despidela puramente teórica. E insistiu:

— Ponha-a em imaginação nuazinha da cabeça aos pés.

— Que é o que você vê?

— Não vejo nada porque virei a cara.

— O que você vê é uma catarata de banhas: tres folhos de papada, rolando uns por cima dos outros. Os seios despencando em cima da barriga, a barriga despencando em cima das pernas. E' positivamente o Niagára, o Paulo Affonso de toicinho.

Ora, de repente, o mesmo homem que dissera isto descobria que D Tubância era fotogenica e fazia-lhe um retrato admiravel. Papada, havia uma é certo, mas discreta, decente, estética. Seios? lá estava o par, mas era um parzinho arrulhador e gracioso. Não se podia querer transformação mais completa.

Carmen, sardinha era, — e sardinha ficava.

Mas D Tubância passava de elefante a borboleta. Nem mais nem menos.

Acabada a sessão, no automovel particular que as esperava, a discussão foi de outra natureza.

— Você acha que eu pareço uma sardinha, disse Carmen, entretanto quer me fazer engulir um boi. Pois então, ha alguém que possa admitir ter aquele pintor improvisado em algumas pinceladas tão esplendido retrato como estava o seu?

A grande diferença entre Lourenço e o amigo era o ser aquele escrupulosamente honesto. Não escondia uma espinha, um arranhão, um defeito qualquer. Si estava no original, ele o punha no quadro. Era implacavel como uma fotografia.

— Pois eu, dizia Leonardo, sirvo cada uma como ela quer: faço de louras morenas, de altas baixas, de gordas magras. Não ha instituto de beleza que me vença.

— Mas, Carmen. — ia começando, no automovel, a dizer D Tubância.

Carmen cortou a discussão:

— O mais simples é pararmos aqui esta conversa.

E pararam, de fato. No dia seguinte cada uma veiu em automovel distinto. Carmen ficara absolutamente convencida que a tia pou-sara em outras horas. Chegaram, cumprimen-

taram-se friamente como duas desconhecidas e continuaram pelo resto da semana as sessões que faltavam.

Entre os rapazes a situação fôra diversa. Um objetara ao outro:

— Mas que idéa diabólica teve você de pintar aquela mulher!

— A idéa nada teve de diabólica. Vendo-a, acudiu-me a inspiração de fundar uma nova escola de retratos: os retratos negativos. Tomar um modelo qualquer, deixar de desenhar o que nele ha e desenhar tudo que nele não ha. Foi com essa alta inspiração que eu me atirei a desenhar D. Tubância, dando-lhe todas as qualidades que lhe faltavam e suprimindo-lhe todos os defeitos de que é abundante.

Leonardo meditou um pouco e concluiu:

— O resultado foi brilhante: fez você que eu perdesse uma esplendida cliente.

— E' um perfeito engano. Você vai vêr o resultado.

E o resultado foi realmente magnifico. E' verdade que tia e sobrinha ficaram definitivamente desavindas; mas, em compensação, o retrato de D. Tubância, posto em lugar pre-

eminente no seu salão muito visitado, passou a ser o mais admirável reclame para todas as mulheres gordas que o frequentavam e desejariam retratar-se, nem sempre, porém, ousando fazê-lo. Quando, porém, descobriram um artista capaz de fazer transformações zoológicas que nenhum Darwin ousaria, passando pesados paquidermes a levíssimos insetos, o *atelier* dos dois artistas, que trabalhavam agora em comum, não se esvasiava.

A SOMBRINHA DE TIA EULALIA

Tia Eulalia pouco mais tinha de 40 anos. Talvez 42. Não era feia, nem destituida de elegancia. Instruida, com a instrução que habitualmente recebem as moças, tocava piano, sabia muito bem francês.

Vivia agora apenas com uma sobrinha. Pai, mãe, irmã — tudo quanto era seu havia morrido. A mãe lhe deixara duas casas, uma na cidade, de cujo rendimento vivia, e outra no campo, onde vinha passar todos os anos alguns mezes. Esse veraneio era anunciado a todas as amigas, como um grande acontecimento. Parecia ir para uma grande fazenda, uma propriedade consideravel. No entanto, tratava-se de uma casinha minuscula, toda em diminutivos: uma salinha, um quartinho, uma salinha de banho, uma pequenissima cozinha.

Um ovo — dizia ás vezes D. Eulalia. Dulce corrigia “um ovinho de juriti nanica”

— E ha juritis nanicas? — perguntou alguem.

— Deve haver, pois lá temos o ovinho.

O terreno em torno não era pequeno.

D. Eulalia tinha feito com um casal de portuguezes, moradores ao pé da sua casa de campo — como ela chamava a sua biboca — um bom arranjo. Durante nove mezes eles dispunham do terreno. Não ficava nele uma flôr. Plantavam, segundo diziam, cousas uteis, por elles vendidas em proveito proprio. Em compensação, cuidavam da casa, o que não chegava a ser trabalho apreciavel. Quando, com uma semana de antecedencia, D. Eulalia os prevenia da sua chegada, era como em uma cena de teatro; os canteiros de couves e nabijas desapareciam e outros surgiam, com flôres diversas: os solícitos portuguezes as recrutavam em diversas vivendas de cujos jardins tratavam.

A casa ficava apresentavel. Ficava mesmo bonitinha.

D. Eulalia era exigente. Poder-se-ia admirar o não ter-se casado. Ela achava para isso

motivos diversos: a culpa tinha sido da mãe, tinha sido dos irmãos.

A idéa da dificuldade ter vindo dos difíceis tempos atuais, nos quais os noivos escasseiam, não lhe parecia bastante para explicar o fato. Muito menos o da falta de seus encantos. Sua vaidade fazia cousa bem frequente: passava adiante a responsabilidade. A culpa era sempre dos outros; dela não. E citava Fulana e Sicrana: pobres e incontestavelmente mais feias, haviam casado.

Aliás ela era facil em dotar-se de virtudes e despir-se de defeitos. Si falavam em qualquer bôa qualidade de alguém, intervinha quasi sempre:

— Então é como eu. Precisamente o meu caso.

Mas si se tratava de algum senão, intervinha não menos depressa:

— De tal felizmente ninguem me acusará.

E graças a isso, si alguém lhe somasse as virtudes, por ela assim recrutadas, e lhe tirasse os defeitos, dos quais se desfazia, acharia uma creaturinha perfeita.

Certa vez, duas amigas — amigas bem íntimas — conversavam a respeito dela:

— Si tirassem á Eulalia a vaidade e a inveja, ficaria uma rapariga encantadora.

A outra desatou a rir:

— Tu a assassinas e depois a elogias.

— Assassino, como?

— Si lhe tiras a vaidade e a inveja, não fica mais nada, nada, nada. E' um assassinato, seguido da cremação do cadaver e dispersão das cinzas.

Mas havia nisso um exagero. Como, porém, as amigas hão de ocupar o tempo, si não falarem mal das amigas? Eulalia tinha uma virtude incontestavel: era uma tia perfeita.

Criara uma sobrinha orfã e professava por ela imensa afeição. Havia mesmo nesta uma singularidade. Eulalia, quando moça, queixava-se das restrições da mãe e dos irmãos. Achava sempre que “hoje não se pensa mais assim. ” “Agora não se faz mais caso disso...” . Mas depois de assumir as sacrossantíssimas funções avunculares de tia tíssima, era de um rigor implacavel com a pequena Dulce. E, si

esta alegava o fato de tal ou qual amiga proceder de outro modo, a tia Eulalia saltava:

— Isso será lá fóra. Eu hei de ter com você a mesma firmeza de minha mãe para comigo. Aqui em casa não ha pouca vergonha!

E exercia sobre a sobrinha uma vigilancia severissima. Não a deixava pôr pé em ramo verde.

Naquela gloriosa manhã de janeiro, a tia Eulalia saíra a passeio. Nunca faltava a tal dever. Isso fazia parte da rotina de todas as suas manhãs. Passeava durante duas horas. Depois, entrando, espichava-se na cama por cima dos cobertores — a cama já feita — e passava meia hora de imobilidade, de papo para o ar, absolutamente imovel. Tinham-lhe ensinado tambem essa regrinha como de bôa hygiene e ela executava, como tudo o que fazia, metodicamente, religiosamente. Exercicio de relaxamento muscular — lhe havia dito a pessoa que a iniciara nessa pratica. E ela comentara, não sem razão: “Exercicio de não fazer exercicio algum” Mas esse descanso dava, segundo lhe asseguraram, uma pele magnifica e

precisamente a beleza da pele era um dos seus motivos de vaidade, aliás perfeitamente justo..

No passeio por ela feito quotidianamente, passava sempre por diante de uma bela casa cujo proprietario era um solteirão bem apesoado. Teria talvez 45 anos ou pouco mais. Era, porém, esbelto, elegantissimo de roupas e de modos. Sabendo ser a passeante sua vizinha, tomara o habito de cumprimentá-la. Dona Eulalia correspondia, sorrindo, com uma leve, uma vaga esperança de que aquilo fosse mais longe. Quem sabe? De onde nada se espêra, ás vezes, vêm as melhores cousas. Mas um ano passara. O cumprimento não falhara nem um só dia e apesar disso as cousas não haviam progredido. Era mais uma esperança gorada!

Tinha nesse dia saído de branco, um vestido enfeitado de vermelho: punhos, gola, cinto, grandes botões. Vermelha era tambem a sombrinha.

Talvez o vestido fosse proprio para pessoa mais moça. Mas nela não estava fóra de proposito, por ser como era, fina e graciosa.

Saíu, fez o seu giro habitual e quando chegou ao seu ponto costumeiro, voltou. Colheu

no caminho algumas flôres silvestres e meteu-as no colo. Eram também vermelhas: entravam, portanto, bem na harmonia geral da sua *toilette*. Ao passar diante da casa do solteirão simpático saudaram-se amavelmente.

Já tinha ela andado um pouco mais, quando viu — ó horror! — que Dulce estava na cancela, conversando com o namorado, o Eduardo Bastos. Tia Eulalia conhecia-o e perseguia implacavelmente. Não acreditava tivesse o topete de vir até o campo e a ousadia de conversar com a pequena.

Estugou o passo.

Em dado momento, Dulce lhe percebeu a aproximação. Disse, fugindo, apavorada, ao rapaz:

— Foge; titia vem aí.

Mas isso foi pronunciado muito rapidamente. O moço nem a ouviu bem. Perdeu alguns minutos. Quando compreendeu o motivo da fuga da pequena, já não podia correr muito. Atirou-se para uma touceira de mato ali perto e acocorou-se atrás dela.

A manobra fôra, porém, tardia. Tia Eulalia viu bem onde ele estava escondido

Brandindo a sombrinha, irritadissima, gritava:

— Sáia, sáia d'aí, “seu” insolente.

E procurava, com a sombrinha mesmo aberta, atacá-lo, agitando-a, como si quizesse espetá-lo com o cabo.

Sucedeu então uma cousa absolutamente inesperada. Perto, estava pastando um tranquilo novilho, roendo á beira da estrada umas hervinhas sem importancia.

Vendo que alguém, como um capinha de tourada, o provocava com um pano vermelho, o novilho deu uma arrancada e investiu correndo para cima de D. Eulalia.

O Eduardo apercebeu-se do caso e levantou-se gritando:

— Fuja, D. Eulalia!

D. Eulalia viu tambem o perigo e resolveu-se a fugir. Não havia outro remedio.

A rapidez, desenvolvida por ela com suas perninhas finas e bem torneadas, não a collocaria mal em um torneio de corridas a pé. O medo faz milagres. Abalou por ali afóra furiosamente.

O Eduardo lançou-se atrás do novillo pegou-lhe na cauda e pendurou-se nela. Ia aos trancos, arrastado pelo animal, mas não o deixava. Sentia estar-se ferindo de um modo horrível; mas sustentava a sua posição heroicamente.

Em dado momento, escorregando, a cauda lhe escapou, mas ele pôde segurar-se a uma das pernas do novillo. Isso o fazia ser barbaramente maltratado pelo animal; mas foi a salvação de D. Eulalia. Entravava muito a carreira do garrote.

O suplicio de D. Eulalia aumentou, quando, na sua desabalada carreira, sentiu que uma das meias lhe escorregava pela perna abaixo. Ela teve — cousa horrível! — a lembrança de que nesse dia, por um relaxamento pouco habitual, tivera a detestavel ideia de sair sem a cinta á qual prendia as meias. Enrolara estas abaixo dos joelhos. Mesmo correndo e desenvolvendo uma velocidade de campeã de corridas a pé, evocou a sua propria figura: como devia estar comica! Si ao menos as meias se achassem esticadinhas, vestindo bem as pernas bem feitas! Via, porém, as calcinhas lá em cima,

como roupa de meninota, uma meia caída e da outra perna o joelho de fora.

Felizmente o seu suplicio não durou muito. O vizinho amavel vira o caso, e acudia. D. Eulalia estava a pequena distancia. O melhor a fazer era atraí-la para o seu jardim. E isso ele fez. Abriu a cancela, — bonita, mas grande e pesada — e adiantou-se um pouco — a moça estava pertinho — gritou-lhe:

— Entre, minha senhora!

Deu-lhe a mão, puxou-a, fechou a cancela. O novillo já vinha perto. Perto vinham tambem em socorro chacareiros das circumvizinhanças. Eduardo estava a salvo e poz fim ao seu suplicio deixando-se cair. Não precisava continuar o sacrificio. Estava lamentavel: sujo de terra, ferido, sangrento.

O dono da casa atraiu-o tambem.

Chegavam seus criados. Mandou que carregassem o moço para o quarto dos fundos no primeiro andar. Um latagão incumbiu-se disso.

Uma criada ocupou-se de D. Eulalia, encaminhando-a para o interior da casa. O proprietario explicou-lhe:

— A senhora está em casa, não de um

médico, porque para bem da humanidade nunca clinicou, mas de um doutor em medicina. Creio poder prestar-lhe os primeiros socorros, acrescentou gracejando, sem sua vida correr muito perigo.

— Muito agradecida, doutor. Mas eu vou já para casa. Apenas o tempo de fazer um pouco de *toilette*.

— Isso é que não. A senhora fica hoje aqui. No primeiro andar da nossa casa ha tres grandes quartos, cada um com sala de banho separada. Eu vou.

E ia anunciar o seu desejo de mandar vir a moça com quem ela morava, Dulce, quando esta appareceu, esbaforida.

— As senhoras são minhas hóspedes pelo menos até amanhã. E perdoem-me agora: eu preciso ir prestar socorro ao seu salvador

— Meu salvador?!

— Sim! Aquele moço, que se sacrificou para dificultar a arremetida do animal.

Todos em torno, ouvindo a conversa abanaram vigorosamente as cabeças. Alguns commentaram:

— A senhora lhe deve a vida!

— Moço de coragem.

— Sem ele, a senhora estaria em máus lençóis.

O médico — o Dr Fernando Lemos — subiu, fez lavar as feridas do rapaz, deu-lhe uma injeção preventiva anti-tetânica e tratou-o com o maximo carinho.

No primeiro momento, o caso irritou Dona Eulalia: o côro dos louvores ao seu salvador, ao rapaz a quem devia a vida, ao moço de coragem, não cessava. Buzinavam-lhe a paciencia.

Recusou formalmente a oferta do Dr Lemos para ficar na casa dele: nada mais absurdo, morando ela tão perto. Viria mais tarde saber noticias do “seu salvador”

Prontamente, ela vira o partido a tirar da situação e aceitava-a.

Voltou, de fato, a casa, tomou um longo banho morno, ou, como ela disse, esteve de infusão dentro de agua na qual despejara um grande vidro de agua da Colonia, cerca de uma hora, dormiu um bom sono, e absolutamente fresquinha, refeita, a garantir nada estar sentindo, reapareceu em casa do Dr Lemos. Que-

ria dar essa prova de energia e mocidade, mostrando como os terríveis acontecimentos daquela manhã não lhe haviam causado o menor abalo.

Quem não cabia em si do espanto era Dulce. Tia Eulalia não lhe disse uma palavra sobre o caso, de onde proviera tudo aquilo!

E começaram as visitas ao “salvador”

Pretexto, delicioso pretexto para os encontros e as longas palestras com o Dr. Lemos. D. Eulalia era uma bôa conversa. Mas onde ela requintou de habilidade foi em certo estratagema.

Logo no primeiro dia, ao passar para o quarto de Eduardo, viu no patamar do primeiro andar uma prateleirinha elegante em que estavam seis volumes ricamente encadernados: literatura quasi a saír da moda: Anatole France, Loti e outros. Seis apenas. Deviam ser livros queridos do dono da casa. D. Eulalia tomou nota deles.

Chegada a casa, escreveram para a cidade afim de lh’os mandarem. Pedido urgentissimo, em correspondencia expressa.

Quando os livros vieram, ela se atirou, não

a lê-los apenas, mas a devorá-los, a estudá-los., Uma ocasião (o Dr Lemos saíra) teve na casa do médico ocasião de folhear os volumes. Viu neles diversos trechos marcados. Alguns estavam fortemente assinalados. Ela tomou nota. Chegada a casa, fez como uma bôa aluna: decorou-os. Decorou-os bem.

Nisso se haviam passado quatro dias. As feridas do “seu salvador” estavam a bom caminho da cicatrização. Era preciso aproveitar, enquanto não chegavam a isso.

Habilmente, em uma das suas palestras, D Eulalia levou a conversa para os livros prediletos do médico. Mostrou conhecê-los a fundo.

Ele estava assombrado e encantado. Subiu para buscar os volumes. D. Eulalia simulou grande surpresa: coincidência admirável de preferencias literarias!

Quando achava certos trechos muito assinalados por ele, dizia-lhe gracejando:

— Quer tomar-me a lição?

E dava-lhe o livro aberto, para que fôsse seguindo os textos que ela recitava.

Que moça de bom gosto! Que ilustração!

Nunca o Dr Lemos achara nenhuma em tais condições.

E' bem sabido, aliás, que de "bom gosto" são as pessoas que têm o nosso!. Ora, Dona Eulalia tinha exatamente o dele. Que encanto! E' impossivel imaginar o efeito que teve a habil manobra da moça. Não se podia querer demonstração mais clara da coincidência de predileções.

Habilidades. Estratagemas.

"O essencial em tudo é ter em vista o fim", diz o fabulista:

"En toute chose il faut considérer la fin"

O fim foi este: D. Eulalia é hoje D. Eulalia de Lemos, e Dulce, D Dulce Bastos.

Decidido o noivado de Eduardo e Dulce, um dia, quando os dois saíram a passeio, encontraram na mesma estrada onde o haviam visto, pastando as mesmas hervinhas ralas, o mesmo plácido novilho. Só uma vez ele havia saído do sério, porque o tinham provocado. Eduardo confiou a Dulce:

— Quando eu vejo aquele novilho, tenho vontade de beijá-lo!

Dulce replicou, dando uma bôa risada :

— Não vejo no caso nenhum inconveniente. Mas, quando fizer isso, passe o resto do dia a lavar a boca e só no dia seguinte pôde me beijar.

A QUE SOUBE VINGAR-SE

Otávia sentou-se diante das folhas de papel de carta e dispoz-se a escrever. Estava calma e decidida. No dia seguinte ia resolver-se a sua sorte. Praticamente, porém, era como si já estivesse resolvida, porque as duas soluções do caso do marido iam ter matematicamente á mesma conclusão. Si o marido fosse condenado, seria a miseria, porque ele nada tinha. Si o marido fosse absolvido, haveria logo apoz o divorcio e tambem por aí chegaria á miseria. Assim, o melhor era não esperar essa solução e, ao morrer, morrer bonito, parecendo obedecer a um alto ideal.

E sobretudo isto: vingar-se! Porque a sua cabeça estava cheia da ideia de vingança.

Ela se casara com o engenheiro Julião Arquimedes. Ele não tinha nada. Ganhava,

porém, vencimentos enormes. Poderia dizer-se: enormes e justíssimos, porque ninguém o excedia em intelligencia e atividade. Empresa que dirigia prosperava forçosamente. Era frequente virem chamá-lo para salvar algumas quasi a sossobrar. Em pouco tempo as quasi falidas entravam em franca maré de prosperidade. Por isso lhe davam os vencimentos que pedia, e ele não tinha cerimonia: fazia-se pagar régiamente.

Mas tanto ganhava como gastava. Vivia em verdadeiro fausto. Trazia a mulher num luxo deslumbrante. Era esta que frequentemente o precisava moderar. Muitas vezes ele lhe trazia um novo vestido caríssimo, quando ela ainda não tinha estreado dois ou tres outros. Mas Julião adorava-a.

No entanto, ela o enganou.

Como foi isso, um extranho não poderia entender

Um jovem médico, de 22 anos de idade, o Dr. Livio Tavares começara a fazer-lhe a côrte. A bem dizer, essa não era a expressão exata. Ele era quasi um adolescente. Acabava de formar-se, após um curso brilhantissimo. Louro,

bonito, era entretanto de uma timidez extrema. Sentia-se que se apaixonara por ela. Quando a via, sua fisionomia assumia quasi uma expressão de extasis, de adoração. Si tentava dizer-lhe um galanteio, ficava mais corado que ela. Não tinha nem procurava ter nada de um conquistador

E foi, no entanto, essa adoração muda de um ser feito de beleza, mocidade e intelligencia que a seduziu.

Quando ela cedeu e passou a viver entre dois homens que a adoravam, pôde comparar como essa adoração era diferente. O marido tinha por ela o que se poderia chamar uma adoração puramente física. Era a beleza, a perfeição do seu corpo que o seduziam. Nunca conversava, em casa, com ela sobre qualquer assunto elevado. Si para algum ela tentava levar a conversa, ele lhe respondia, sorrindo, entremeando a resposta com beijos, que só pensava em cousas sérias na rua. Em casa, queria descansar

— Em casa, sou analfabeto. Só sei conjugar um verbo: “Eu te amo. eu te quero bem. eu te adoro. ”

Mas aquilo a humilhava um pouco. Era uma prova de que ele fazia muito pouco da sua intelligencia; considerava-a uma criança, uma boneca de luxo — e nada mais.

Certa vez, chegou, radiante:

— Trouxe-te um presente. Mas para dá-lo, has de ceder a um meu capricho.

— E faço eu outra cousa?

Ele a levou para o quarto, despiu-a toda, todinha, da cabeça aos pés, deitou-a sobre a colcha riquissima de setim vermelho, poz-lhe na mão um espelho e ordenou:

— Agora, tu fechas os olhos até eu dar licença para que os abras.

Que seria? Ela estava intrigadissima. Sentia que o marido lhe punha qualquer cousa no umbigo, mas não atinava com o que fosse. Aliás, sempre que ele a via despida, cantava um hino de louvor ao seu umbigo e beijava-o apaixonadamente. Mas desta vez que podia ser?

Quando Julião lhe permitiu que abrisse os olhos, viu ella um formidavel brilhante, que custára — nem mais, nem menos! — quarenta contos.

— O' criança! criança! arrulhava ella.

— Tu não imaginas como eu tenho pena de não haver um meio de engastar aí de um modo permanente, esse brilhante!

Ela perguntou, gracejando:

— Cola-tudo não serviria?

Mas foi uma grande dificuldade em obter que ele trocasse o brilhante monstro por joias mais discretas.

Nesse gracejo ia, porém, uma manifestação um pouco mais profunda do que parecia. Poder-se-ia dizer que era simbolico. De fato, si Julião pudesse converteria o corpo dela em um idolo bizantino, constelado de pedrarias. Varias vezes lamentara não poder engastar um rubí em cada um dos bicos dos seus seios. Era o seu corpo que ele prezava como uma joia sem par

Quando ela começou os seus amores com Livio experimentou uma sensação nova. Este amava também, adorava o seu corpinho lindo. E quem, vendo-o, não o adoraria!?

Mas não a considerava apenas um objeto de luxo.

Certa vez, começou a dizer-lhe os trabalhos, as pesquisas scientificas em que estava em-

penhado. Ela o seguia com atenção e intelligencia. Era bem claro que não podia entender pormenores tecnicos. Fazia, porém, pequenas perguntas adequadas, claramente reveladoras da sua sagacidade. E ele decia ao nível intellectual dela, explicava-lhe tudo, maravilhado da sua lucidez de compreensão.

Certa vez, deitados lado a lado, apoz horas de amor ardente, a conversa subiu, elevou-se. Ele lhe disse o seu grande sonho. Expoz-lhe — sem pormenores tecnicos, mas bem claramente, os varios pontos de vista de que tinham os sabios procurado resolver o problema da tuberculose. Ele julgava ter achado um modo novo, inteiramente novo, de encarar o problema. Nunca ninguem pensara nesse caminho. Ela o seguia, intelligente e maravilhada. Quando Livio se calou, Otávia não pôde conter-se: juntando gestos infantís a cousas graves, sentou-se no leito, batendo palmas, com os olhos acesos de entusiasmo. Que mulherzinha encantadora feita de beleza, de paixão e de intelligencia! Como ele lhe era grato pelo seu amor e a sua animação! Como Otávia lhe era grata

por ter percebido que ela não era apenas uma teteia cara!

Mas Julião soube dos amores dos dois. Não precisou indagar muito. Teve notícia de que num dia da semana, em que o médico não dava consultas, Otávia o procurava. Ela chegava antes, abria o gabinete dele e aí ficava. Pouco depois ele chegava. Quem observara minuciosamente esse fato fôra uma vizinha fronteira. Mas a sequencia nesses dias não falhava: quando ele chegava, ela já lá estava.

No dia em que teve a certeza destes fatos, Julião ficou cego, desvairado de furor. Era precisamente o dia das entrevistas. Partiu para perto do consultorio do jovem médico. Chegou justamente a tempo de vê-lo entrar.

Deixou passar alguns minutos, soffrego, impaciente, apalpando nervosamente no fundo do bolso do casaco, o revólver, e decidiu-se. Tudo se passou com uma rapidez inacreditavel. Bateu na porta do consultorio, o medico abriu imediatamente e Julião, com dois tiros á queima-roupa, o prostrou morto. Passou-lhe por cima do cadaver á procura da cumplice. Não havia mais ninguém. Pela primeira vez, nesse

dia Otávia não tinha podido ir. Ainda ele estava com a arma fumegante, na mão, estupidificado pela surpresa, quando atraídos pelo barulho dos disparos, entraram e prenderam-no.

Fez-se o processo. Otávia, interrogada, negou toda culpabilidade. Negou firmemente. Negou sem um desfalecimento.

Ela estava cheia de uma cólera furiosa contra o marido. Si ele a tivesse assassinado e entre o tiro, que lhe desse, e o momento final da morte houvesse apenas decorrido um minuto, ela o teria gastado a dizer “bem feito” e a perdoar-lhe. Mas que tivesse matado Livio, que tivesse apagado aquele farol deslumbrante de intelligencia, que tivesse cortado aquela flôr de mocidade e beleza — era isso o que a enchia de uma indignação profunda, de um odio immenso. Si podesse vingar-se!

E de subito uma vingança possivel appareceu-lhe no espirito.

Vendo que ia ficar na miseria, disposta a suicidar-se, quiz ao menos que a sua morte agravasse ainda a situação do marido. Ao menos isso! Varias vezes, diante dela, o marido criticara suicidas inhabeis. Resolveu aprovei-

tar-lhe as lições. Antes, porém, de o fazer, quiz deixar expressas declarações da inocencia de Livio. Isso não podia deixar de agravar a situação de Julião. E escreveu ao Promotor que ia fazer a acusação, no dia seguinte:

“Quando V Exa. receber esta, eu me terei suicidado. Faço-o sem obedecer a conselhos ou sugestões de quem quer que seja.

Absolutamente certa que depois da morte não ha mais nada, é-me indiferente a opinião que de mim possam fazer os que eu vou deixar. Ha, porém, uma cousa que se me tornou insuportavel: não posso me resignar á ideia de que, por uma falsa acusação, um homem de todo inocente, perdeu a vida por minha causa. Esse homem nunca me disse um galanteio, nunca articulou diante de mim frase que não pudesse ser ouvida por todos. Só nos encontrámos poucas vezes, em salões mudanos, cercados dos amigos.

No entanto foi pela mais infundada das suspeitas, á qual se viu associado meu nome, que ele morreu. Tenho absoluta certeza de não haver concorrido para isso de modo algum. Mas a ideia de que mesmo involuntaria e in-

concientemente meu nome se viu associado a essa tragedia me é tão penosa, tão dolorosa, que prefiro morrer ”

Mais nada.

Feito isso — eram cinco horas da tarde — Otávia foi proceder aos ultimos preparativos. Ela tinha abandonado a antiga casa, vendera alguns vestidos e joias, vivia agora em uma casinha pobre com uma das suas antigas costureiras. A comida lhes vinha de fóra. Não tinham criada alguma.

Levou para a cozinha uma cama. Vestiu-se o melhor que pôde:

— A Morte, disse sorrindo amargamente, é uma grande senhora: merece ser bem recebida.

O marido tivera algum tempo antes algumas colicas hepaticas e, ás vezes, por isso ela lhe dava injeções de morfina. Restavam tres ampolas. Ela poz na mesma seringa, não uma como fazia para ele, mas todas tres.

Feito isso, calmamente, abriu todas as torneiras de gaz do fogão sem as acender e tomou a tripla injeção.

O sono não podia tardar. Não tardou.

Um minuto depois, dormia. Alguns outros mais tarde, naquela atmosfera supersaturada de gás, estava morta.

Não sentira nada. Não tivera um gesto, uma contração. O marido tinha razão. Que bom suicidio!

Quando a amiga chegou da rua mais de tres horas depois, não havia mais nada a fazer...

Deu-se naturalmente a invasão de fotografos dos jornais. E em nenhum destes, no dia seguinte, faltava o retrato da morta.

O promotor teve nesse mesma noite conhecimento da carta, que lhe era dirigida. Ficou radiante. Preparara cuidadosamente a acusação. Esperava brilhar no dia seguinte. Mas o reforço que aquele suicidio lhe trazia ainda lhe aumentava as probabilidades de exito. Ficou até tarde no seu gabinete cuidando meteticulosamente do discurso que ia pronunciar.

O advogado do réu não teve noticia alguma do que sucedera. Tinha ido ao teatro com a mulher e ao voltar soube que tres repórteres o haviam procurado; mas acreditou que fôsse por causa do desenvolvimento normal do pro-

cesso no dia imediato. Só teve noticia do que ocorrera á porta do tribunal.

Neste, porém, não havia quem ignorasse o que sucedera: estava em todos os jornais. Não havia quem não tivesse diante dos olhos o formoso retrato da morta. Esse retrato, pela sua formosura, era um terrivel argumento contra o réu. Vagamente, surdamente, mas irresistivelmente crecia em todos o odio contra o homem que era tambem responsavel por aquella morte.

A sessão foi calamitosa para Julião. As testemunhas de defesa, que ele apresentara, eram quatro. A bem dizer “deviam ser quatro” Na pratica não foi nenhuma. A principal, a que morava fronteira á casa e fôra a principal culpada de toda a tragedia, fez o que chamou uma “declaração de consciencia”, dizendo que de fato vira entrar no consultorio do medico uma figura muito parecida com a de Otávia, mas que depois da morte de Livio tivera ocasião de observar o mesmo fato e já não podia ser a moça. Admitia que pudesse ter-se enganado.

Toda a precisão dos depoimentos anterior-

res desapareceu. Desapareceu igualmente a das tres outras testemunhas.

O que havia é que, entrando na sala, elas sentiam uma imensa hostilidade no publico. Viam-se miradas agresivamente. Sentiam que havia uma antipatia geral e não ousavam sustentar o que tinham dito.

De véras não ficou de pé nenhuma testemunha de defesa. Mas o episodio verdadeiramente significativo ocorreu quando entraram na sala as duas unicas testemunhas de accusação, que o promotor citara: a mãe e a irmã do moço assassinado.

Ambas eram muito bonitas. Bonitas de uma beleza feita de distinção aristocratica e fina. A mãe, ainda moça, tinha poucos cabelos brancos. Vestiam de preto, vestidos sóbrios, discretos, de uma elegancia impecavel. Nada de espetaculoso. Nem uma joia. Nada que chamasse a atenção — a não ser a beleza das duas e a tristeza profunda que as revestia.

Quando, feito um grande silencio enquanto eram esperadas, elas assomaram á porta por onde entravam as testemunhas — e entraram singelamente, quasi timidamente, cada uma

apertando um lenço branco na mão — a assistencia inteira, insensivelmente se poz de pé. Foi irresistivel. Isso, porém, dizia bem qual o estado de espirito da assistencia.

O promotor desistiu de interrogá-las.

Chegou-lhe então a vez de falar e fez uma acusação vibrante, veemente, formidavel. Dizia que tinha ido para ali acusar o autor de um assassinato e, de subito, se achava diante do autor de dois assassinatos cada qual mais barbaro — porque o suicidio de Otávia valia como um assassinato que Julião houvesse tambem praticado.

E, frente a frente, levantava as duas figuras: Julião, um impulsivo, uma féra sanguinaria e perigosa que, a uma vaga suspeita, se atirava covardemente contra um homem, a quem não dava sequer o tempo de defender-se, e Otávia, um tipo tal de delicadeza de sentimentos, que, embora não tendo culpa alguma, não pudera suportar a ideia de ter concorrido para a morte de Livio. E deste fez um perfil comovedor. Evocou as glorias que dele esperavam quantos o conheciam.

Baixinho, discretamente, procurando não

chamar a atenção, a mãe e a irmã do moço choravam.

Chorava aliás quasi toda a sala.

Foi neste ambiente que o advogado da defesa teve de falar. Habitualmente era um orador fogoso e eloquente, que arrebatava as multidões. Mas ali, naquele momento, isso seria impossivel. Seu discurso foi lamentavel.

Em dado momento, quando ele se arriscou a atacar Otávia como uma esposa infiel e ingrata, o promotor lhe pediu com falsa delicadeza:

— Dá licença para um aparte?

— Pois não.

— Para atacar uma mulher inocente, cujo corpo não está talvez ainda de todo frio, pede-se uma grande coragem. O illustre advogado a possui. Não lhe dou parabens por isso.

Rompeu na sala uma salva formidavel de palmas. O Presidente precisou intervir, ameaçando fazer sair o publico.

Mas o advogado ficou sobretudo aniquilado, porque fôra ele que fornecera a entrada e a colocação de todo o pessoal feminino. E

no entanto, esquecido de tudo, fôra este que mais aplaudira o aparte do promotor.

O resto do discurso foi uma lástima.

Quando os jurados tiveram de decidir, tudo se fez em dois minutos: vieram com a condenação por unanimidade, com a rejeição, também por unanimidade, de todas as atenuantes.

E a despeito da advertencia do presidente houve um formidável clamor de aplausos.

— Mas eu apelo, disse o advogado a Julião, para junto do qual tinha ido.

— Não, meu amigo, você não apela: está certo.

Otávia estava mais vingada do que jamais poderia pensar, porque era o proprio Julião que agora diante do ato da mulher e da sua negativa peremptoria, perguntava a si mesmo si não tinha cometido um assassinato barbaresco e injusto.

O DIÁRIO

A morte de Eduardo constituiu verdadeira surpresa para os amigos. Surpresa e tristeza, porque ninguém mais estimado.

Formado em medicina, adquiriu rapidamente grande clinica. Isso se devia, em parte, a sua real ciencia, ao seu faro divinatório dos diagnósticos mais complicados; mas, por outra parte, ao seu trato sedutor.

O Luiz Soares, grande advogado, e seu mais intimo amigo, achava-o mais perito em tapeações: as medicações eram secundarias. E Eduardo não o negava de todo. Parte de todas as curas — dizia — se faz com a habil sugestão da saúde. E antes mesmo de ter dado qualquer remédio, persuadia o doente de sua inevitavel melhora. Isso lhe dava mais de metade da cura.

Ao cabo de cinco anos de clinica, figurava entre os nomes feitos. E de repente, por uma infecção, apanhada ao fazer certa operação insignificante, morreu. A doença não durou mais de dois dias.

Tanto Luiz Soares como Eduardo viviam em casas de apartamentos. O de Eduardo era luxuosissimo. Nele recebia frequentemente a amante e não raro saía com e ela e o amigo.

Quando Luiz Soares teve a notícia horri-vel, viu-se com duas incumbencias desagradaveis: prevenir a amante e a familia do amigo. Ambas estavam longe. Da familia chegou o pedido para ocupar-se com tudo quanto pertencia a Eduardo, porque o parente mais disposto a vir só o faria, sem grave transtorno, quinze dias após. A amante viria mais depressa. Tambem ela telegrafou: "Favor guardar tudo quanto possa interessar-me. Estarei aí dentro de oito dias."

Na casa de apartamento as chaves se entregavam indiferentemente a Eduardo ou a Luiz. Alguem, conhecendo-os bem, gracejou um tanto com a situação de testamenteiro fatalmente incumbente a Luiz.

Dois dias depois do entêrro, ele pensou em dar um balanço em tudo quanto pertencêra ao amigo.

Abriu a grande gaveta da secretária; o morto chamava-a seu “amatório” Lá achou varios retratos da amante, muitas cartas e mesmo um diário: diário de folhas soltas, pequenas notas avulsas, escritas á máquina.

Lendo-o, idéa diabolica lhe acudiu. Substituiu várias páginas. Em uma, por exemplo, o amigo escrevera: “Saí hontem com Henriqueta. Vejo com tristeza a invencivel antipatia dela contra o Luiz”

Fato verdadeiro. Luiz já se tinha dele apercebido, embora Eduardo o negasse.

Não se tratava de aversão profunda, mas em tres lugares Luiz achou alusões á malquerença inspirada por ele á amiga do amigo.

Resolveu alterar as cousas, trocando as páginas onde achou referências ao fato.

Aquela, por exemplo, ele a substituiu inteiramente: “Saí hontem com Henriqueta e o Luiz. Curioso o caso dessas creaturas. O Luiz parece cada vez mais encantado com a Henriqueta; esta entretanto lhe tem quasi aver-

são. Si eu pudesse repetir a proeza atribuída a Catão, dava-lhe de presente a Henriqueta. Aturo-a por honra da firma. Ele, entretanto, parece adorá-la. Quem nos ouvisse conversar, acreditá-lo-ia o amante dela e quem nos conhecesse superficialmente achar-me-ia no dever de ter ciumes. Felizmente conheço bem a correção e a lealdade do Luiz.”

Em tres outros logares fez identicas substituições. Nada mais facil, pois bastava arrancar uma página e pôr outra no lugar. Folhas volantes, as que colocou, escreveu-as como as demais, com a mesma máquina. As que arrancou, picou em pedaços miúdos e deu-lhes sumiço.

Feito isso, colocou o livro de notas no mesmo lugar onde anteriormente estava.

Traição ao amigo? “Traição” importaria talvez em palavra muito solene, porque deveras a ligação de Eduardo não chegava a extremos de paixão. Pelo contrário. Mais de uma vez dissera realmente a Luiz que a sua afeição por Henriqueta nada tinha de profundo. Nunca se casaria com ela. Parecia-lhe ótima parceira para leves amores extra-legais, como os seus eram; mas estava certo de acabar deixando-a

para regularizar a sua situação social. Nessas condições, nada de muito estranho ela entrasse no espólio do finado como legado ao amigo.

Henriqueta, ao chegar, oito dias após, apressou-se em telefonar. Falou com Luiz: entre os papéis de Eduardo, devia haver cartas e bilhetes dela. Não interessavam a ninguém. Alguns desses escritos, percorridos por estranhos, pareceriam até comicos. Queria rehavê-los. Luiz concordou.

Do par dissolvido pela morte nenhum tinha contas a dar á sociedade. Eduardo se proclamava, como frequentemente se exprimia, “solteiríssimo” Henriqueta podia dizer-se “viuvíssima”; fôra casada apenas tres anos. Estava agora com 27, num verdadeiro esplendor de força e beleza e, de a mais, só e rica, sem filhos, nem parentes de qualquer espécie.

Revendo-se pela primeira vez após a morte de Eduardo, Luiz e Henriqueta combinaram que almoçariam em qualquer gabinete particular de hotel e depois ele a traria para o apartamento do amigo. Eduardo usava trazer todas as suas chaves, em aro de ouro, na corrente do relógio. Luiz entregou-as a Henriqueta e dis-

se-lhe que permaneceria no escritório até ser por ela chamado pelo telefone particular do quarto de Eduardo. Garantiu-lhe não ter estado vez alguma nesse quarto, depois da morte do amigo.

Quando entraram, havia sobre a mesa do morto duas esplendidas fotografias: uma de Eduardo e outra de Henriqueta. Henriqueta pegou na do morto e ficou algum tempo mirando-a, com os olhos rasos de lágrimas. Luiz tomou a fotografia dela e disse:

— Como eu fiz mal em não ter vindo cá.

— Por que?

— Porque me teria apossado desse retrato.

Ela fingiu não entender o claro pedido e objetou:

— Isso o interessaria tão pouco.

— E' um engano, um grande engano seu.

La nesse pequeno dialogo verdadeira declaração de amor feita por ele, e, mais uma vez, a afirmação da repulsa de Henriqueta.

Ali mesmo arranjaram pequena maleta de mão, afim dela levar o que desejasse. A primeira cousa a ser nela posta foram os dois retratos. E Luiz seguiu para o seu escritório.

Mal ele partira, Henriqueta abriu a gaveta onde estava sua correspondencia. Sabia onde se achava. Tambem conhecia a existencia do livro onde Eduardo tomava notas; nunca, porém, o havia percorrido. Eduardo mesmo lhe declarara considerá-lo um repositório de segredos.

Henriqueta enfiou-se em lindo quimono e empreendeu arrumar a sua velha correspondencia. Só então sentiu curiosidade de lêr algumas notas do Diario. Falariam dela? Falavam — e até abundantemente como natural. Havia numerosas referencias. Quando chegou áquela onde Eduardo dizia aturá-la por honra da firma e leu com assombro a afirmação dos sentimentos de Luiz, o seu espanto se tornou enorme. Correu então febrilmente todas as outras notas. Nem de leve sentiu dúvida sobre a autenticidade dos pérfidos enxertos. Mas por outro lado, a sua admiração subiu a extremos insuperaveis.

O Luiz a adorava e o Eduardo apenas a suportava?!

Nunca o imaginára.

Mas então — e só então — compreendeu

ou julgou compreender porque Eduardo nunca lhe mostrara o Diário. Quando ele o chamava um repositório de segredos e sorria, Henriqueta julgava adivinhar esse sorriso; havia seguramente nessas notas muitas expansões do seu amor a ela. Entretanto, só havia — oh! o abominável pérfido! — agora o estava lendo, a declaração de limitar-se a suportá-la.

E ela o amára tanto!

Em certo momento estampou-se-lhe no rosto uma cólera violenta. Quasi se teria por seguro, si ela o pudesse, desenterraria o morto no sepulcro para esbofeteá-lo.

Não pôde ir tão longe, mas revolveu rapidamente a maleta e tirou os dois retratos. L'ôs o de Eduardo sobre a mesa, onde estivera, e o seu, o que pouco antes ela negára a Luiz, deixou-o de fóra, cuidadosamente embrulhado. Ajeitou tudo mais e tocou para o escritório do advogado, chamando-o.

Este não se fez esperar.

Henriqueta o acolheu com aperto de mão muito caloroso. Os habituais não eram assim. Luiz viu logo o retrato do amigo restituído ao seu antigo lugar

— Vai deixá-lo?

Ela respondeu, como si isso fôsse natural:

— Eu tenho outros. Talvez este a família deseje conservar

Luiz sentiu uma ponta de remorso, diante daquelas frases. Elas traduziam bem a alteração rapidamente produzida nos sentimentos de quem as dizia. Alteração mais profunda representou ainda o fato de Henriqueta dar-lhe o próprio retrato poucas horas antes negado.

— Falou-me, ha pouco, no seu interesse por ele.

E sorria deliciosamente.

O moço agradeceu com ardor

A casa onde estavam constituia uma coleção de apartamentos de luxo. Sete andares.

— Ainda móra onde morava?

Luiz lhe respondeu a verdade: para um solteirão, como ele, o apartamento onde vivia, aliás longe dali, bastava amplamente. Henriqueta teve então uma proposta extranha: a de tomar ele um apartamento na casa onde ambos naquele momento se achavam. E acrescentou:

— Não este. Qualquer outro.

Luiz admirou-se. Ela volveu:

— Si aceitar minha idéa, ajuntou, eu também tomarei outro apartamento aqui para mim.

Nessa fúria, pela qual Henriqueta, mal saída dos braços de Eduardo se atirava aos de Luiz, nem tudo era tão indigno como podia afigurar-se. Ao contrario! Parecia á moça ter andado muitas vezes mal, buscando separar Eduardo e Luiz, e votando a este uma aversão injusta.

Agora, Eduardo lhe parecia ter roubado o amor pertencente de direito a Luiz. E ela devia a este, como indenisação sentimental, anos de caricias.

Ele, entretanto, estava atordoadado. O resultado das alterações do Diario estava indo muito além dos seus calculos. Henriqueta lhe estendeu ambas as mãos. O moço as tomou e ela se deixou atrair. Um segundo após, quando ele concordou, Henriqueta estava nos seus braços, com os lábios nos lábios dele.

Luiz destacou-se apenas para ouvir-lhe a última proposta:

— Mas nas nossas relações haverá uma condição formal: nunca, em hipótese alguma,

a propósito de nada, me falará em “seu” falecido amigo Eduardo.

E frisou bem o adjetivo possessivo. Era como si puzesse fóra o morto. Ficaria para quem o quizesse. Não tinha mais nada com ele. Varria-o mesmo do passado.

O TESTAMENTO

Alguem batia com toda a força á porta de entrada. Edmundo admirou-se. Acabavam de soar as 10 da noite. Quem podia vir áquella hora insolita?

Levantou-se do leito onde estava e perguntou, um pouco irritado:

— Quem é?

— Sou eu, o Luiz. Abre.

O Luiz era o irmão. De caso muito grave devia tratar-se, para ele vir procurar o Edmundo em momento tão improprio. Não precisou, porém, fazer pergunta alguma. O irmão foi logo mostrando um telegrama de poucas palavras:

“Tio Eduardo muito doente perigo de vida. Convém virem.” E assinado “Margarida”.

Luiz morava em uma pequena casa com

dois quartos, duas salas e uma cozinha. Vivia com uma companheira da qual tinha dois filhos, um de 7 e outro de 5 anos. Vida perfeitamente conjugal. Razão para não a regularizar?

Por causa precisamente daquele tio Eduardo, a cuja doença aludia o telegrama. Na intimidade, tanto Luiz como Edmundo não lhe chamavam senão “o tio rico”

A sua riqueza não era, de certo, formidável. Devia oscilar entre duzentos e trezentos contos. Vivia na roça. Viuvo, passara muito mal o seu tempo de casado e creara por isso verdadeiro odio ao casamento. Os dois sobrinhos constituíam toda a sua família.

Certa vez, anunciou-lhes ter feito testamento em favor deles. Não deixava mais nada a ninguém. Mas o testamento tinha uma condição: estariam solteiros ao tempo da morte do doador. Si um casasse, a fortuna passaria ao outro. Si ambos fizessem isso, tudo ficaria para uma instituição de caridade.

Era formal.

Diante de tal clausula, assentaram os dois em não casar. O tio rico não poderia durar muito — isso pelo menos lhes parecia — e,

sendo assim, mais valia esperar por sua morte. Casariam depois. No entanto, seria impossivel achar pessoas mais proprias para o jugo matrimonial. Cada um deles achara uma companheira com a qual vivia conjugalissimamente.

Edmundo tinha tido um filho, Luiz dois. Luiz era linotipista. Ganhava o bastante para a sua vida. Não dava para grandes cousas, mas, em ultima analyse, era sufficiente. Ademais, a companheira era bôa, simples, alegre. Resignada com a sua vidinha modesta, suportava-a de bom humor. Mostrava-se, sobretudo, muito cuidadosa com os filhos, sempre pobremente vestidinhos, mas limpos e direitos.

Edmundo tinha sido tambem feliz na escolha de companheira. Ele era marceneiro em uma officina onde fabricava moveis finos, e como, não só tinha grande pericia, mas ainda desenhava admiravelmente, creava modelos, pagos pelos patrões com generosidade, porque em hipótese alguma o quereriam perder.

Juntava-se a isto o fato de as duas familias, com os seus chefes á frente, entenderem-se admiravelmente bem. Luiz era o padrinho do filho de Edmundo e este o dos dois filhos de

Luiz. Quando um chegava á casa do outro já contava com festivo alarido para recebê-lo.

Mal o Luiz começou a falar, o pequeno filho do Edmundo, quasi adormecido, reconheceu-lhe a voz e saltou da cama para abraçá-lo. Vinha metido no seu camisolão de dormir, alegre e risonho. Pendurou-se ao pesçoço do tio, abraçando-o e beijando:

— Tio Luiz! Tio Luiz!

Mas os dois irmãos precisavam conversar e preparar a viagem para a madrugada seguinte. Partiriam pelo trem das 5 horas da manhã.

A companheira do Edmundo veio tambem do quarto, apertou a mão do Luiz e, sabendo o motivo da visita, disse sem nenhuma dissimulação:

— Leve-o o Diabo! Já não é sem tempo.

Porque as duas mulheres detestavam o famoso tio rico: era quem lhes atravancava o caminho para a felicidade. Na esperança da riqueza, a provir do testamento, estava o grande impecilho para o casamento dos dois irmãos, regularisando-lhes a vida.

Luiz e Edmundo iam sempre no principio

do ano visitar o tio. Nesse, como nos outros, tinham prestado essa homenagem ritual. O tio Eduardo a prezava muito.

Quando a mulher morrera, ele ficara com uma rapariga, afilhada desta. Tomava conta da casa. Tinha então 25 anos. Nenhum parente. O viuvo resolveu conservá-la.

Falariam daquela situação? Era inevitável. Mas ele tinha um profundo desprezo pelas murmurações. Deixou a rapariga em casa. No fim de algum tempo, todos se habituaram. Não parecia, de fato, fôsse Margarida mais que uma governante, uma criada apenas um pouco mais graduada.

O Luiz e o Edmundo tinham, entretanto, por ela uma certa antipatia. O Luiz comentou:

— Margarida deve estar bem assustada.

— Por que?

— Porque, com a morte do tio, ela terá de rodar. A não ser (ajuntou sorrindo) desejões tomá-la para ti.

— Isso não! Posso cedê-la a quem quizer.

O Luiz terminou conciliadoramente:

— Podemos rifá-la.

Não havia, porém, motivo para essa pre-

venção com a pobre mulher. Ela ficára na casa do velho Eduardo do qual recebia o teto, o pão e uma mensalidade insignificante. De veras, a pobre não sabia como poderia fazer qualquer cousa fóra daquela prisão, onde nacera, crecera, envelhecera. Ninguém suportaria o velho com a paciencia igual á dela.

Mas as duas companheiras dos sobrinhos a envolviam na mesma antipatia, votada ao tio rico. E os maridos haviam acabado por partilhar esse sentimento injusto.

Morto o tio, passando eles a ser os herdeiros, como procederiam com ela? Dar-lhe-iam um mez de salario e po-la-iam na rua. Ali mesmo o decidiram. E firmaram a partida para a madrugada seguinte.

Luiz ficou de ir ao telegrafo e anunciar a resolução.

Feito isso, só se reveriam de madrugada na estação da estrada de ferro. O trem das 5 os levaria até certo ponto, onde se baldeariam para uma linha de bitola estreita. Durante tres horas seriam sacolejados barbaramente. Do leito da estrada, de simples terra batida, o trem ao passar levantava uma nuvem densa

de poeira. Era frequente ver as locomotivas puxando apenas carros de carga, os de passageiros — carros divididos em uma parte de 2.^a e outra de 3.^a — viajavam muitas vezes vãos.

Não houve, portanto, nada de estranho quando, feita a baldeação, Luiz e Edmundo verificaram não ter companhia alguma. O caso não lhes desagradou. Luiz, sobretudo, um pouco mais fino que o irmão, dispensava companhias com facilidade.

— Vês tu o luxo? disse o Edmundo. Vamos em trem especial, só para nosso uso.

— Tanto melhor, opinou o Luiz; mais vale só. Mal acompanhado não serve.

— Mas ha uma terceira hipótese, e eu tive o bom gosto de escolhê-la. Vou acompanhado, mas em boa companhia. E sacou do bolso do sobretudo uma garrafa de parati, comprada na estação.

— Levo aqui Dona Branquinha!

Luiz não bebia alcool de especie alguma. Teve um muchôcho de desdem.

— Bom proveito te faça!

Edmundo desenvolveu a garrafa e, pon-

do-a sumariamente á boca, enguliu um bom trago.

O carro atravessava então regiões áridas e desertas. Era verão. Um sol implacável calcinava tudo. Fazia um calor tremendo. De espaço a espaço, alguma arvore — algum esqueleto de arvores sem folhas erguia os ramos em zigue-zagues para o céu inclemente, muito azul. Nem uma nuvem.

O tremzinho era jogado de um lado para o outro, com violência.

Os dois irmãos começaram a conversar. Lembraram a vida do tio Eduardo.

Como fôra esteril!

— Afinal, disse o Edmundo, ele foi máu para si mesmo e para nós. Podia ter-nos ajudado.

Luiz mais conciliador e inteligente, ponderou:

— Não era maldade; era ignorancia. Ele não sabia viver senão assim.

O alcool fazia efeito em Edmundo, naquele forno horrível. Irado, replicou:

— Máu, sim; muito máu. Não queiras adúl-lo: não te deixará mais por isso.

— Nem eu quero. Deixe quanto quizer.
Edmundo saltou, escarnecendo:

— Olha o santinho desinteressado. Si tu pudesses, tomavas tudo para ti.

— Tu sabes bem como eu seria incapaz disso.

Edmundo estava possesso, furioso:

— Nem serias tu capaz de outra coisa.
Mas eu não deixo.

E com uma obstinação de bebedor, dando punhadas no ar gritou:

— Não deixo! Não deixo! Não deixo!

Luiz calou-se. Edmundo sacou do bolso um canivetão, em cuja companhia sempre andava, e abriu-lhe a larga folha, quasi uma faca. E ele se gabava sempre de trazê-la afiadíssima.

— Seria capaz de tirar fatias de vento — costumava dizer, para elogiar-lhe o corte.

Edmundo bebeu os ultimos goles de aguardente e pousou a garrafa no chão. Continuava a empunhar o canivete com a folha aberta.

Nesse momento o trem galgava uma ladeira. Subia arquejante como um asmático. A aridez em torno era a mesma. Quando ele chegava a esse trecho de acentuado aclive ia

lentamente. Alguem que corresse ao seu lado, correria mais depressa. Em compensação, os trens ao descerem vinham sempre em uma velocidade louca.

Naquele ramal perdido de uma estrada de ferro sem importancia tudo ia á matroca. O trem onde estavam Luiz e Edmundo era bem um exemplo disso: apoz a locomotiva e o seu tênder tinham posto sete carros de mercadorias e só no fim o unico de passageiros, os quais se achavam assim absolutamente isolados.

Nisso pensava com pavor Luiz, vendo a fisionomia do irmão, demudada de furia.

Edmundo fitava-o tambem:

— Então, embuchaste? Não dizes nada?

— Mas si eu não tenho nada para dizer? Farei quanto quizeres, como quizeres. Obedecer-te-ei.

Aquelas palavras deviam ser de natureza a acalmar o irmão. Eram ditas com um tom de verdadeira humildade.

Mas Edmundo pareceu ficar ainda mais feroz:

— Tu estás é com hipocrisia, pronto a me enganar quando puderes.

E avançou para o irmão. Luiz viu o perigo e levantou-se, disposto a trancar-se no gabinete de *toilette* do trem. Esse gabinete separava as duas classes. Mas Edmundo não lhe deu tempo. Com a mão esquerda abotoou-o violentamente, empunhando-lhe a roupa, á altura do peito e vibrou-lhe uma facada tremenda. Vibrou-a, enterrando a lamina do canivetão á direita, á altura do figado do irmão e correndo com o corte para a esquerda, rasgando-lhe inteiramente o ventre.

O talho tinha, de certo, mais de trinta centímetros. Por ele, os intestinos, rôtos, jorrando fézes, se despejaram, e Luiz caiu pesadamente num lago de sangue.

Edmundo só então pareceu acordar do seu delirio sanguinario. Levou á testa as costas da mão direita, onde ainda estava o canivetão escorrendo sangue e arregalou os olhos horrorizado. A bebedeira se lhe dissipara:

— Luiz! Luiz!

O trem, cada vez mais arquejante, subia de vagar. Ia dobrar uma curva muito acentuada. Nada se descortinava para a frente. Tinha-se a impressão de ver os trilhos dobrarem brus-

camente e penetrarem na montanha, em plena rocha.

Edmundo abaixou-se e sacudiu ainda uma vez o irmão:

— Luiz! Luiz!

Mas era inutil. Estava bem morto. Só havia o recurso de fugir e Edmundo o tomou. Não era difficil: o trem ia de vagarinho, bufando, resfolegando. Edmundo armou o salto e projetou-se no espaço. Mas não reparou no fato de estar justamente na curva do lado da entrelinha, por onde ia passar a toda velocidade, no sentido da decida, o trem de volta. E a locomotiva desse trem, apanhando-lhe o corpo em cheio, quando ele ainda estava no ar, projetou-o a distancia, partido ao meio, em pedaços.

O maquinista nem deu por isso. Sentiu um choque; mas a tantos a maquina estava sujeita! Um a mais ou a menos não era para ser notado.

Pouco depois o trem, onde estava o corpo de Luiz, apitou forte. A estação terminal se achava á vista. Um pouco mais — e o trem parava.

Na plataforma da estação, além do agente, só havia uma mulher de preto e um molecote.. A mulher era gorda, placida, simpática. Tinha o rosto e sobretudo os olhos avermelhados de quem chorou muito. Era Margarida.

O chefe do trem, conhecendo não só a ela como a Luiz e Edmundo, falou-lhe afetuosamente:

— Bom dia, D. Margarida. Os rapazes vêm aí.

Mal acabava de dizer isso, o molecote rompeu em altos gritos. Ele se adiantara até o carro de passageiros, e descobrira o corpo de Luiz numa poça de sangue.

Margarida era agora a pessoa mais importante do lugar. Dois dias antes de morrer, o tio Eduardo resolvera casar-se com ela e institui-la sua herdeira universal.

Todos ali a cercaram carinhosamente, quando transida de horror, viu também o achedo sinistro e desmaiou dizendo:

— Pobre Luiz!

FREUDISMO

A pequena Ruth Espinosa nunca percebeu bem porque o Sr. Smith, diretor d'A *Trombeta da Fama*, primeiro se revelou apaixonado por ela, pareceu disposto a pedi-la em casamento, e depois, subitamente, não lhe falou mais nisso, passando até a manifestar-lhe verdadeira antipatia. De veras, ela menos compreendia a segunda parte, porque uma moça de 20 anos, incontestavelmente bonita, sempre acha natural o fato de todos se apaixonarem pelos seus encantos. Mas, si o Sr. Smith cumprira a sua obrigação de homem de bom gosto, não via razão para o seu abandono de tão nobres intenções. Teriam sido intrigas, calúnias, afirmações miseráveis, veiculadas por cartas anónimas? Tudo era possível. O mais estranho, porém, seria si alguém interpelasse o Sr. Smith. Ele também não saberia responder.

Só um homem poderia explicar o caso, mas esse precisamente nunca o faria: o atual marido de Ruth, o desenhista Marcio Rafael...

A agencia *A Trombeta da Fama* incumbia-se de publicidade em geral, sob todas as suas formas: na imprensa, nas ruas, em cartazes, pelo radio, de todos os modos. Quem queria tornar célebre um produto dirigia-se a ela e estava seguro de que *A Trombeta da Fama* saberia trombetear o artigo de cuja propaganda a tinham incumbido. Todos o ficariam conhecendo. A agencia tornara-se célebre pelos seus cartazes. Mario Rafael tinha uma grande originalidade e espirito. Seus cartazes faziam verdadeiro sucesso. Não era raro ver amadores de bom gosto irem comprá-los á empreza para os colecionar.

No entanto, um belo dia, certo diretor pouco inteligente tivera uma desavença séria com Marcio Rafael. Este lhe dissera meia duzia de desafôros e saíra da empresa.

De fato, ele não podia admitir as críticas de um idiota, metendo-se a corrigir-lhe os desenhos, a pedir que fôsem feitos deste ou daquele modo. O diretor comercial tinha apenas

a dizer-lhe o fim visado e indicar o tamanho do cartaz.

Com a saída de Marcio Rafael, *A Trombeta da Fama* desafinou. A agencia esteve quasi a fechar. O desenhista seu substituto fazia uns cartazes sem graça, calamitosos. Felizmente as coisas se concertaram, com a substituição do tal diretor e a volta de Marcio Rafael. Foi nessa ocasião que o Sr. Smith tomou conta da empresa e Marcio, voltando ao seu antigo posto, fez mencionar em contrato a sua liberdade inteira na parte artistica. Desenhava á sua vontade, como queria; ninguem tinha o direito de criticá-lo. A agencia funcionava em vasto primeiro andar de um predio bem central. Smith não quizera divisões, tapamentos, gabinetes separados: era tudo uma sala só, de 10 metros de frente sobre 20 de fundo. Cada um tinha sobre sua mesa um telefone interno, com o qual podia comunicar-se para qualquer das dos outros empregados. O sinal do telefone não era sonoro: só uma lampada que se acendia. Era proibido levantar-se de uma mesa para ir conversar em outra. Ademais, todas as máquinas de escrever eram do tipo silen-

cioso. Assim naquela enorme sala, com tanta gente trabalhando, não havia barulho. Smith bem ao centro, fiscalisava tudo.

Mas o característico mais curioso dessa enorme peça clara eram as paredes cobertas de cartazes. O cliente, indo contratar qualquer gênero de publicidade, podia vêr os anúncios ilustrados afixados pela empresa por toda parte, no país inteiro. Todas as semanas Marcio Rafael ou os substituía ou pelo menos os mudava de lugar, mas tinha sempre o cuidado de pôr o melhor bem defronte da mesa do diretor.

Este, porém, parecia nem o examinar. Prestava atenção ao seu tamanho, para fazer o preço aos freguezes da casa, mas não apreciava finuras artísticas. Era inteiramente destituído do sentido da beleza.

A única pessoa com quem ele conversava um pouco era precisamente Marcio Rafael. Com o resto do pessoal lidava de um modo indiferente. E no entanto nesse pessoal havia várias moças, entre as quais não faltavam rostos deliciosos. Um deles impressionara Marcio Rafael: o da pequena Ruth Espinosa, descendente de espanhóis,

Marcio procurou aproximar-se dela, varias vezes lhe falou, mas hesitava em chegar ás declarações ultimas. Não tinha ainda uma situação bem sólida. No entanto, fazia uma cousa bem equivalente a declarações de amor, si a moça prestasse atenção ao caso. Passou a multiplicar as representações de seu rosto por toda parte.

Tinha de anunciar uma pasta para dentes? A figura sorridente de uma moça, a mostrar os seus, brancos e magnificos, era a de Ruth. Ele não lhe dizia nada, mas lá a punha, nos cartazes, com um sorriso delicioso. Havia a apregoar as excelencias de um remedio para fazer dormir? Lá estava a figura da moça ador-mecida. E era ela, indiscutivelmente ela.

Queria algum fabricante atraír a atenção para uma nova marca de cigarros? Ruth figurava nos mais delicados cartazes, fumando com graça.

Havia uma qualidade de café moído, o Café Bem-te-vi. Os anuncios o declaravam excelente. A figura de formosa moça — e era Ruth — lá estava, ainda no leito, tomando uma chávena. Um despertar risonho, prometedor

do dia cheio de felicidades. A obra prima do desenhista fôra, porém, o anúncio da Loteria da Felicidade. Era uma figura de corpo inteiro, bem de frente, com as mãos cheias de dinheiro, oferecendo-o. E a fisionomia tinha esses olhos, cujo olhar acompanha quem os fixa em todas as direções. Era admirável de vida, irradiante de beleza e graça.

Por isso mesmo, Marcio poz esse cartão diante da mesa de Smith. Tres dias depois este lhe fez uma confidencia. Ele era, nos negócios, agressivo, um pouco brutal; mas, tratando-se de sentimentos intimos, um verdadeiro tímido. Confiou a Rafael — mas confiou por suas palavras, hesitante, como quem temia ver o moço zombar d'elle — estar apaixonado pela pequena Espinosa. A ella mesma já o dera a entender. Queria casar-se.

Marcio ficou assombrado. Perguntou-lhe de onde lhe viera aquella idéa. Mas Smith não era homem para análises psicologicas, para introspecções demoradas. Não se estudava intimamente. Um dia, vendo a pequena, cuja mãe ficava muito longe da do diretor, e que raramente vinha falar-lhe, teve uma impre-

são subita e profunda. Foi um caso fulminante de amor. Resolvera pedir para a Inglaterra uma informação exata sobre todos os seus negocios, para então falar á pequena decisivamente no casamento. Mas este no seu espirito era caso resolvido. O desenhista ficou sucumbido. Smith o venceria na concorrência, era bem claro. Mal apresentasse claramente a sua candidatura á mão da rapariga, Marcio estaria imediatamente (podia até dizer-se: automaticamente) posto á margem. Como, porém, aquele homem grave, destituído de romantismos, lento a decidir-se, se apaixonara tão bruscamente pela moça?

Ao entrar no escritório da firma, no dia imediato, Marcio entendeu tudo. Entendeu, porque, dias antes, por desfastio, ouvira uma conferencia literaria. O orador dava a explicação dos amores fulminantes, á primeira vista, amores dos quais nasceu aquella formula célebre de cartas de namoro: “Vê-la e amá-la foi obra de um momento”

Ocorre nesses casos ser a inspiradora de tão grandes paixões, em geral, muito parecida com a mãe do apaixonavel amoroso. Não com

a mãe, como ela está no momento do acesso de paixão; mas com a mãe, como era no tempo do nascimento do menino. Ela era então para o pequeno uma fada, uma deusa, a incarnação da Providencia. Si o filho tinha fome, tinha sede, sentia uma dôr, queria um brinquedo, quem lhe dava tudo isso? A mãe. Satisfazia-lhe todos os desejos, era a fonte de todas as suas alegrias.

Mais tarde, ela mudou, foi envelhecendo e, por sua parte, o menino se fez homem e procurou outros prazeres. Mas no fundo do seu inconciente ficou a imagem da mulher-anjo, da mulher-providencia, da acalmadora de todos os seus males, da suscitadora de todas as suas alegrias. Anos decorrem. Subito, porém, lhe aparece alguem com esses traços — os antigos traços da mãe, quando ela era tudo isso. Conscientemente, ele já não se recorda dessa semelhança. Mas o Inconciente não se esquece. E, de subito, ele tem a impressão de achar em uma mulher a evocação de todos os beneficios que a mãe lhe fazia. E' um anjo, uma deusa.

Marcio Rafael, olhando a vasta sala cheia de cartazes, todos eles reproduzindo o rosto de

Ruth, mais ou menos modificado, mas com inegável semelhança, preparara para Smith uma situação psicológica idêntica. Cada um desses cartazes parecia atribuir á moça uma perfeição. No anúncio de uma pasta para dentes, ela ensinava o meio de torná-los alvíssimos. No reclame de um pó de arroz, ela dizia como se podia ficar com uma pele ideal. Dôres de dentes e dôres de cabeça não são cousas agradáveis. Mas o desenhista fizera o rosto da moça quando já as dôres haviam passado: estava radiante de saúde, de alegria. Que cousa horrível uma insónia! Fazia gosto, no entanto, vêr o rostinho delicado da moça, dormindo e prometendo aos outros fazê-los dormir um bom sono reparador. Tinha tomado o Sonil. E mesmo no sono como era bela!

Somando-se inconscientemente no espirito de quem assim os estivesse vendo em conjunto, o dia vinha desde o despertar com o Café Bem-te-vi até o adormecer com o Sonil. Era uma bemaventurança constante, um encanto permanente. Por fim, havia o anúncio da Loteria da Felicidade, precisamente defronte da mesa de Smith. Era Ruth no máximo esplendor dos

seus encantos: prometia a Felicidade; nada menos: a Felicidade. Bem certamente, Smith jámais analisára esta situação; mas a sugestão crecêra dentro dele de um modo insidioso, pertinaz e inconciente — Ruth, Ruth, Ruth, em todas as perfeições. Um belo dia, quando reparou na mulher em quem se incarnavam todos aqueles dons sublimes — vê-la e amá-la foi obra de um momento. Mas o desenhista, compreendendo de onde havia partido o mal, resolveu dar-lhe o remedio. Tinha precisamente que proclamar os meritos de umas pilulas purgativas.

Desenhou o cartaz. Foi ainda uma vez o rosto de Ruth. Mas o rosto se contraía em uma careta feiíssima. Para não fazer carêtas tão feias convinha tomar as Pilulas Anti-cólicas — proclamava o reclame. Quem conhecesse Ruth e visse aquele desenho ficava com a idéa de como ela devia transformar-se, quando soffesse uma cólica. Era abominavel. Tinha-se a impressão, olhando para a moça depois de ter visto o cartaz, de vêr-lhe sobre a cara a mascara da anunciadora das Pilulas Anti-cólicas. O desenhista substituiu o reclame da

Loteria da Felicidade pelo das pilulas purgativas. E começou a fazer todos os seus cartazes tomando esse ponto de vista: caricaturando a pobre Ruth. Havia o acordar de uma pessoa biliosa. Como estava horrivel! Devia-se tomar o Xarope Anti-bilioso. Mas enquanto não o tomava, com que expressão feiíssima se achava.

Contra a insónia havia outro remédio: o Dormol. Mas para anunciá-lo Marcio pôz uma Ruth insone, cansada, que não se podia vêr sem desagrado.

E aí estava um dia de outra especie, desde o Xarope Anti-bilioso até o Dormol, com as Pilulas Anti-cólicas no meio. Como seria pavoroso viver um dia inteiro com uma pessoa assim! O efeito foi decisivo. Smith, saindo uma tarde com Marcio Rafael, deu-lhe duas boas noticias: ia partir em viagem de férias para a Inglaterra e tencionava deixar a ele, Marcio, como seu substituto interino.

— E o casório, Mister Smith?

O inglês fez um gesto de enfado:

— Não ha casório nenhum. Não fale nisso. Foi um ameaço de cólica romanesca, mas passou...

A comparação absurda e anti-poetica traía o motivo inconciente de onde proviera a resolução. Conversaram sobre outras questões. Marcio Rafael, afastado o concorrente, não teve dificuldade em ganhar a partida. A rapariga estava despeitadissima com o inglês. Felizmente, ela também não comprehendêra a perfidia. E voltou a ser nos cartazes a figura predominante, mas cada vez mais bela.

VÊ - L A E A M Á - L A

Às 8 horas da manhã as empregadas estavam chegando ao escritório de Carvalho, Bentes & Cia. Limitada. Era todo o quarto andar de um arranha-céu bem vasto. Chegavam e iam para a sala de *toilette*.

Bentes, o diretor de todo o serviço, era um velho rabujento. Bom e generoso, mas de forte misoginismo. O pessoal feminino da casa estava sujeito a regulamento muito apertado e cheio de extravagancias.

Apertado, porque o velho não transigia no capitulo da pontualidade.

Devia ser estrita, matemática:

— Quem quizer póde chegar um mez antes, um mez ou um século, mas não póde chegar um minuto depois — explicava o velho Bentes.

No escritório não trabalhavam homens.

Cada empregada, ao entrar, devia enfiar um *overall* de brim pardo e pôr um bonézinho, igual para todas. E quem viesse pintada devia lavar o rosto. O velho rabujava:

— O Carnaval tem tempo certo. Não quero aqui gente pintada. Quando tiverem de sair, pintem-se á vontade, já que a policia admite gente mascarada fóra da época. Aqui dentro, não ha disso.

As moças desesperavam-se. Era monacal. Diziam mesmo: “Vamos para o convento!”

Mas, bem vistas as cousas, valia a pena fazer parte do pessoal do escritório de Carvalho, Bentes & Cia. Limitada. O ordenado era bom, pago pontualmente, e, si alguma caía doente, o medico da firma ia vê-la. Não se lhe descontava nada e o velho mandava dar os medicamentos.

Além do chefe, o unico homem que trabalhava no estabelecimento era o filho dele, o Alfredo, belo rapagão de 30 anos, athleticamente forte. Juntava a isso ser muito bonito. As moças chamavam-lhe assim de longe — porque nem ele dava, nem tomava confiança com nenhuma.

De véras, mesmo a unica com quem falava era Margarida, a secretária do pai. Ela trabalhava na sala deste, contigua á do filho.

Margarida era bonita. Mas não se dava por isso, sob a indumentaria forçada da casa. Com aquele uniforme, a Venus de Milo, a Gioconda, qualquer outra beleza célebre — todas ficariam mediocrisadas, enfeadas, grotescas.

Quando Margarida entrou para o escritório de Carvalho, Bentes & Cia., o pessoal feminino a recebeu com verdadeira hostilidade. Começava pelo posto mais alto, por todas cubicado. Fôra, porém, recomendada pelo outro sócio da casa, o maior capitalista da sociedade. Apelidavam-no por gracejo “o Companhia”, porque a ele se referia aquela designação da firma. Dissera “o Companhia” ao Bentes:

— Você experimente a rapariga como secretária, por dois ou tres mezes. Si não prestar, dê-lhe outro serviço.

Mas prestou. Prestou admiravelmente. Apreendia tudo, á primeira vista. Acabou mesmo conquistando a simpatia de todas as colegas, para cada uma das quais tinha uma frase

de agrado, uma amabilidade. Redigia muito bem. Era uma datilógrafa perfeita.

A's vezes, quando o velho Bentes chegava, já Margarida tinha aberto a correspondencia, segundo a autorização dada por ele e preparado respostas a todas as cartas. Algumas destas só podiam ter uma solução: ela a tinha dado. Outras, porém, eram casos duvidosos. Margarida fazia varias respostas, uma afirmando, outra negando e uma terceira propondo condições especiais.

Ao velho Bentes bastava apenas escolher a solução preferida e assinar. Por isso dizia:

— Antes desta moça vir para aqui, eu levava tres ou quatro horas para fazer meu serviço. Agora, faço-o em meia hora.

E o elogio não era excessivo.

O velho punha grande empenho em fazer lêr tudo ao filho, para ele estar a par de todos os negocios da casa.

Margarida tinha uma amiga muito rica: Maria Teresa. Amizade de collegio, intima e profunda, prolongada pela vida a fora, com toda a sinceridade. Alguns mezes antes de entrar para o escritório onde estava, ela fôra

visitar essa ex-colega e tivera a surpresa de achá-la doente. Encontrou precisamente á porta, despedindo-se, o médico — o velho médico da casa — dizendo a D Rita, por todos chamada “a viuva Santos Brandão”, mãe da sua amiga :

— Não se póde esconder: o caso é gravissimo, mas não de todo desesperador: depende, sobretudo, de muito cuidado. Eu vou mandar-lhe uma excelente enfermeira.

Margarida não sabia de nada. Apesar disse, colhida assim de surpresa, ao ouvir as ultimas palavras do facultativo, não teve um momento de hesitação. Segurou-o pelo braço embora não o conhecesse e ali mesmo declarou:

— O Dr. não vai mandar ninguém: a enfermeira sou eu. Não saíio d’aqui, enquanto Teresinha não estiver boa.

D. Rita e o médico insistiram, para Margarida desistir desse propósito; mas ela não cedeu:

— D. Rita, ou a senhora me manda pôr fóra, á força, por seus criados ou eu não consinto mais ninguém se ocupe com Teresinha.

E durante quinze dias foi enfermeira, foi

criada, foi tudo da amiga. Foi principalmente uma dedicação incomparavel e ilimitada.

A doente se levantou e certa vez, estava agradecendo ao médico tê-la posto bôa. Este lhe respondeu, apontando para Margarida:

— Você deve tudo é a esta moça. Sem ela todas as drogas da minha medicina não valeriam nada. E falta acrescentar: sua amiga pôde gabar-se de ter curado a mais insuperavel das doentes.

Quando o médico saiu, Teresinha disse á amiga:

— Eu não sei si este homenzinho imaginou estar fazendo modestia; mas ele não disse sinão a verdade: tu foste a minha salvação.

E, ainda uma vez agradecida, beijou Margarida, impedindo os seus protestos.

Depois disso mais de um ano passara.

Um belo dia, Margarida recebeu um pedido telefonico de Maria Teresa para ir vê-la, quando saísse do emprego.

Esperava-a a maior das surpresas. A amiga tinha uma assinatura de teatro para uma temporada de opera. Assinatura de camarote.

Mas a mãe não se sentia bem. Não podia acompanhá-la.

— Você vai comigo.

— Mas é impossível. Eu não tenho vestidos para isso.

Maria Teresa lhe explicou o caso. Não indo a mãe, ela podia convidar alguma das numerosas primas: era, disse, genero abundantissimo provido na familia. Nenhuma, porém, lhe agradava. E si convidasse qualquer, crearia logo grave conflito doméstico: as outras se queixariam. Decidiu, portanto, ir com Margarida.

Havia o problema dos vestidos. Mas esse era o mais facil de resolver porque Maria Teresa podia emprestar ou dar todos quantos Margarida quizesse. Tinham exatamente o mesmo corpo. O caso serviria a Teresinha de pretexto para fazer á amiga muitos presentes desse genero. Em nada teria maior prazer. Sabia ser agradecida.

Aceito o convite, começou para Margarida um periodo delicioso. Ao sair do escritório, ia para a casa da amiga fazer-se pentear, vestir-se a capricho, transformar-se, ou como ela di-

zia: “ser promovida a gente” Quem a visse á noite, bem vestida, bem penteada, com um soberbo colo á mostra, não reconheceria de certo a empregadinha de *overall* de brim pardo, com uma coifinha ridícula, os lábios e as faces palidas. Era uma transformação completa.

Ademais qualquer dos vestidos arvorados por Margarida valia, de certo, mais de um mez de vencimentos de secretária do velho Bentes. Isso aumentava ainda a dificuldade para qualquer pessoa identificá-la com a espectadora do teatro.

De como a transformação merecia bem o qualificativo de completa houve entre outras provas a fornecida por um amigo do Bentinho. Rapaz rico. O pai fingia ocupá-lo em qualquer cousa, mas de fato, ele só se ocupava em divertir-se. Esse rapaz, o Guilherme Loureiro, costumava ir buscar o Bentinho á hora do almoço. Tomavam-no sempre juntos, em um hotel.

Quando Margarida surgiu á primeira vez no camarote, ao lado da amiga, o Loureiro, da platéa, onde estava, assestou o binoculo para ela e pareceu cair em extasis. Tê-la-ia reco-

nhecido? De modo algum. Mirava-a e remirava-a infatigavelmente.

No dia seguinte, ele entrou no gabinete do Bentinho quando Margarida aí estava. A moça tremeu: dir-lhe-ia ele qualquer coisa? Não disse. Era positivo não suspeitar nada.

E foi assim em outros dias.

Em um deles, porém, quando entrou, viu-se interpelado pelo Bentinho, gracejando:

— E então como vai a paixonite aguda?

— Ou eu descubro quem é aquela pequena ou dou um tiro nos miolos.

— Isso é impossível.

— Por que? perguntou o rapaz, formalizado. Você não me acha com coragem para fazer saltar os miolos?

— Coragem talvez você tenha; faltam-lhe, porém, os miolos. Não salta nada.

— Em ultima análise, abro a porta do camarote da viuva Santos Brandão e pergunto á pequena si quer casar comigo. A' queimadura. Ou vai ou racha!

— E si ela aceitar a proposta?

— Eu caso.

— Pobre moça! comentou rindo o Ben-

tinho. Não a conheço, mas lastimo-a! Triste sorte a espera!

Margarida estava quasi a rebentar de riso, traindo-se. Saiu um pouco da sala, combinou qualquer cousa com o criado do gabinete e voltou para o seu lugar. Obedecendo á ordem recebida, o criado entrou e anunciou em voz alta, falando á moça:

— Da casa da viuva Santos Brandão mandam dizer que a senhora, podendo, telefone para lá.

O Loureiro deu um pulo:

— A senhora conhece a viuva Santos Brandão?! Como não dizia?

— Eu não tenho o costume de intrrometer-me nas conversas alheias.

— Mas este é um caso de assistencia publica, um caso a demandar socorro immediato.

E a gracejar, aproximando-se dela:

— Moça perversa, moça malvada, sabe quem é a pessoa de quem eu estava falando?

— Julgo já a ter visto algumas vezes, mas não tive a curiosidade de indagar quem era, mesmo porque não a achei assim tão bonita.

O senhor devia mudar de binoculo: talvez o seu tenha algum defeito.

Intimamente, o Loureiro viu naquela afirmação um simples exemplo de inveja e despeito femininos. Perguntou, porém, a Margarida si podia fazer alguma cousa para bem informá-lo. A moça meditou um pouco e fez-lhe estranha proposta:

— Hoje é dia de espetáculo. Vá. Entre o primeiro e segundo ato, arranje-se de modo a ficar parado no corredor. Póde ser mesmo encostado á parede, mas diante do camarote de minha amiga. Bem defronte da porta.

— E depois?

— Depois? Não lhe digo mais nada. Vêr e amar a desconhecida, de longe, a binoculo, foi obra de um instante, mas vê-la, falar-lhe de perto, bem de pertinho e desamá-la — vai ser obra de outro instante.

O Bentinho tendo ouvido a combinação, perguntou si podia ir tambem. Margarida não só consentiu, como animou: não faltasse.

Os dois saíram, juntos, como de costume, conversando. Nenhum previa qual seria o plano de Margarida. Mas falando dela, o Benti-

nho disse ao amigo quanto era habil e intelligente:

— Meu pai lhe faz os maiores elogios.

— E si teu pai os faz, ela deve merecer o dobro ou o triplo: ele não é precisamente amavel com o pessoal feminino.

A' noite os dois não faltaram.

Margarida tudo contou á amiga. Esta ficou satisfeitissima. Precisamente, acabava de receber um vestido esplendido. Era um mimo de luxo e beleza. Maria Teresa fez questão que Margarida o estreasse. Em vão, esta protestou; teve de ceder. Penteada a esmero, calçada a primor, com uma pintura discreta, mas por isso mesmo mais realçadora ainda da sua beleza, Margarida radiava, deslumbrava.

Teresinha pôz todo o cuidado em não haver nenhum defeito no trajo da amiga. Quando esta assomou ao camarote, foi como quando se põe uma barra de iman perto de um masso de agulhas.

As agulhas eram os binoculos: todos se voltaram automatica e irresistivelmente para a moça. Entre eles não faltaram os do Loureiro e do Bentinho.

Quando o ato acabou, Margarida deixou passar alguns minutos, deu tempo á platéa esvaziar-se e abriu a porta do camarote. De frente dela, conversando, mas disfarçadamente atentos, estavam o Bentinho e o Loureiro.

Margarida adiantou-se sorrindo para os dois e lhes disse, estendendo a mão ao Loureiro:

— Está vendo como se dissipa uma ilusão!

Mas o Loureiro parecia assombrado, abobalhado, perdida a fala. Um medico daria como diagnóstico ao seu caso: estado de choque. Ele ainda não reconhecera de todo a moça. Com os olhos arregalados, em uma expressão de espanto, lutava entre a evocação da empregada de *overall* de brim pardo e a formosa creatura que ali tinha radiante de beleza e graça, perante seus olhos.

Margarida o acordou:

— Está custando a reconhecer-me? Sou eu mesma, a Margarida com quem esteve a conversar esta manhã no escritório do Sr. Bentes. Nunca houve outra pessoa no camarote de minha amiga.

Loureiro continuava sem saber como procedesse. Margarida o levou a aproximar-se da

amiga, apresentou-os e fê-lo entrar no camarote. O rapaz foi recuperando pouco a pouco o sangue frio. Lembrava-se agora, além do mais, de quanto o Bentinho lhe dissera sobre as altas qualidades da moça. Via que á intelligencia, juntava a beleza e o espirito.

Em dado momento, Margarida voltou-se gracejando:

— Não tenha receio: não tenciono cobrar-lhe a declaração explosiva desta manhã. Ia fazê-la, não propriamente a mim, mas a um fantasma, creado por sua imaginação. Já deve estar curado. E não se esqueça de jogar fóra o seu binoculo: com toda certeza o defeito é dele.

Loureiro, fascinado cada vez mais com o adoravel sorriso da moça, interrompeu-a:

— Mas a senhora está dizendo coisas inexatas. Não estou nem quero ficar curado. Já ouviu esta manhã a minha declaração. Sabe como ela é — e isso me dispensa de repeti-la. Responda, porém, como si a estivesse acabando de ouvir. Diga “sim”

Margarida ficou vermelha como uma papoula. Exclamou assombrada:

— Oh! Não brinque.

— Não estou brincando. E' tudo quanto ha de mais sério.

Mas a moça recusou-se a dar a resposta ali mesmo, como queria o Loureiro. Ela tinha mais juizo.

No dia seguinte, o velho Bentes, ao sair á hora do almoço, encontrou o rapaz no gabinete do filho. Era um encontro frequente. Margarida tambem estava. O velho precipitou as cousas sem querer, porque julgava tudo resolvido. Como o filho lhe houvesse contado a cena da noite anterior, ele disse a Margarida, ao passar, sorrindo:

— Ainda não me convidou, mas eu mesmo me convido: o seu padrinho de casamento se-rei eu.

E foi.

MENELIK, O LEÃO

Quando o pintor Machado quiz mudar-se para o *atelier*, vago com a morte do seu amigo Antunes, teve grandes dificuldades. Onde achar fiador idoneo? A sua reputação de caloteiro estava tão solidamente firmada como a de grande artista. Achava-se mesmo, quando o amigo morreu, com uma ordem de despejo do proprietario da casa onde habitava.

Sucedera com essa ordem um episodio engraçado. O proprietario, cuja caligrafia habitual já era deploravel, a escrevera num rom-pante de exasperação. Não havia por isso nem uma só palavra intelligivel.

O Machado deu o escrito a interpretar a varias pessoas, mas ninguem logrou entender cousa alguma.

Na realidade, embora sem ter lido nada,

ele previa bem o seu conteúdo. Fez-se, porém, de inocente e teve o topete de ir procurar o proprietario.

A recepção deste — e aliás não surpreendeu o Machado — esteve longe de ser das mais amáveis. Ia o pintor tirando da sua ensebada carteira a ininteligivel missiva e começara exactamente dizendo tê-la recebido e não a ter podido entender, quando o proprietario, rubro de cólera, o interrompeu, recusando ver o papel:

— O escrito aí quer apenas dizer: “Ponha-se na rua!” Mais palavras ou menos palavras pouco importam. O sentido é este.

O fim da palestra não foi mais gentil. Machado viu a situação: tinha mesmo de mudar-se. Mas para onde? Para onde?

Nesse momento vagou o *atelier* do Antunes. Nele havia uma esplendida sala com sete metros de comprimento e no fundo um grande espelho. Um ideal! Os pintores aproveitam esses casos, porque, pondo um quadro na parede fronteira ao espelho e colocando-se junto do quadro, podem ver-lhe a imagem ao dobro da distancia. Praticamente, no caso do *atelier*

do Antunes, cubiçado pelo Machado, era como si a sala tivesse 14 metros. Magnifico!

Machado foi ao proprietario — Sr Guilherme — e formulou a sua candidatura. O homem lhe pediu fiador. O pintor teve uma idéa. Fez-lhe um pequeno discurso:

— Eu vou deixar uma casa do comendador Gloria. O senhor não ignora como o comendador é um proprietario feroz, um proprietario implacavel. No entanto, veja sua carta.

Sacou do bolso uma carta — era precisamente a da sua expulsão — na qual havia o cabeçalho da casa de comercio do comendador, e leu em voz alta, como si fôsse este o seu textual conteúdo:

“Meu caro senhor Machado,

Lamento muito a sua resolução de deixar a minha propriedade, da qual foi o melhor inquilino, o mais constante pagador.

Verifiquei com prazer não me ter enganado quando confiei na sua palavra e lhe entreguei as chaves da minha propriedade sem fiador algum, contra o meu costume.”

E num gesto cinicamente confiante o pintor passou o documento ao proprietario. Este

o tomou e procurou lê-lo; mas não entendeu nada. Teve, porém, vergonha de confessar esse fato.

O proprietario era aliás um sujeito muito miope. Usava uns óculos redondos com grossos aros de ouro. Apesar disso aproximava do rosto os jornais e papeis a ponto de quasi os esfregar nêle. Era licito perguntar si ele lia com os olhos ou com o nariz.

Via-se, entretanto, muito bem na famosa carta a assinatura: "M. Gloria" e ela corroborava o cabeçalho. O proprietario devolveu o papel e murmurou:

— Bem. bem. Isso vale mais que uma carta de fiança.

E depois de um minuto de reflexão acrescentou:

— O apartamento é seu. Aqui lhe dou a autorização para lhe entregarem as chaves.

E passou-lh'a. A custo o Machado reprimiu um sorriso. No dia immediato estava instalado na sua nova residencia: a abundancia de móveis não lhe poderia dificultar a mudança.

Esta, porém, foi comemorada com uma

comezaina festiva, em companhia de cinco camaradas. A regra nessas comezainas era que cada um trazia alguma cousa “para melhorar a boia” A’s vezes, no entanto, essa melhoria era toda a boia. Havia, porém, de bom a alegria daquelas seis almas moças, despreocupadas, cheias das mais prodigiosas esperanças.

O estratagema do Machado para apanhar as chaves obteve um enorme sucesso de hilaridade.

Acabado o jantar, saíram juntos os seis a passear. A noite estava tépida, deliciosa. Perto viera instalar-se um circo: O Grande Circo Transatlântico. Seria igualmente difícil dizer porque ele era Transatlântico e porque Grande. Bem pelo contrario, constava de uma pequena armação de lona e uma pequena arquibancada. Quanto á pista central era do tamanho regulamentar, fixado pela convenção internacional para todas as pistas de circo.

Os seis artistas instalaram-se nas arquibancadas e foram os espectadores mais alegres e ruidosos da noite. Com o palhaço, de uma estupidez fenomenal, travaram longos dialogos. Isso divertiu imensamente o publico. Um

numero, entretanto, causou impressão tremenda no Machado: era uma mulher montada num cavalo em pêlo. Fazia coisas realmente maravilhosas.

A mulher era soberba. Tinha um corpo fino, elástico, admiravel. O cavalo no qual trabalhava — e trabalhava quasi nua, apenas com um ligeiro calção e duas pequenas couraças, sustentando os pequeninos seis, firmes e lindos — merecia tambem os maiores elogios.

— Um admiravel quadro a fazer: *A Amazona*, pensou o Machado.

Aos seus olhos de pintor essa téla appareceu immediatamente: nua, muito branquinha, no cavalo todo negro. Seria lindo!

Além desse numero, o mais notavel era o leão Menelik.

O dono do circo apparecia e fazia um discursinho. Explicava como o leão fôra apanhado na Núbia. Era feroz e traígoeiro. Nunca pudera ser bem domesticado. Tinha matado dois domadores.

O proprietario pedia aos espectadores que durante a exhibição de Menelik se abstivessem de fumar. Os pontos acesos de fogo tinham o

dom de irritá-lo e, já mais de uma vez, a féra avançara para as arquibancadas onde havia fumantes.

Dito isso, baixavam-se muito as luzes. O leão trabalhava em meia escuridão. Ouviam-se muitos urros e o domador parecia extremamente medroso, porque a cada passo multiplicava os tiros de pólvora seca, para assustar a féra. Esta, porém, pouco fazia.

Nos dias seguintes o Machado começou a frequentar o circo durante o dia, para convencer a mulherzinha do cavalo, afim de vir pou-sar para o seu quadro.

O Machado era um belo rapaz. Muito inteligente e alegre, não lhe faltava lábia. Facilmente conseguiu o seu desejo e a mulher decidiu-se a pousar para o quadro por ele projetado. Por sua vez, ele entrou na intimidade do diretor e de todos os artistas do Grande Circo Transatlantico. Praticamente, parecia fazer parte da companhia.

Estava radiante. O quadro foi ficando soberbo. Mas no meio de tudo, ele se esquecia apenas de uma cousa: de pagar a casa.

Não foi de admirar quando um dia ania-

ñheceu com uma ordem formal de despejo do proprietario. Em uma carta insolentissima este lhe dizia: Rua! imediatamente na rua!

Mas o Machado mostrou-se á altura da situação:

Foi ao telefone:

— Faça o favor de vir cá amanhã ás 3 horas da tarde, trazendo o recibo não só do vencido como dos tres mezes do proximo trimestre. Pagarei adiantado. Traga o recibo já selado e prontinho!

O proprietario não cabia em si de espanto: mas rejubilou. Lá estaria, no dia immediato, com o recibo. Iria em pessoa fazer o recebimento, como aliás era o seu costume.

E no dia seguinte lá estava, de fato, sendo recebido pelo Machado, com uma cara muito séria.

O Sr. Guilherme, com os seus grandes oculos de aro de ouro, cumprimentou o pintor, entrou e preparou-se para receber o dinheiro. Foi mesmo logo retirando o recibo da carteira. O Machado lhe moderou um pouco a pressa:

— O Sr Guilherme terá a bondade de

demorar-se alguns minutos, porque eu estou esperando o dinheiro. Não perderá muito tempo.

Posto de bom humor pela perspectiva da soma a embolsar, o proprietario corria os olhos pela casa. Viu no fundo o quadro com a Amazona. Era realmente uma formosa tela. O contraste entre o corpo muito branco da mulher e o pêlo sedoso e negro do cavalo fazia cada um deles realçar o outro. Mesmo a despeito da sua miopia e da sua absoluta falta de educação artistica, o capitalista não podia deixar de admirar.

O Machado interveio:

— Tenho trabalhado, meu caro senhor

Mas quando o proprietario ia talvez fazer um cumprimento ouviu rosnar surdo e viu alguma cousa a mover-se.

— Como se chama aquilo? Parece um leão.

— Parece, não — corrigiu o Machado. E' o mais autentico dos leões.

— Mas o senhor tem um leão dentro de casa?!

— Nada mais natural. Precisando pintar

uma cena do deserto, obtive para modelo o leão do circo vizinho, o Menelik.

— O Menelik! saltou o proprietario horrorisado, pondo-se de pé. Mas isso é um perigo enorme!

Ele ouvira os netinhos falarem-lhe da terrivel fera.

Durante esse tempo, o Menelik se aproximava. Machado aconselhou ao Sr. Guilherme:

— E' melhor o senhor tirar os óculos. Com os seus grandes aros de ouro, eles espantam e podem irritar um pouco o animal.

Este era devéras o autentico Menelik do Grande Circo Transatlantico. Como si tivesse entendido o que se dizia, o leão adiantou-se e rosnou ameaçadoramente.

O Sr. Guilherme deu-se pressa em obedecer á sugestão do pintor. Era para ele um inconveniente, porque ficava quasi cego. Continuava a murmurar:

— E' um perigo... E' um perigo...

Machado, com um grande desprendimento filosofico, lhe respondeu:

— Ora, Sr. Guilherme, de perigos vive-

mos nós cercados. E não são os visíveis os piores.

O proprietario não parecia conformar-se com esta resignação evangelica. Todo ele tremia.

— Mas o senhor não tem medo?

— O animal não é tão feroz como o fazem crer os reclames do circo. Salvo um ou outro caso, quando se irrita com certos visitantes, tudo vai bem. Outro dia, por exemplo, aqui veio um moleque. Menelik embirrou com ele, avançou e, com uma dentada, arrancou-lhe a barriga da perna esquerda. Tambem não foi além. Hoje pela manhã aqui esteve o idiota de um advogado, que me quer fazer pagar 3:000\$000 pela barriga da perna do moleque.

— Mas o advogado tem razão! ponderou o proprietario.

E prudentemente annunciou a intenção de retirar-se.

—Eu voltarei amanhã ou mandarei alguém, Sr Machado.

Menelik, que rodava lentamente pela sala, rosnou surdamente e foi deitar-se bem junto da porta da saída.

— E esta!

Machado atalhou com energia:

— Tenha paciência, Sr. Guilherme. O senhor me escreveu uma carta muito áspera, muito desagradável e eu não durmo outra noite com aqueles desafôros pesando sobre mim. O senhor hoje quando sair d'aqui, não será mais meu credor. Sairá quite. Seremos amigos, mas não lhe deverei mais nem um vintem.

A agitação do capitalista crescia de momento a momento. Todo ele tremia lançando olhares furtivos para o lugar onde estava o leão. Aliás, sem olhos como estava, distinguia apenas uma massa confusa e rosnante. Porque Menelik parecia estar ficando irritado. E por sua vez, firmemente, o pintor repetia: O Sr. Guilherme, ao sair naquele dia dali, não seria mais seu credor. Ele, Machado, tinha “atravessada na garganta” a carta insultuosa do proprietário.

Este, porém, ao passo que os roncos de Menelik cresciam, tremia de pavor. Todo o seu corpo, e era um corpanzil obeso, tremia como uma mola de campainha elétrica em vibração. Afinal, sacando da carteira o recibo do pintor,

recibo por todo o passado e mais os tres mezes por vir, disse-lhe gaguejando:

— Olhe, Sr Machado, eu não posso mais esperar. Tome! Tome! O senhor não me deve mais nada. Estamos quites! Estamos quites! Eu não posso continuar a correr aqui este perigo. A vida é mais importante que alguns mil réis. Afaste esse leão para eu saír.

Machado, tomando o papel e metendo-o no bolso, ia, entretanto, dizendo:

— Quanta impaciencia, Sr Guilherme! O senhor não corre perigo.

E mandou o leão afastar-se:

— Sai, Menelik!

O leão saíu. Machado ainda viu no corredor o Sr. Guilherme repondo os óculõs e partindo.

Ao fechar então a porta, levantou o leão, abraçou-se com ele e dansaram um maxixe furioso. Porque o famoso Menelik não passava de um embuste do Grande Circo Transatlantico. Era um figurante habil quem envergava a pele do animal. Por isso o diretor do circo tinha o cuidado de preparar aquela encenação, baixar as luzes, pondo tudo quasi ás escuras.

Intimo do diretor, como acabara por ser, Machado passara tambem a intimo de Menelik.

E agora os dois, abraçados, maxixavam furiosamente e o Machado agitava na mão o recibo.

VOLTA AO PASSADO

Seria difícil imaginar paisagem mais seca, mais árida, mais inóspita. De um extremo a outro do horizonte, estendia-se uma planície de ervas rasteiras. De espaço em espaço, havia mesmo largas placas sem vegetação alguma, onde as rochas do subsolo afloravam, nús. Árvores, algumas, raras. Essas mesmas eram todas magras e finas, com um feixinho de ramos nos cimos e nesses ramos, apenas algumas folhas quasi sem pé. Eram árvores habituadas a ser batidas pela ventania e cujas folhas pareciam agarrar-se aos troncos, com medo de ser arrebatadas. No fundo do horizonte havia uma altíssima cadeia de montanhas. Eram também de uma aridez absoluta. Nelas, de espaço a espaço, com grandes intervalos, minúsculos arbustos, ervinhas raras. Às vezes,

cabras as iam roer De longe, vendo-as, ficava-se admirado sem saber como aqueles animais, tinham podido chegar até ali. Um prodigio de equilibrio.

Em certo ponto, exactamente o mais alto, a montanha era fendida de alto a baixo verticalmente. Faltava justamente uma fatia.

A' saída dessa abertura do monte, estava a casa unica existente no lugar: posto de cobrança de impostos. Ali, era, de fato, a fronteira com o país visinho e ali, portanto, o ponto preferido pelos contrabandistas para tentarem entrar com as suas mercadorias.

Mas, depois que o Mateus tomara conta daquele lugar, a situação mudára. Porque a vigilancia do Mateus era infatigavel. Ele dizia sentir "cheiro de contrabando" á distancia.

E parecia, de fato, senti-lo, porque raro não era o apanhado. O interessante era ver o Mateus: nunca se zangava. De bom humor, gracejando, ia fazendo o seu serviço. As multas deviam ser divididas entre ele e o Governo, mas raramente Mateus as cobrava.

— A multa, dizia ele, ás vezes, ao contra-

ventor, tu já pagaste com a vergonha de teres querido me enganar e teres sido apanhado.

Certa vez, quando um grupo de criadores, com os seus rebanhos, tinha chegado, um deles, levemente alcoolizado, lembrou-se de provocar o Mateus para uma luta. Os outros faziam roda, já contentes com esse espetáculo sempre o mais apreciado por gente rude. Ninguém, aliás, apostaria no Mateus, porque o seu contendor tinha fama de valentão.

Mas não a justificou. Viu-se o Mateus batê-lo em meia dúzia de golpes ágeis e vigorosos. Dois minutos depois, estava caído por terra com o rosto em sangue.

O Mateus chamou para dentro:

— O' Sofia! prepara aí a bacia e a toalha para um amigo ir aí lavar o rosto.

E ajudava-o a caminhar, amparando-o.

— Que foi? Que foi? — acudiu Sofia perguntando.

— Este amigo caíu e machucou-se.

Quando, porém, o malferido valente entrou na casa, felicitaram o Mateus. Este acalmou os louvores:

— Na minha terra eu era o campeão de

box e o campeão de jiu-jitsu. Pensei, no entanto, que o velho braço tinha esquecido essas brincadeiras.

E não deixou a conversa continuar sobre esse assunto. Começou a fazer o serviço, graçeando com uns e com outros. Mas d'aí por diante o respeito por ele ainda aumentou. Era devéras, ao mesmo tempo, querido e temido.

Ele tinha ido para ali aos 25 anos. Sobre esses, outros 25 tinham passado. Quando chegou, vinha com a mulher e o filho pequeno. Mais tarde, a mulher morrera, o filho fôra fazer o serviço militar e acabara empregado na cidade. Pesara sobre a casa uma imensa solidão. Uma companheira viera dissipá-la.

Foi o melhor tempo de sua vida. Essa companheira, Sofia, tinha 30 anos. Era a personificação da alegria. A casa parecia um viveiro de passaros, tanto ela se multiplicava por toda parte e sempre cantando.

Ao fim de algum tempo, Mateus viu, no entanto, como a situação não podia durar. O passaro ia cantando cada vez menos. Caía sobre aquela habitação a ambiencia da solidão agreste e áspera. Si o olhar se estendia para

um lado era, a perder de vista, a planície nua. Si se voltava para o outro, encontrava a encosta da montanha a pique, também nua, também deserta. Uma desolação, a estender-se sem fim, a elevar-se sem fim.

Para lutar contra esse estado de cousas, Mateus resolveu dar todos os meses, na noite do primeiro sabado, uma festinha: cantos, dansas, cerveja á farta. Sofia acolheu bem a idéa, que foi executada. Ao som de uma pequena vitrola se dansava. Vinham de longe para isso, em parte pela alegria da reunião em parte pelo desejo de agradar “seu agente”

Mas uma festa de mês em mês pouco valia. Quando, em uma noite escura, alguém atira qualquer braza de um lado para outro, um risco de fogo corta a escuridão, mas a escuridão torna a formar-se e ainda parece mais negra, mais densa, mais hostil. Sucedia isso com aquelas festinhas mensais. Serviam para espessar a tristeza dos outros dias.

Sofia não podia mais: a exuberancia do seu temperamento sufocava naquela agressiva solidão.

Um dia chamou o Mateus:

— Tenho uma coisa triste para dizer-te.

Ele se apoiou de costas á mesa de pinho branco da cozinha e disse, resignado:

— Eu sou. Mas dize, dize.

Sofia lhe expoz o seu caso. Não tinha dele nenhuma queixa, mas sentia não poder viver ali. Ia deixá-lo. Podia ter feito isso sem preveni-lo, desaparecendo de um dia para outro; mas isso não estava no seu carácter. Não queria sair como escrava fugida, nem se afastar sem agradecer-lhe quanto havia feito por ela.

Mateus ouvia, de cabeça baixa. De tão baixa não se lhe via o rosto.

Sofia calou-se por algum tempo. Depois interpelou o companheiro:

— Tu não dizes nada?

Ele levantou o rosto, pelo qual escorriam duas lagrimas e apontando para elas murmurou:

— Digo isto.

E ela replicou, fazendo o mesmo gesto e mostrando estar igualmente chorando:

— Isso tambem eu estou dizendo.

Houve um silencio. Depois Sofia acrescentou:

— Eu fiz um embrulho de quanto julgo ser meu. Amanhã ou depois, mandarei alguém buscá-lo. Você verifique si eu me enganei e puz alguma cousa que não me pertença.

Mateus aprumou-se bruscamente. Os olhos levar é a mim.

— E tu me julgas capaz disso: de revistar teus objetos? Aqui tudo é teu.

Sofia viu que o tinha maguado profundamente. Dirigiu-se a ele, contrita e humilde:

— Perdôa, Mateus. Eu não estou regulando minhas palavras.

— Pois precisas regular, porque si dás apenas ordem a teu portador para levar as coisas tuas, a primeira coisa que ele quererá faiscando de indignação:

Ela sentiu quanto esse gracejo triste, era, como tantos outros, uma realidade profunda...

Sofia partiu. Da janela, Mateus a seguiu, seguiu, seguiu. Enquanto houve o mais leve vestigio dela, não descolou os olhos da sua imagem. Ia diminuindo, diminuindo, diminuindo.

Caía a noite. Uma ventania furiosa sacudia as raras arvores isoladas da planície.

Caía a noite.

Ele tinha perdido a noção de tudo: havia dentro do seu cérebro um vácuo de morte. Nem uma imagem, nem um pensamento nítido.

Caía a noite fóra e dentro dele. Horas passaram. A tréva se adensou. Só se ouvia o uivo furioso do vento.

Afinal, com grande esforço, ele procurou arrancar-se áquele marasmo doloroso.

Tres dias depois devia passar por ali, na sua visita de trimestre, o inspetor regional. Vinha, arrecadava o dinheiro das cobranças e levava a papelada administrativa.

O dinheiro naquele posto fiscal não era muito, mas a papelada burocratica — mapas, guias, recibos. — era enorme.

Para se ocupar, para fazer qualquer coisa, para ver si distraía um pouco o espirito maguado, o Mateus começou a organizar aquele trabalho. Na repartição central os seus mapas tinham fama de ser modelos de nitidez e ordem. Nos ultimos anos, já nem quasi eram examinados. Ao passo que os outros sofriam uma inspeção meticulosa, os dele passavam sem

mais estudo. Em vinte e cinco anos, únicos, não tinham merecido jamais, em ocasião alguma, sequer a mais pequena observação.

Mateus embrenhou-se naquele cipoal de algarismos. E foi assim, noite adiante, até de madrugada.

Ao terminar, disse a si mesmo em voz alta:

— Quantas tolices terei eu cometido! Preciso mais tarde rever tudo isto.

Reviu á noite e verificou que tudo estava certo: não teve o que emendar. Já automaticamente fazia o trabalho perfeito.

Quando o Inspetor Regional chegou, Mateus o recebeu como de costume: deu-lhe a chicara de café ritual, entregou-lhe os papéis e o dinheiro. O Inspetor, um velho seco, risinho e amavel, passava em um velho automovelzinho, por ele mesmo dirigido. Chegando, verificou apenas a soma recebida e deu o necessario recibo. Já era tarde, não se demorou. Aliás esse era sempre o costume do Inspetor; apressado, ativo, alegre. E seguiu.

Mateus acompanhou-o com o olhar. A noite decia rapidamente. Dentro em pouco, o que

seus olhos humedecidos pelas lagrimas viam, olhando sempre na mesma direção, já não era a figura do que acabava de sair, mas a da que se fôra dois dias antes na mesma direção. Evocava-a. Alucinava-o.

Ficou assim muito, muito tempo.

Tinham passado mais de tres horas, depois que o Inspetor partira, quando alguém, vindo do ponto em que o automovel dele se sumira, mas vindo em um bom automovel, embora pouco elegante, gritou-lhe á porta:

— Então, Mateus, estiveste quasi a perder o teu dinheiro?

— Que dinheiro?!

O recém-vindo contou-lhe o que ocorrera. O automovel do Inspetor fôra assaltado por alguém que colocara algumas pedras no caminho para forçar o carro a parar. O assaltante dera vigorosas pauladas na cabeça do velho, rachando-a. Quasi o matara. Rapidamente lhe tirara todo o dinheiro. Não pudera, entretanto, gosar nada. Por uma deploravel coincidência para ele, tres carros com turistas alegres, que vinham em poderosos automoveis, chegaram justamente nesse momento, foram tam-

bem obrigados a parar e, graças a isso, apanharam o salteador no mais flagrante dos flagrantes, levando-o preso.

— E quem era?

— Era o Albano, com quem agora está a Sofia.

Foi por aí que Mateus soube este ultimo pormenor. Ele o ignorava.

A narração do informante era absolutamente justa. O Albano? Um belo rapaz, de origem espanhola, operario em uma fabrica da cidade. Frequentava as festas do Mateus. Gossava de bôa fama. No entanto, o Mateus podia gabar-se de bom fisionomista, porque mais de uma vez dissera a Sofia, na intimidade, quando aliás de nada desconfiava entre os dois: “Aquele sujeito não tem bons olhos” E, de fato, eles assumiam frequentemente uma expressão má. Isso não escapara a um observador inteligente como era o Mateus.

Si o Albano tivesse tido tempo de fugir, ninguém, entretanto, desconfiaria dele. Mas na planicie imensa, a pedra junto da qual o fato ocorrera era unica. Ademais os automoveis dos excursionistas vinham a uma veloci-

dade enorme. Quando ele os viu, não teve mais tempo de fugir e esconder-se. Apesar disso, tentou correr, mas deu apenas alguns passos: foi inútil. Buscou resistir, puxando um revólver, mas os excursionistas estavam todos armados e ele se achou sob a pontaria de seis armas excelentes. Viu bem, que si resistisse, seria fuzilado impiedosamente.

Os excursionistas amarraram-no como um leitão e puzeram em um dos carros. No outro, com infinitas cautelas, levaram o Inspetor, gravemente ferido.

Desde que soube que o caso do Inspetor se ligava em parte a Sofia, Mateus tomou a norma de não falar nisso a ninguém, a ninguém perguntar cousa alguma sobre o fato. Mas o posto constituia o centro de encontro de gente loquaz, e, como essa era a grande occorrença do lugar, querendo ou não, por trechos de conversas, foi sabendo tudo quanto havia.

O Inspetor esteve entre a vida e a morte perto de tres mezes. Durante esse tempo, o processo prosseguiu. Os excursionistas, convidados a depôr resolveram que viriam em pessoa: seria um passeio. Eram moças e rapazes

ricos. Isso lhes quebrava a monotonia da vida ociosa.

Afinal, quasi ao completar o quarto mês, marcou-se o dia do julgamento.

Ele correu sem incidentes. Albano se resignara á sua sorte e tudo confessara. Quanto á cumplicidade de Sofia, ele a negara firmemente: sustentara a sua absoluta ignorancia do processo. Isso, entretanto, não convenceu o promotor e a moça continuou presa.

No dia do julgamento, o Tribunal da cidadezinha, onde o caso se julgava, estava repleto, transbordante, apesar de não apresentar o fato novidade alguma ante a confissão do réu. Mateus, a ultima pessoa que falara ao velho inspetor antes de ser este vitima do crime, figurava como testemunha.

O promotor, embora sem necessidade alguma, diante de um caso liquido, foi prolixo. Depois de atacar o Albano, lembrando outros crimes, dos quais só agora começavam a suspeitá-lo, tratou de Sofia. Outra, a seu vêr, não podia ter sido a inspiradora do bandido, a sua incitadora.

Nesse momento, da cadeira de testemunha

onde estava, Mateus fez um gesto ao juiz, pedindo-lhe para falar.

O promotor calou-se e avidamente acudiu, reforçando também por gestos ao magistrado a solicitação.

Previu logo como aquele homem, ferido tão recentemente pelo abandono de Sofia e conhecendo-a profundamente, não podia deixar de trazer algum depoimento oportuno e talvez decisivo contra ela.

Mateus em voz alta e pausada, interveio:

— O senhor promotor acha que o criminoso terá agido por instigação da sua nova companheira. Eu tenho certeza de que isso não aconteceu.

Juiz e promotor, ao mesmo tempo, exprimiram pela mesma palavra o seu espanto:

— Certeza ?!

Mateus retomou a sua exposição:

— Eu vivi com essa mulher tres anos e tanto. Nossa casa, o posto de fiscalização das rendas, é um ponto pelo qual passam todos os contrabandistas destes arredores. Aí sabiamos de todos os crimes destas redondezas. Uns os contavam apenas, outros os louvavam, outros

os censuravam. Sofia, sem uma exceção, sem uma atenuação para estes ou aqueles, sempre condenou tudo quanto era crime, quanto era violencia, quanto era brutalidade. Fazia isto diante dos outros e na intimidade comigo.

Uma pausa e concluiu.

— Aí está, Sr. Juiz, porque eu tenho certeza de não ter ela inspirado crime nenhum. Eu devo conhecê-la: tres anos não são tres dias.

O Juiz era um velhinho amavel, muito atento, mas nem sempre se continha rigorosamente dentro de suas funções. Frequentemente intervinha nos debates.

Fez isso ainda uma vez:

— Tem razão. Seu depoimento é decisivo.

O promotor não quiz ficar atraz. Ele não tinha aliás prova alguma de suas conjecturas. Sentiu, sobretudo depois da manifestação do Juiz, que perderia a partida quanto á Sofia, e declarou imediatamente abandonar a acusação a seu respeito. Teve apenas, para terminar, algumas frases ferozes contra o Albano.

Em tais condições, o julgamento era facil

de prever: a condenação do criminoso, com todas as agravantes do Código, e a absolvição completa de Sofia.

A sessão do Tribunal terminou quasi ao fim da tarde. Quem ia saíndo seguia logo para suas casas. Alguns, porém, ficaram em pequenos grupos nas visinhanças do Tribunal, para ver a partida do criminoso, de Sofia, do Juiz, das testemunhas. Mateus, transposta a porta, meteu-se entre esses grupos, de modo a não ficar muito em evidencia, querendo ver passar Sofia, sem por ela ser visto.

Mas foi em vão. Assomando á porta do Tribunal, a moça parou um pouco e seus olhos inquiridores, perscrutando, verrumando as trevas para ver si descobriam Mateus, prontamente o acharam. Sofia dirigiu-se a ele, de mão estendida:

— Eu não quiz ir-me embora sem te agradecer: a ti devo a minha liberdade... Adeus.

E apertou-lhe a mão fortemente. Depois, destacando-se, murmurou ao partir, falando mais comsigo mesma:

— Si arrependimento salvasse...

Mateus, ainda a ouviu. Pôz-lhe a mão no ombro para forçá-la a parar:

— Salva, sim; vem!

Ela teve um deslumbramento. Docilmente, sem uma palavra, quasi diria, encolhidinha de alegria, de uma alegria intima a penetrá-la toda, acompanhou-o.

Na mesma direção não ia mais ninguém. O casal seguiu só, unidinho de novo.

A noite era boa, tépida, agasalhadora.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).